O COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E A DINÂMICA DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL

Fátima Marília Andrade de Carvalho
Engenheiro Agrônomo

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Leite da Silva Dias

Tese apresentada à Escola Superior
de Agricultura “**Luiz de Queiroz**”, da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutora em
agronomia, Área de Concentração:
Economia Agrária.

PIRACICABA
Estado de São Paulo - Brasil
1995

**CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO -
CAMPUS LUIZ DE QUEIROZ / USP**

Carvalho, Fátima Marília Andrade de
O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo
agroindustrial. Piracicaba, 1995.
126P.

Tese - ESALQ
Bibliografia.

1. Exportação agrícola - Brasil 2. Indústria agrícola - Brasil
3. Produto agrícola - Exportação I. Escola Superior de Agricultura Luiz de
Queiroz, Piracicaba

CDD 338.14
630.209

O COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E A DINÂMICA DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL

FÁTIMA MARÍLIA ANDRADE DE CARVALHO

Aprovada em: 09.10.1995

Comissão julgadora:

Prof. Dr. Guilherme Leite da Silva Dias

FEA/ USP

Prof. Dr. Paulo Fernando Cidade de Araújo

ESALQ/ USP

Prof. Dr. Joaquim Bento de Souza Ferreira Filho

ESALQ/ USP

Prof. Dr. Antônio de Carvalho Campos

DER/ UFV

Prof. Dr. Simão Silber

FEA/ USP

Prof. Dr. Guilherme Leite da Silva Dias
Orientador

Aos meus filhos Noelle e Paulo Henrique.

Eles sabem o porquê.

AGRADECIMENTOS

É impossível produzir um trabalho científico sem uma orientação firme e segura, sem um envolvimento profundo com o tema e sem a ajuda de amigos. Assim gostaria de deixar registrada aqui minha enorme gratidão, pelas contribuições que recebi, algumas certamente imprescindíveis.

Ao Departamento de Economia Rural da UFV, pelo apoio fundamental em todas as fases, especialmente na elaboração da tese.

Ao Departamento de Economia da ESALQ/USP, com o qual contrai um débito de gratidão por tudo que aprendi.

À CAPES, pelo importante apoio financeiro.

Ao Prof. Guilherme Leite da Silva Dias, pela inteligente orientação e pelo tempo que pôde me dispensar entre tantas outras atividades.

Ao Prof. Paulo Fernando Cidade de Araújo, membro da banca examinadora professor e amigo, um agradecimento especial pela amizade que me demonstrou desde que cheguei em Piracicaba.

Aos demais membros da banca examinadora, Prof. Antônio de Carvalho Campos, Prof. Joaquim Bento e Prof. Simão Silber, pelas valiosas e construtivas sugestões.

Ao Dr. Mauro de Resende Lopes, pelas brilhantes idéias e pelo pronto atendimento, sempre que o procurei.

Ao Prof. Fernando Rocha, amigo incomparável, grande incentivador em todos os momentos.

Ao Marcos Jank, um amigo que não me deixou desistir, uma ajuda fundamental.

Ao meu colega Armando, que de forma muito prestativa, me ajudou a resolver dúvidas surgidas em diferentes fases.

Aos amigos Zé Mário, Nilton e Joquinha, pela competente atuação, sem a qual o trabalho de processamento dos dados teria sido impossível. Agradeço, ainda, o apoio de Brilhante e Paulo Rigueira nesta fase.

Aos meus colegas de curso, pelas interessantes e sempre proveitosas discussões e pelos bons momentos que passamos juntos. Obrigada, especialmente a Ângela e Ana;

À minha família, um agradecimento especial, pela maneira consciente e constante que me apoiaram.

À Dadinha, Lúcia e Lilian, pela ajuda fundamental na solução dos diferentes problemas do cotidiano.

Finalmente, aos meus filhos, Noelle e Paulo Henrique, a quem dedico esse trabalho, as minhas desculpas pelo tempo que não pude lhes dedicar e que nunca me foi cobrado.

À ajuda anônima que certamente recebi.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE FIGURAS	ix
RESUMO	xi
SUMMARY	xiii
1. INTRODUÇÃO	1
2. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA	9
2.1. Introdução	9
2.2. Tendência gerais da pauta de exportações	11
2.3. Tendências das exportações por agregado de produto: básicos, semimanufaturados e manufaturados	16
3. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DA PAUTA DO SETOR AGROEXPORTADOR NO MERCADO INTERNACIONAL	31
3.1. Introdução	31
3.2. Tendências das exportações por agregados básicos, semimanufaturados e manufaturados	33
3.3. Tendências das exportações por agrupamentos de produtos	45
4. FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA	65
4.1. Referencial Teórico	65
O modelo CMS	66
O efeito competitividade	71
Escolha dos padrões de análise	74

	Página
Indicados de Vantagem Comparativa Revelada	77
4.2. Análise dos resultados	78
5. CONCLUSÕES	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
APÊNDICE 1 : Classificação dos produtos da agroindústria brasileira por agregado	109
APÊNDICE 2 : Relação dos complexos agroindustriais brasileiros exportados ...	111
APÊNDICE 3 : Série de dados das exportações da agroindústria brasileira dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados	113
APÊNDICE 4 : Taxas geométricas médias de crescimento das exportações da agroindústria brasileira, por produto	117
APÊNDICE 5 : Relação das regiões, dos blocos econômicos e dos países considerados na análise	119
APÊNDICE 6 : Relação dos complexos agroindustriais exportados no mundo dos agrupamentos de produtos	121
APÊNDICE 7 : Exportações e importações totais brasileiras e saldo da balança comercial	124

LISTA DE TABELAS

Tabela n.º		Página
1	Exportações totais da agroindústria brasileira por agregado em valor (1000 US\$ FOB de 1992) e quantidade (ton.), período 1973 a 1992 (média móvel de 3 anos)	12
2	Taxa geométrica média de crescimento do valor e da quantidade exportados pela agroindústria brasileira. Período 1971-92	15
3	Taxa geométrica média anual de crescimento das exportações brasileiras por agregado de produtos, em %	20
4	Participação percentual das exportações brasileiras por agregado nas exportações brasileiras totais da agroindústria, em %	25
5	Exportações mundiais de produtos básicos, semimanufaturados em manufaturados, em 1000 US\$ FOB de 1992 e participação percentual de cada agregado nototal exportado pela agroindústria	34
6	Exportações mundiais de produtos básicos, em 1000 US\$ FOB de 1992 e taxas geométricas de crescimento entre os períodos	35
7	Exportações mundiais de produtos semimanufaturados, em 1000 US\$ FOB de 1992 e taxas geométricas de crescimento entre os períodos	40
8	Exportações mundiais de produtos manufaturados, em 1000 US\$ FOB de 1992 e taxas geométricas de crescimento entre os períodos	43

Página

9	Exportações mundiais de cereais (trigo, milho, arroz, cevada, aveia e centeio), em milhões de US\$ FOB de 1992 e taxas geométricas de crescimento entre os períodos	46
10	Exportações mundiais de grãos oleaginosos (soja, colza, girassol e algodão), em 1000 US\$ FOB de 1992 e taxas geométricas anuais de crescimento entre os períodos	51
11	Exportações mundiais de óleos vegetais (soja, girassol, colza, algodão e milho), em 1000 US\$ FOB de 1992 e taxas geométricas anuais de crescimento entre os períodos	54
12	Exportações mundiais de farelos e tortas (soja, colza, girassol e algodão), em 1000 US\$ FOB de 1992 e taxas geométricas anuais de crescimento entre os períodos	58
13	Taxas de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras e mundiais e fontes de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras, em %	78
14	Taxas de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras e mundiais e fontes de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras, em %	91
15	Indicadores de vantagem comparativa revelada, por produto da agroindústria brasileira	94
16	Indicadores de vantagem comparativa revelada, por agregado da agroindústria brasileira	96

LISTA DE FIGURAS

Figura n.º		Página
1	Exportações totais da agroindústria brasileira, em valor (a) quantidade(b)	13
2	Índice de preços externos dos produtos exportados pela agroindústria brasileira.....	14
3	Exportações da agroindústria brasileira de produtos básicos, em valor (a) e quantidade (b)	17
4	Exportações da agroindústria brasileira de produtos semimanufaturados, em valor (a) e quantidade (b)	18
5	Exportações da agroindústria brasileira de produtos manufaturados, em valor (a) e quantidade (b)	19
6	Índice de preços externos dos produtos exportados pela agroindústria brasileira: básicos, semimanufaturados e manufaturados	21
7	Participação dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados no valor total exportado pela agroindústria brasileira	24
8	Participação dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados na quantidade total exportada pela agroindústria brasileira	24
9	Produtos básicos - evolução das exportações mundiais das principais regiões exportadoras	36

Figura n.º		Página
10	Produtos semimanufaturados - evolução das exportações mundiais das principais regiões exportadoras	41
11	Produtos manufaturados - evolução das exportações mundiais das principais regiões exportadoras	44
12	Exportações mundiais de cereais, por principal mercado exportador (a) e por bloco econômico (b)	47
13	Grãos oleagionosos - evolução das exportações mundiais das principais regiões exportadoras	52
14	Óleos vegetais - evolução das exportações mundiais das principais regiões exportadoras	55
15	Farelos e tortas - evolução das exportações mundiais das principais regiões exportadoras	59

O COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E A DINÂMICA DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL

Autora: FÁTIMA MARÍLIA ANDRADE DE CARVALHO

Orientador: PROF. DR. GUILHERME LEITE DA SILVA DIAS

RESUMO

O setor agrícola brasileiro apresenta, desde o início da década de 80, um padrão de crescimento bastante diferenciado do que prevaleceu nos anos 70. De um contexto em que as exportações lideravam o processo de crescimento impulsionadas por preços internacionais favoráveis, por incentivos financeiros à produção e por investimentos em inovações tecnológicas, a agricultura passa a crescer, explorando o potencial representado pelo mercado interno.

O processo generalizado de redução do ritmo de crescimento das exportações agroindustriais ocorre, de forma mais acentuada, no grupo dos exportáveis tradicionais. Simultaneamente, vão ocorrendo mudanças na estrutura na pauta de exportações em termos de maior diversificação, passando a liderar “commodities” com maior valor adicionado ou maior grau de industrialização.

O objetivo desse trabalho é analisar o comportamento das exportações agroindustriais brasileiras nas últimas décadas no contexto dessa nova natureza de inserção do Brasil no mercado internacional e os principais fatores que direcionaram o País a esse posicionamento.

O processo de transformação da estrutura da pauta, que é evidenciado nos resultados obtidos, está sendo liderado principalmente pelos produtos farelo de soja, pasta química de madeira, suco de laranja, tecidos, peles

e couros, dentre outros. Os indicadores de Vantagem Comparativa (VCR) confirmam esses resultados na medida em que apresentam, para esses produtos, valores sempre crescentes.

Apesar de não ser este um fenômeno específico do Brasil, uma vez que vem ocorrendo em outros países, especialmente da América Latina, é muito mais intenso e persistente no mercado agroexportador brasileiro.

A decomposição das fontes de crescimento das exportações, obtida pela aplicação do método de Constant-Market-Share (CMS), mostrou a importância do crescimento do comércio mundial e da competitividade no desempenho das exportações agroindustriais brasileiras em todos os períodos. A contribuição dessas variáveis como fatores explicativos ocorreu, no entanto, em sentidos opostos, resultado associado aos diferentes fenômenos econômicos externos e internos que foram ocorrendo ao longo de cada período analisado.

O maior estímulo ao crescimento do setor agroexportador é resultado direto do dinamismo do comércio internacional e da expansão da capacidade tecnológica. Esta aparece como a alternativa mais viável na consolidação de vantagens comparativas já adquiridas em setores tradicionais, na sua ampliação em setores que sinalizam os espaços potenciais e na exploração de novas vantagens comparativas, em nichos de mais alta tecnologia.

THE BRAZILIAN EXPORT BEHAVIOR AND THE DYNAMICS OF THE AGROINDUSTRIAL SECTOR

Author: FÁTIMA MARÍLIA ANDRADE DE CARVALHO

Advisor: PROF. DR. GUILHERME LEITE DA SILVA DIAS

SUMMARY

Since the beginning of the 1980's, the Brazilian agricultural sector has shown a standard of growth different from what prevailed in the 1970's. The exports led the process of growth stimulated by favorable international prices, financial incentives to production and investments in technological innovations. As an outcome, the agricultural sector expanded, taking advantage of the potential opportunities of the domestic market.

The comprehensive reduction in the rhythm of the exports from the agricultural industrial shows up most in the traditional export commodities. Simultaneously, changes have occurred in the configuration of the export list. Greater diversification has been observed. Commodities with greater added value or greater degree of industrialization have been becoming the leaders.

The objective of this research is to analyze the behavior of the exports of the Brazilian agricultural industry during the last few decades, considering the new context of the insertion of Brazil in the international market and the main factors that directed the country towards this position. The process of modification of the export list is being led, specially, by soybean meal products, chemical wood paste, orange juice, cloths, skins

and hides among others. This result is made evident by the Comparative Advantage Measurements (CAM), which for these products, invariably took on increasing values.

Despite the fact that this has not been a specific Brazilian phenomenon, since it is occurring in other countries, especially in Latin America countries, it is much more intensive and persistent in the Brazilian agricultural export market.

The analysis of the sources of the export growth, using the Constant-Market-Share (CMS) method, revealed the importance of world trade growth and competition in the performance of the Brazilian agricultural industry exports in all of the periods dealt with. Their contributions as explanatory variables were confirmed, although the directions were opposite to what have been hypothesized. These may be associated with the different external and internal economic phenomena that were occurring along each period analyzed.

The major growth stimulus in the agricultural export sector resulted directly from the dynamics of international trade and the expansion of technological capacity. Of these two, the second appears to be the most reasonable alternative in the consolidation of comparative advantages already incorporated by the traditional sector, in its application to the sectors which signal potential markets and in the exploration of new comparative advantages in niches of the highest technology.

1. INTRODUÇÃO

A literatura econômica mais recente¹ apresenta evidências empíricas que comprovam o processo de inversão da tendência do padrão de crescimento que o setor agrícola brasileiro vem experimentando desde a crise econômica que se originou na década de 70, concretizou-se no início dos anos 80, com o fim dos fluxos de poupança externa, e desenvolveu-se ao longo dos anos seguintes. A contratendência do crescimento do intercâmbio agrícola dos anos 70 configura-se na perda da dinâmica das exportações desde o início da década de 80 e, mais recentemente, na estagnação do setor exportador com conseqüentes perdas de autosuficiência e capacidade produtiva da agricultura. Os baixos incentivos dos preços externos das "commodities" agrícolas, a autosuficiência dos principais países importadores e a queda da demanda externa em face dos problemas de endividamento e escassez de divisas são alguns indicadores explicativos do quadro atual.

O maior dinamismo do mercado interno passa a ser o principal motor do crescimento da economia brasileira, impulsionado por incentivos vindos do próprio mercado. A evolução mais favorável dos termos de troca domésticos e os preços internos mais atraentes trouxeram, como conseqüência, a melhoria da produção para consumo interno.

GOLDIN & RESENDE (1993) constataam, considerando os períodos de 1973/81 a 1979/89, um aumento das taxas anuais de crescimento da produção de produtos de mercado interno, como arroz, feijão, milho, trigo, algodão e cana-de-açúcar, e perda de dinamismo da produção de soja.

¹ LOPES, M. R., 1987; MANOEL, A. & BARROS, J.R.M., 1987; DIAS, G.L.S, 1989; RESENDE, G.C., 1988; GOLDIN, J. & RESENDE, G.R., 1993.

Excetuando algumas safras (1980/81 e 1986/87), os índices de crescimento da produção dos exportáveis têm sofrido reduções. Estatísticas do volume exportado no período de 1977 a 1985 mostram decréscimos de alguns produtos, como cana-de-açúcar (9%) e mamona (50%); constância no volume exportado de outros, como café e cacau; e evolução crescente apenas para o suco de laranja (14%) (MANOEL & BARROS, 1987).

Em síntese, os produtos comercializáveis no mercado internacional, que lideravam o processo de expansão do produto agrícola, perderam posição relativa para os produtos não-comercializáveis. A agricultura passou a manter seu crescimento explorando o potencial representado pelo mercado interno. A modernização tecnológica da atividade agrícola, que possibilitou a elevação da produtividade da terra e do trabalho, e mais recentemente o dinamismo da agroindústria¹ responderam, parcialmente, pela nova performance da agricultura dos anos 80.

Foram fundamentais para direcionar a agricultura brasileira para o mercado interno, além das mudanças ocorridas no comércio mundial como preços desestimuladores², os desajustes causados ao setor exportador agrícola pelas políticas comercial (taxações explícitas e implícitas) e macroeconômica (altas taxas de juros e redução dos financiamentos). Da mesma forma, a política cambial, cujas desvalorizações concedidas exauriram-se rapidamente em razão da alta da inflação, afetou de forma significativa o desempenho das exportações agrícolas. Nesse contexto, o valor das exportações agrícolas tem apresentado tendência generalizada de redução do seu ritmo de crescimento, mais acentuadamente no sub-setor de exportáveis tradicionais. MAINON et alii (1991), analisando o comportamento da produção agrícola na década de 80, verificaram a expansão da produção de alimentos básicos (feijão, milho, arroz e mandioca) e de culturas voltadas para a substituição de importações (trigo e cana-de-açúcar). Embora a quantidade produzida dos bens agrícolas exportáveis analisados (soja, laranja, cacau e café) tenha também se expandido, o valor exportado

¹ Nesse estudo considera-se como agroindústria a adaptação dos processos produtivos do setor agropecuário aos processos produtivos da indústria de transformação (SZMRECSANYI, 1990).

² Tomando o ano de 1980 = 100, os preços reais dos produtos agrícolas básicos comercializados no mercado externo situaram-se, em média, no período de 1970 a 1979, 21,5% acima dessa base e 17,3% abaixo durante a década de 80, de acordo com dados das Estatísticas Financeiras Internacionais de dezembro de 1989.

não seguiu a mesma tendência, em razão da já mencionada conjuntura adversa do mercado internacional de "commodities".

Essa perda de dinâmica das exportações brasileiras configura, para os anos 80, uma realidade diferente da experimentada na década de 70. De um contexto de liderança da agricultura de exportação, impulsionada por preços internacionais favoráveis, por incentivos financeiros à produção e por investimentos em inovações tecnológicas, além da influência indireta dos incentivos às exportações de produtos industrializados, passou-se, na década de 80, para um novo cenário: a perda de espaço no mercado internacional de produtos antes importantes na pauta das exportações agrícolas brasileiras. Como exemplo, LOPES (1987) cita os casos do arroz, do milho e do algodão, cujo abastecimento interno passou a ser, com frequência, dependente de importações. Evidência clara desse fenômeno são os picos da importação brasileira de grãos ocorridos ao final da década de 70, em 1986 e no início da década de 90 (JANK, 1994).

Condições externas de recessão mundial e aumento do protecionismo por parte dos países desenvolvidos trouxeram consequências importantes para o quadro evolutivo das exportações brasileiras na década de 80. MANOEL & BARROS (1987) chamam a atenção para o acúmulo de estoques mundiais de produtos agrícolas na primeira metade dos anos 80 e para o decréscimo das importações de bens nos EUA e na UE (União Européia).

O reforço das estratégias protecionistas dos países desenvolvidos que concentraram investimentos no setor agrícola encontrou justificativa nos preços relativamente altos dos alimentos no mercado mundial na década de 70, com destaque para o "commodity boom" de 1973/74, e nas dificuldades de importação pelos países não-produtores de petróleo. Na segunda metade dessa década, os estoques mundiais de alimentos já apresentavam um crescimento de 53% (IGLESIAS, 1990), assumindo proporções maiores durante os anos 80.

Internamente, em razão dos planos mais recentes de ajustamento econômico (a partir de 1986) impostos à economia brasileira, que puseram fim ao sistema de financiamentos a taxas subsidiadas e reduziram os gastos públicos e outros incentivos à modernização, ficou cada vez mais difícil para o Brasil gerar superávits comerciais agrícolas. Este cenário atual tem raízes históricas, por não ter o desenvolvimento do setor ocupado espaço prioritário na formulação das estratégias

econômicas dos sucessivos planos governamentais postos em prática desde a Segunda Guerra Mundial.

Analisando o setor exportador agrícola, **HOMEM DE MELO (1979)** confirma essa ausência de estímulos desde 1946, apesar do já evidente desequilíbrio do balanço de pagamentos. Além do declínio da taxa de câmbio real, as exportações agrícolas eram controladas por um sistema de licenciamento prévio e, mais tarde, por cotas, impostos e proibições.

Há certo consenso entre os trabalhos que analisaram a política agrícola no Brasil sobre a histórica taxação ao setor exportador. Apesar das políticas setoriais destinadas à agricultura, como preços mínimos, crédito rural e programas específicos de fomento, as políticas macroeconômicas afetaram a agricultura de exportação de forma mais intensa. Os profundos efeitos que essas políticas exerceram sobre os preços relativos e sobre a lucratividade da agricultura influenciaram, negativamente, o crescimento do setor com conseqüentes efeitos alocativos, que, em geral, atuaram no sentido contrário ao das políticas setoriais, com significativo desperdício de recursos. A política de promoção das exportações do período pós-64 foi direcionada para o setor de manufaturas, excluindo a agricultura que, não só continuou participando marginalmente do comércio exterior, como também sofreu uma taxação implícita, dado o desvio de recursos para a atividade subsidiada. A melhor performance das exportações agrícolas na década de 70 não é explicada por políticas diretas de incentivo, mas por um conjunto de fatores, como melhoria do preço internacional das "commodities" e efeitos da modernização estimulada pelas políticas setoriais que induziam a utilização de insumos industriais. Esses incentivos que sustentaram o crescimento do setor foram gradualmente abandonados nos anos 80, em virtude do quadro internacional recessivo.

A queda da taxa de câmbio real, a partir de 1987 (ver dados em **ZINI JR., 1989**), e suas acentuadas oscilações nos últimos anos são apontadas como fundamentais para o comportamento das exportações brasileiras. A sobrevalorização da taxa de câmbio real tornou-se mais acentuada a partir do final de 1988, tendo esse indicador atingido o mais baixo nível no início de 1990, acumulando um atraso cambial de 43,9% (**OLIVEIRA & SILVA et alii, 1993**). A partir daí, iniciou-se um período de oscilações ainda mais acentuadas: após a desvalorização ocorrida no final de 1990 e início de 1991, passou-se por um rápido período de deterioração cambial até meados de

1991, quando ocorreu novamente uma inversão e o câmbio real sofreu outra tendência de alta, porém de curta duração.

Além da política cambial, LOPES (1992) identifica outros fatores que fazem com que o Brasil tenha um forte viés antiexportador: a política comercial protege os insumos, tributa as exportações e isenta as importações subsidiadas. Em torno de 40 a 50% da renda agrícola é transferida para os Estados e para os importadores que pagam menos pelo câmbio do que pagariam numa situação de câmbio ajustado.

Em síntese, as exportações de produtos agrícolas tiveram por parte da política governamental um tratamento diferenciado do que foi dado aos produtos manufaturados, não tendo usufruído, especialmente nas últimas décadas, de políticas de incentivo, ao contrário, sofreram restrições impostas por medidas governamentais. Com o objetivo de controlar os preços dos alimentos e produzir superávits, sem elevar os preços internos, as autoridades vêm fazendo uso da política cambial, de impostos de exportação e de controle de preços.

Diferentes fatores contribuíram para a conformação desse contexto de crescimento e crise do setor exportador agrícola brasileiro. A alternância de modelos de desenvolvimento fechados e liberalizantes, contrastando medidas de estímulo do crescimento das exportações com políticas de valorização do mercado interno, e as condições externas prevalentes em diferentes momentos forçaram o setor aos ajustes necessários para enfrentar as crises.

Assim, a tendência do novo padrão de crescimento agrícola dos anos 80, de maior valorização do mercado interno, faz parte dessa dinâmica de ajuste que, ao mesmo tempo, incorpora um processo de redução do ritmo de crescimento das exportações.

O que se quer destacar, a partir desta análise geral que evidencia a perda da importância relativa da atividade exportadora agrícola, é a transformação que vem ocorrendo simultaneamente a esse processo no sentido do incremento da atividade agroindustrial. O sub-setor exportador está passando por uma substancial mudança de sua estrutura para maior diversificação da pauta em que passam a liderar "commodities" com maior valor adicionado ou maior grau de transformação industrial, como farelos, pastas, suco de laranja, papel, tecidos e peles/couros.

A expansão mais rápida de alguns setores agroindustriais vem configurando, desde o início da década de 80, uma nova natureza de inserção do Brasil no cenário internacional, mais eficiente e competitiva. A conquista de posições mais sólidas num mercado mais competitivo exige maior sofisticação dos padrões tecnológicos de produção e de processamento industrial e maior capacidade de diferenciação de produtos na busca de novas vantagens comparativas dinâmicas, com potencial para serem exploradas em nichos de alta tecnologia.

PAULA (1993) analisa essa questão como "uma dinâmica recente que acaba depositando na capacidade das empresas processadoras internas uma importância maior, em termos de conquista de mercado, do que nas empresas apenas exportadoras, em grande parte voltadas para mercados já saturados e altamente protegidos".

A realidade avança na eficiência tecnológica e no processo de integração e liberalismo econômico. O comércio agrícola mundial e, conseqüentemente, o brasileiro sofrem influência crítica do protecionismo dos grandes blocos econômicos e das barreiras comerciais em geral. Decisões importantes começam a ser tomadas pelo Brasil no sentido da liberalização como redução tarifária e de subsídios, embora tais decisões sejam ainda incipientes para reverter um sistema mais voltado para uma economia fechada. A integração econômica já é também uma realidade com a formação do Mercado Comum do Cone Sul (MERCOSUL), cujo objetivo é impulsionar as transações intra-bloco (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai), por meio do estabelecimento da tarifa zero, e com o resto do mundo pela fixação da tarifa externa comum.

A abertura externa valoriza a competitividade, cujos elementos essenciais são a incorporação de progresso tecnológico e o domínio da tecnologia a que está atrelada a eficiência do sistema agroindustrial. Pode-se observar, então, a reorganização da estrutura da pauta de exportações, em que passam a surgir, como eixos dinâmicos, os sub-setores que conseguiram avançar na maior incorporação de valor ao produto.

Dados apresentados por JANK (1990) mostram que os produtos agrícolas tradicionais (açúcar, café, cacau e algodão) passaram de uma participação de 70% das exportações totais da agroindústria no início da década de 70 para menos de 30% no início da década de 90, e que novos complexos agroindustriais ganharam maior espaço no mercado mundial, especificamente os produtos com maior agregação de valor.

PFEIFER FILHO (1990) destaca a agroindústria como um sub-setor de dupla importância, conquistando mercados externos e garantindo o abastecimento interno.

Na realidade, as exportações de produtos agrícolas semi-industrializados começaram a expandir-se desde o final dos anos 60, aproveitando a política econômica mais liberalizante e a promoção das exportações de manufaturados. Na década de 70, a taxa média de crescimento do valor das exportações de produtos da agroindústria chegou a 19% a.a., tendo este sub-setor passado por substancial diversificação (GOLDIN & RESENDE, 1993). Ao final dos anos 80, as exportações de produtos industrializados do País atingiram quase US\$ 25 bilhões a.a., estacionando as exportações de produtos básicos em cerca de US\$ 10 bilhões (JANK, 1990).

De alguma forma, essa crescente diferenciação representa uma estratégia para evitar a pesada tributação que recai sobre a categoria de produtos agrícolas primários. Resultados apresentados por Oliveira (1983) e Wemeck (1984), citados por GOLDIN & RESENDE (1993) comprovam que a adição de valor ao produto acarreta redução nos tributos pagos à exportação, que varia de 10.5% a 31.6%. Assim, a indústria de transformação beneficia-se de preços mais baixos da matéria-prima (produtos "in natura"), que tem exportação controlada e carga tributária mais pesada.

Partindo da percepção dessa nova dinâmica de inserção do Brasil no mercado internacional, que se caracteriza por uma tendência de mudança na estrutura da pauta, em termos de diferenciação de produtos, e da pressuposição de que uma base consistente de crescimento econômico passa por uma integração competitiva, das atividades produtivas aos fluxos do comércio externo, as perspectivas deste trabalho são analisar o comportamento das exportações agroindustriais brasileiras nas últimas décadas (período de 1971 a 1992), no contexto dessas transformações, e os principais fatores que direcionaram o País ao novo posicionamento no mercado internacional.

A determinação da tendência do fluxo do comércio agrícola brasileiro no mercado mundial tem de importância para o conhecimento dos espaços e as oportunidades de crescimento que poderiam ser conquistados pelo capital agroindustrial nas próximas décadas, por meio de estratégias ofensivas que impliquem a expansão da capacidade de ocupar novos mercados, em face da ordem e da estrutura atuais do comércio mundial.

Com esses objetivos, este trabalho apresenta, inicialmente (Capítulo 2), uma análise do desempenho e da evolução da estrutura da pauta de exportações brasileira, considerando cada complexo agroindustrial exportado e também em nível agregado, a partir da classificação dos produtos em básicos, semimanufaturados e manufaturados, de forma a verificar as principais tendências ocorridas nos padrões do comércio do Brasil com o exterior.

Em seguida (Capítulo 3), à semelhança do procedimento adotado para o Brasil, faz-se um diagnóstico das tendências das exportações mundiais, considerando os principais mercados continentais e, ou, blocos econômicos, por complexo agroindustrial e também para os três agregados básicos, semimanufaturados e manufaturados. A análise em nível mundial tem importância, uma vez que permite comparar os fenômenos ocorridos no Brasil com os observados no resto do mundo, ou seja, verificar se existe especificidade na dinâmica de comportamento da pauta de exportações brasileiras impulsionada por fatores internos e, ou, externos, ou se esta reflete apenas a tendência do mercado mundial.

Os fatores que tiveram influência nesse processo de mudança são detectados com a aplicação do método de Constant-Market-Share, que permite decompor os principais indicadores de fontes de crescimento das exportações. No Capítulo 4 faz-se uma descrição desse método, justificando as principais vantagens e limitações de sua utilização e discutem-se os resultados empíricos obtidos.

A análise é complementada pelo cálculo dos coeficientes de vantagem comparativa revelada, que tem por objetivo detectar que produtos vêm dominando a estrutura da pauta de exportações brasileiras ao longo do tempo. O Capítulo 5 apresenta as principais conclusões do trabalho.

2. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA

2.1. INTRODUÇÃO

As principais tendências que marcaram a evolução da estrutura da pauta de exportações da agroindústria brasileira dos anos 70 até os primeiros anos da década de 90 são analisadas neste capítulo, a partir de um conjunto de dados agregados e desagregados, de taxas geométricas médias de crescimento, e de análise gráfica.

Faz-se, de início, uma análise geral considerando as exportações totais da agroindústria, quanto ao valor e à quantidade exportada e, posteriormente, os dados são desagregados em grupos de produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados¹.

O objetivo de analisar a pauta de exportações agroindustriais brasileira a partir destes agregados relaciona-se com aspectos abordados no capítulo introdutório sobre o processo de redirecionamento por que vem passando a estrutura dessa pauta. Este processo, embora não pareça avançado, nem consolidado, permite perceber a emergência de um padrão de exportações no qual começam a sobressair e ganhar espaço no mercado internacional produtos com maior grau de transformação industrial, produtos da agroindústria

¹ Os produtos que compõem cada grupo estão relacionados no Apêndice 1, de acordo com classificação adotada pela FUNCEX.

classificados como semimanufaturados e manufaturados, ao mesmo tempo em que as exportações de produtos básicos passam por uma relativa desaceleração.

A análise das exportações dos principais complexos agroindustriais é feita posteriormente, em separado, procurando identificar produtos específicos que foram surgindo como novos exportados ou já exportados, mas que adquiriram maior dinamismo exportador e passaram a ter participação mais destacada na pauta.

Essas mudanças vêm sendo impulsionadas por uma série de fatores, como os processos de ajustamento macroeconômico e os choques externos das últimas décadas, que tiveram influência marcante na conformação do que é hoje o setor agroexportador brasileiro. As inter-relações entre esses fatores e as mudanças observadas a partir da análise empírica são importantes para a compreensão desse processo que está em curso.

Foram considerados na análise 13 complexos agroindustriais que atualmente representam quase a totalidade do valor das exportações brasileiras do setor: soja (27,0%), café (19,8%), madeira (9,0%), laranja (11,0%), carne bovina (8,9%), cacau (4,3%), açúcar (3,5%), fumo (4,6%), algodão (3,7%), castanha-de-caju (1,2%), pimenta (0,5%), frango (2,0%) e pesca (1,5%). A relação dos subprodutos que compõem cada complexo encontra-se no Apêndice 2.

A série de dados abrange o período de 1971 a 1992, estando em média móvel de três anos e dividida em três subperíodos: 1971/81, 1982/87 e 1988/92, de forma a caracterizar os distintos momentos no processo evolutivo do valor das exportações agroindustriais brasileiras. Estão representados, respectivamente, uma fase de crescimento acelerado, um período de relativa estagnação e outro de retrocesso (anos mais recentes).

A análise da dinâmica exportadora, ao longo de cada período, é feita a partir de estimativas de equações de tendência e cálculo de taxas geométricas de crescimento para cada produto que compõe os complexos agroindustriais e para os três agregados.

2.2. TENDÊNCIAS GERAIS DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES

Os dados sobre a evolução das exportações brasileiras totais de produtos da agroindústria, apresentados na Tabela 1 e Figura 1, quando analisados em termos de “quantum” exportado, mostram uma tendência geral crescente até a primeira metade dos anos 80, quando sofrem uma desaceleração, revertida ao final dessa década e início dos anos 90. As exportações em valor têm um comportamento diferente: crescem de forma acelerada na década de 70 até 1980/81, passando por uma expressiva queda em 1982/83, e posterior estagnação com decréscimos registrados, ao final da década de 80 e nos primeiros anos de 90.

As taxas geométricas de crescimento, estimadas para o período como um todo, expressam essa mesma tendência geral, uma vez que são positivas e quantificam um crescimento médio anual de 4,0% para a quantidade e de apenas 1,2% quando se considera o valor exportado (Tabela 2). Essa não é, no entanto, uma tendência linear, uma vez que as taxas apresentam valores diferentes para os diferentes subperíodos quando a série de dados é desagregada. A partir do período de 1971/81, em que o valor das exportações totais apresentou um acelerado crescimento com taxa geométrica média de 7,8% a.a., seguiu-se uma fase de decréscimo e posterior estagnação (1982/87) em que a taxa correspondente foi estatisticamente igual a zero. No período seguinte, as exportações brasileiras passaram pela pior fase (1988/92) atingindo decréscimo médio de -5,4% a.a. Se se considerar a subdivisão em dois períodos, 1971/81 e 1982/92, pode-se perceber a disparidade da evolução do valor exportado entre as duas décadas. De um crescimento médio de 7,8% em 1971/81, passou-se, na década seguinte, para uma fase de estagnação expressa pela taxa de crescimento igual a zero.

O comportamento do valor exportado reflete, de certa forma, o comportamento dos preços dos produtos no mercado internacional. Verifica-se na Figura 2 que estes mantiveram-se num nível relativamente alto na década de 70, passaram por uma queda acentuada em 1981/82 e tiveram, a partir daí, pequenas oscilações anuais que caracterizaram um período de estabilidade até 1988/89. É

Tabela 1 - Exportações totais da agroindústria brasileira por agregado em valor (1000 US\$ FOB de 1992) e quantidade (ton.), período de 1973 a 1992 (média móvel de 3 anos)

ANO	BÁSICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS		TOTAL	
	VALOR	QUANT.*	VALOR	QUANT.*	VALOR	QUANT.*	VALOR	QUANT.*
1973	6222722	6472421	676495	920547	719894	714104	7619110	8107072
1974	7181851	6468690	947943	989787	916826	845237	9046620	8303714
1975	7343602	6285844	1068463	939007	1019656	945423	9431722	8170274
1976	7412799	6014307	1092048	919983	1152939	1092791	9657786	8027081
1977	8239739	6095486	1141497	984225	1391131	1304632	10772367	8384343
1978	8437697	5824729	1214389	1065567	1720912	1555114	11372997	8445411
1979	9067907	5543728	1765581	1189122	2330489	1740666	13163977	8473577
1980	8521309	5943900	2031274	1468124	2536843	1973161	13089426	9385186
1981	8529231	6897503	2187027	1775406	2842248	2432643	13558507	11105532
1982	7155176	7771755	1699271	1884322	2567739	2826753	11422186	12482829
1983	6921212	8519146	1333380	1807690	2671843	3301626	10926435	13628462
1984	6892732	8689010	1312473	1791504	2943865	3690914	11149071	14171429
1985	7167519	9380086	1391510	1869195	3060619	3884789	11619648	15134070
1986	6737953	8440678	1403494	1830077	3024293	3967608	11165740	14238363
1987	6537452	8490365	1271253	1753648	2712934	3779372	10521638	14023386
1988	6609489	8111003	1343106	1741823	2991093	3949113	10943687	13801939
1989	6880491	9230330	1503893	1955105	3051263	3800710	11435647	14986145
1990	6515458	9538357	1573991	2136877	3141424	3720705	11230872	15395939
1991	5817361	9540756	1533438	2270512	2764504	3486300	10115303	15297588
1992	5425188	9590049	1626114	2551425	2826649	3792457	9877950	15933931

FONTE: DECEX.

* Quantidade ponderada pelo vetor de preços de 1980/81.

(a)

(b)

Figura 1 - Exportações totais da agroindústria brasileira em valor (a) e quantidade (b)

Figura 2 - Índice de preços externos dos produtos exportados pela agroindústria brasileira

nítido, desde então, o processo de decréscimo dos preços, que perdurou até 1992.

Em termos de "quantum" exportado, a análise por subperíodo confirma as diferenças de comportamento em relação ao valor: a tendência de queda só foi observada em meados da década de 80 e a retomada do crescimento no final desta década e no início dos anos 90, quando o valor exportado já era declinante, ocorreu a taxas decrescentes, ou seja, essa tendência não teve a mesma intensidade verificada no final de 70 e na primeira metade de 80.

Tabela 2 - Taxa geométrica média de crescimento do valor e da quantidade exportados pela agroindústria brasileira, em %, no período de 1971/ 92.

Período/ Subperíodo	Taxa Geométrica Média Anual de Crescimento (%)	
	Valor Exportado	Quantidade Exportada
1971/92	1,22*	3,96**
1971/81	7,80**	3,48**
1982/87	0,14 ^{ns}	0,11 ^{ns}
1988/92	-5,40*	1,85*
1982/92	-0,78 ^{ns}	1,47**

* significativo de 5 a 15%;

** significativo a 5 %, e

ns não-significativo.

A análise agregada, embora importante para se visualizar o panorama geral da evolução do setor agroexportador brasileiro ao longo dos anos, não permite conhecer a dinâmica do comportamento dos grupos de produtos ou de produtos específicos. É fundamental avaliar como cada sub-setor foi sendo atingido e se ajustando à instabilidade interna e aos choques externos, e, nesse processo, quais produtos sofreram impactos mais fortes de forma a influenciar o comportamento das exportações totais.

A mudança estrutural que acompanhou a evolução das exportações e suas inter-relações com fenômenos econômicos conjunturais pode ser percebida com maior clareza, na medida em que a composição da pauta é analisada quanto a cada agregado que a compõe.

2.3. TENDÊNCIA DAS EXPORTAÇÕES POR AGREGADO DE PRODUTO BÁSICOS, SEMIMANUFATURADOS E MANUFATURADOS

A tendência geral de evolução das exportações dos grupos de produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados revela uma série de aspectos não-observados na análise global. As tabelas com os dados correspondentes encontram-se no Apêndice 3.

Há uma semelhança de comportamento entre o valor das exportações dos três agregados (Figuras 3a, 4a e 5a) e o valor total exportado na década de 70, quando houve um período de crescimento generalizado das exportações brasileiras, incentivado, basicamente, por preços internacionais estimuladores. As taxas geométricas médias de crescimento ao ano para este período apresentaram valores altos e positivos, que expressam essa tendência: básicos: 4,5%, semimanufaturados: 15,0% e manufaturados: 19,1% (Tabela 3). Seguiu-se uma queda do valor exportado no início dos anos 80 e uma fase posterior de relativa estagnação (1982/88), como registrado também na análise das exportações totais.

De 1988 a 1992, no entanto, foi particularmente nítida e diferenciada a dinâmica de comportamento dos três agregados. Verificou-se, claramente, o acentuado decréscimo do valor exportado dos produtos básicos, que perdurou até o final do período. Comportamento inverso ocorreu com os semimanufaturados, cuja retomada de crescimento foi observada a partir de 1988. A evolução das exportações de manufaturados apresentou também tendência de crescimento neste período, embora com ligeira queda no início da década de 90, mas houve uma certa tendência de recuperação a partir de 1991.

(a)

(b)

Figura 3 - Exportações da agroindústria brasileira de produtos básicos, em valor (a) e quantidade (b)

(a)

(b)

Figura 4 - Exportações da agroindústria brasileira de produtos semimanufaturados em valor (a) e quantidade (b)

(a)

(b)

Figura 5 - Exportações da agroindústria brasileira de produtos manufaturados, em valor (a) e quantidade (b)

A queda mais acentuada dos preços dos produtos básicos (Figura 6) desde o início da década de 80, e sobretudo a partir de 1988, foi um fator explicativo do decréscimo do valor exportado desse agregado no referido período.

Os índices de preço dos exportáveis semimanufaturados e manufaturados, embora tenham oscilado muito em todo o período, com clara tendência de decréscimo especialmente nos últimos anos, registraram variação de intensidade menor do que a verificada no índice de preço dos básicos.

Tabela 3 - Taxa geométrica média anual de crescimento das exportações brasileiras por agregado, em %, no período de 1971/92.

AGREGADO	TOTAL		SUBPERÍODOS		
	1971/92	1971/81	1982/87	1988/92	1982/92
Básicos					
Valor	-0,75 ^{ns}	4,48 ^{**}	-0,96 ^{ns}	-7,68 ^{**}	-2,32 ^{**}
Quantidade	2,77 ^{**}	1,10 ^{ns}	-1,10 ^{ns}	1,11 ^{ns}	1,40 ^{ns}
Semimanufaturados					
Valor	3,46 ^{**}	14,90 ^{**}	2,18 ^{ns}	2,56 ^{ns}	3,79 ^{**}
Quantidade	5,70 ^{**}	8,90 ^{**}	0,08 ^{ns}	10,59 ^{**}	4,74 ^{**}
Manufaturados					
Valor	7,40 ^{**}	19,13 ^{**}	0,98 ^{ns}	-4,83 ^{ns}	0,40 ^{ns}
Quantidade	9,90 ^{**}	17,47 ^{**}	2,97 [*]	0,96 ^{ns}	0,80 ^{ns}

* significativo de 5 a 15%;

** significativo a 5 % e

ns não-significativo.

Diferenças de comportamento entre os três agregados, mais acentuadas nos anos recentes, são observadas também a partir dos valores das taxas geométricas anuais de crescimento, calculadas para os subperíodos (Tabela 3). O decréscimo do valor das exportações de 1971/81 para 1982/92 (entre as duas décadas) foi generalizado, chegando a apresentar valor negativo (-2,3%) para o grupo dos básicos. Os semimanufaturados e manufaturados, embora

Figura 6 - Índice de preços externos dos produtos exportados pela agroindústria brasileira: básicos, semimanufaturados e manufaturados

apresentando taxas também muito inferiores às atingidas na década de 70, registraram crescimento de 3,8%, para os primeiros e variação estatisticamente igual a zero para os segundos; nesse caso confirmando o período de estabilidade.

Subdividindo a série de dados em períodos menores foi possível identificar divergências de comportamento ainda maiores entre os grupos. A queda da taxa de crescimento do valor das exportações de básicos, que já se manifestava de 1971/81 para 1982/87, acentuou-se no subperíodo mais recente de 1988/92 (-7,7%). Os semimanufaturados apresentaram taxas de crescimento positivas em determinados subperíodos, o que também ocorreu com o grupo dos manufaturados. Em outros, as taxas calculadas não apresentaram resultados estatisticamente significativos aos níveis estabelecidos, dada a instabilidade (alternância de crescimentos e decréscimos) do valor das exportações desde meados da década de 1980.

Com relação à quantidade exportada (Figuras 3b, 4b e 5b), embora os dados mostrem sucessão de quedas e acréscimos em períodos e, ou, anos específicos, a tendência geral, ao longo do período, foi ascendente para os três agregados analisados.

Mesmo nos períodos em que os preços internacionais não estimulavam as exportações, a quantidade exportada manteve tendência crescente com diferenças entre os três agregados apenas quanto à intensidade de crescimento. Por exemplo, do início até meados da década de 80, o crescimento da quantidade exportada de básicos e manufaturados foi mais acentuada que dos semimanufaturados. Ao final dos anos 80 e início dos anos 90, os semimanufaturados passaram a crescer mais intensamente, enquanto os outros agregados passaram por fase de relativa estagnação.

Na verdade, há vários fatores que, associados ao movimento dos preços, afetaram o comportamento da quantidade exportada pelo Brasil. Há que se levar em consideração, por exemplo, a consolidação, nos anos 80, de diversos projetos orientados para a exportação, elaborados a partir do II PND, a reversão da situação recessiva mundial desde 1984 e, ainda os diferenciais de condição de demanda interna e externa.

O inexpressivo desempenho do setor exportador brasileiro nas duas últimas décadas veio acompanhado de uma tendência de mudança na estrutura da pauta, como já mencionado, e constitui a hipótese básica desse trabalho.

As alterações que vêm ocorrendo na participação das exportações de cada grupo no total exportado facilitam a percepção e agregam mais elementos à análise desse processo de transformação em que se ampliam as vendas para o mercado externo de produtos com maior valor adicionado. Pelas Figuras 7 e 8, correspondentes à participação do valor e da quantidade exportada de cada agregado no total, pode-se confirmar essa dinâmica própria que vem moldando o comportamento das exportações brasileiras ao longo das últimas décadas. Se pela forma ainda pouco acentuada não consolidou uma estrutura definitiva, está permitindo a conformação de uma tendência em que a exportação de básicos tradicionais vai decrescendo e, gradativamente, cedendo espaço à expansão da participação de produtos com maior grau de transformação industrial.

Em termos numéricos, a Tabela 4 mostra a evolução da participação percentual dos agregados no total exportado pela agroindústria brasileira desde 1971. Percebe-se, nitidamente, a trajetória inversa seguida pelos produtos semimanufaturados e manufaturados em relação aos básicos. Enquanto os dois primeiros grupos aumentaram sua participação relativa no valor total exportado, os produtos básicos perderam posição, tanto em valor quanto em quantidade exportada. De uma participação percentual de 78,6% no período de 1971/75, os básicos passaram a representar 57,0% do valor da pauta brasileira de exportações agroindustriais no período de 1988/92.

Ao contrário, os semimanufaturados e manufaturados evoluíram para um patamar superior em participação. Os primeiros passaram de 11,0% em 1971/75 para 15,2% em 1988/92, e os outros atingiram um percentual ainda superior, passando de 10,5% para 28,0% do valor total das exportações de produtos agroindustriais.

Em relação à quantidade exportada, os dados mostram evolução muito semelhante, o que vem comprovar essa linha de tendência de evolução da estrutura da pauta para produtos mais elaborados.

Figura 7 - Participação dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados no valor total exportado pela agroindústria brasileira

Figura 8 - Participação dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados na quantidade total exportada pela agroindústria brasileira

As alterações ocorridas, vistas sob a perspectiva do comportamento dos principais produtos que compõem cada grupo, se são dificultadas pela dinâmica irregular que, em alguns casos, promove mudanças anuais, possibilitam também a identificação de tendências específicas com possibilidades de se consolidarem mais rapidamente nas próximas décadas.

Uma constatação importante na análise desagregada do grupo dos básicos (Tabela 3.1 do Apêndice 3) é a expressiva perda de peso dos produtos café em grãos, açúcar demerara e algodão bruto, que, no início do período analisado (1971), respondiam por 55,5%, 10,5% e 10,0%, respectivamente, do valor das exportações desse grupo, passaram a representar, em 1992, apenas 17,5%, 3,0% e 0,5% respectivamente. As taxas de crescimento estimadas para os subperíodos¹ mostram a trajetória deste declínio, que, embora persistente desde a década de 70, teve as maiores quedas no subperíodo de 1988/92, com o café em grãos (-16,4%), de 1982/87, com o açúcar demerara (-17,4%), e de 1971/81, com o algodão bruto (-34,4%).

Tabela 4 - Participação Percentual das Exportações Brasileiras por Agregado nas Exportações Brasileiras Totais da Agroindústria, em %, no período de 1971/92

SUBPERÍODOS	BÁSICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS	
	VALOR	QUANTIDADE	VALOR	QUANTIDADE	VALOR	QUANTIDADE
1971/75	78,59	78,29	10,93	11,45	10,47	10,26
1976/81	67,32	64,94	13,9	14,57	18,78	20,49
1982/87	61,95	60,71	11,94	12,61	26,11	26,62
1988/92	56,91	60,49	15,18	15,07	27,91	24,45

O cacau cru, produto tradicionalmente importante desse grupo, embora de menor expressão relativa em termos percentuais, apresentou taxa de crescimento expressiva no período de 1971/81 (11,1%), porém começou a perder

¹ Os valores referentes a cada produto analisado encontram-se no Apêndice 4.

espaço na pauta de exportações desde o início dos anos 80. Este processo tornou-se mais intenso em 1988/92, quando as exportações desse produto apresentaram a significativa taxa de decréscimo média de -22,4%.

O complexo soja aparece com importância na pauta de exportações brasileiras nos primeiros anos da década de 70, consolidando esta posição em meados desse período com as exportações de grãos e farelo crescendo a taxas médias de 3,8% e 23,0%, respectivamente, no período de 1971/81. A partir daí, os desempenhos das exportações de farelo de soja e de soja em grão, embora semelhantes, foram bastante irregulares. Observam-se períodos de decréscimos com recuperações localizadas em anos específicos, seguidas de nova fase de queda e posterior tendência de retomada de crescimento. Dada essa irregularidade, as taxas geométricas de crescimento calculadas entre períodos não apresentaram estimativas que expressassem a tendência real, sendo, quase sempre, não-significativas. Apesar desse comportamento, o farelo de soja permaneceu como o principal produto exportado do grupo dos básicos, representando em 1992, 28,6% do total.

Com participação bem inferior (14,4% e 8,2%), mas de grande importância dentre os básicos pela evolução gradativamente crescente de suas exportações nos últimos períodos, destacam-se o fumo em folhas e a carne de frango. Esses dois produtos apresentaram taxas de crescimento altas em 1971/81, especialmente a carne de frango (16,0% e 194,5% respectivamente), passando por um período de decréscimo (-3,60% e -1,9%¹) em 1982/87 e revertendo essa situação em período mais recente (1988/92), quando as taxas de crescimento, embora não tenham retomado os valores atingidos nos anos 70, tiveram crescimento positivo de 9,2% e 16,2%. São taxas significativas, principalmente considerando que a grande maioria dos produtos deste grupo sofreu decréscimo em suas exportações neste último subperíodo.

Vale ainda mencionar, no grupo dos básicos, as exportações de castanha-de-caju, que, apesar da participação pouco expressiva na pauta, mantiveram taxas de crescimento positivas e relativamente altas em todo o período.

¹ Essa taxa não foi significativa nos níveis de probabilidade considerados.

Dentre os semimanufaturados, as alterações foram freqüentes, de forma a determinar composições bastante diferenciadas em cada subperíodo (Tabela 3.2 do Apêndice 3). Na primeira metade dos anos 70, as exportações de açúcar cristal e madeira serrada ocupavam posições de destaque, representando, em média, de 1971 a 1975, 29,0% e 30,3% das exportações desse grupo, respectivamente. Estes produtos foram perdendo expressão e espaço para outros com maior grau de industrialização, cujas taxas de crescimento passaram a apresentar valores extremamente altos a partir de meados da década de 70, elevando assim a média do período de 1971/81. São exemplos: peles e couros (11,2%), pasta química de madeira (34,3%) e os derivados de cacau: manteiga (8,6%) e liquor/pasta (30,3%). Essa tendência foi acentuando-se na década de 80, resultando em uma estrutura da pauta diferente da observada nos anos 70, no sentido da diversificação em produtos mais elaborados.

As exportações de madeira serrada, após acentuado decréscimo nos primeiros anos da década de 70, passaram a ter um comportamento estável nos anos 80, embora em patamar extremamente inferior. O que sustentou a posição de destaque do complexo madeira entre os semimanufaturados foi a manutenção das exportações de pasta química a taxas médias crescentes em todo o período, embora com diferenças na magnitude dos valores entre os subperíodos. Esse produto passou a representar, no início dos anos 90, em torno de 40,0% do total de semimanufaturados exportados.

Em proporção menor que no período anterior, mas com taxas ainda crescentes, permaneceram as exportações dos derivados de cacau, manteiga e liquor/pasta, em 1982/87 (10,4% e 1,9% respectivamente). A partir daí, estas exportações entraram em uma fase de nítido decréscimo, acompanhando o expressivo retrocesso das exportações brasileiras do complexo cacau.

Em síntese, no grupo dos semimanufaturados os produtos mais dinâmicos da pauta foram os de maior valor agregado como a pasta química de madeira e os subprodutos da pecuária, peles e couros, que mantiveram taxas de crescimento altas e positivas no período como um todo e entre os subperíodos, embora em alguns casos, não tenham atingido os níveis de significância estatística considerados. Juntos, estes produtos representaram, em 1992, 60,4% do total das

exportações de semimanufaturados, sendo 39,6% correspondentes a pasta química e 20,8% a peles e couros.

Finalmente, dentre os manufaturados (Tabela 3.3 do Apêndice 3), o conjunto de produtos que lideravam as exportações com altas taxas de crescimento na década de 70 (café solúvel: 12,0%, carne bovina industrializada: 8,2%, açúcar refinado: 72,6%, fios de algodão: 21,3% e tecidos - 10,9%) sofreu queda de valor exportado na década seguinte e teve taxas de crescimento negativas em 1982/92, com exceção das exportações de tecidos de algodão, cuja taxa decresceu, mas não chegou a apresentar valor negativo. Esse conjunto de produtos que representava em média 77,0% das exportações brasileiras de manufaturados agroindustriais em 1974/76 teve sua participação diminuída para 35,0% em 1992.

Nesse grupo, é importante ainda identificar alguns produtos cuja análise, em períodos menores, mostra diferenças de comportamento. A carne industrializada, o açúcar refinado e os tecidos apresentaram, de 1982/87 para 1988/92, taxas crescentes indicando uma tendência de retomada de crescimento. Outros, como café industrializado, fios de algodão e óleo refinado de soja, não só permaneceram com taxas de crescimento negativas, como tiveram as magnitudes dessas taxas bastante elevadas. Quanto ao óleo refinado de soja, faz-se uma ressalva, pois nos anos específicos de 1991 e 1992 suas exportações voltaram a crescer, o que ficou encoberto pelas fortes quedas ocorridas em 1988 e 1989.

O suco de laranja concentrado congelado lidera as exportações de produtos manufaturados. Sua participação na pauta vem ampliando-se crescendo desde a década de 70, tendo, neste período, crescido a uma taxa média de 22,9%. Essa tendência foi mantida ao longo da década de 80, apesar dos decréscimos anuais localizados. Os anos 90 têm mostrado, no entanto, um retrocesso nas suas exportações explicado por fenômenos conjunturais, o que não se deve transformar em tendência permanente. Quanto à participação percentual, só as exportações de suco de laranja representaram, em 1990/92, 40,0% do total de produtos manufaturados exportados.

As exportações de papel surgiram com grande vigor no final dos anos 70 e expandiram-se na década de 80 e início de 90 a uma taxa média de 14,0% a.a., dividindo a liderança das exportações de manufaturados com o suco

de laranja. Juntos, passaram a representar, nos anos mais recentes (1990/92), 65,0% das exportações desse grupo, importância mantida na pauta brasileira de exportações totais da agroindústria, na qual o suco de laranja disputa com o café em grãos o segundo lugar (café: 11,7%, e suco de laranja: 11,6%). O papel ocupa o quarto lugar com uma participação de 7,1%, sendo pequena a diferença em relação ao percentual da soja em grãos (7,3%), que, neste período, foi o terceiro produto exportado. O farelo de soja figura como o mais importante produto exportado pela agroindústria brasileira.

Em linhas gerais, a análise desagregada mostra a perda de peso, na pauta de exportações agroindustriais brasileiras, dos complexos café, açúcar, algodão e cacau. Este fenômeno, embora ocorra de forma mais acentuada entre os produtos brutos, é observado também para outros com algum grau de industrialização, como café solúvel, açúcar cristal e fios de algodão. Ainda com relação a esses complexos tradicionalmente exportados, os subprodutos açúcar refinado e tecidos apresentaram também taxas de crescimento negativas porém com tendência de retomada de crescimento no último período (1988/92).

As alterações ocorridas na estrutura da pauta de exportações da agroindústria brasileira são confirmadas na medida em que tomam-se mais importantes, dentro de cada grupo, produtos que antes não faziam parte da relação de exportados ou não tinham maior expressão. Assim, dentro dos básicos, o farelo de soja permanece na liderança, apesar da tendência declinante dos últimos anos, vindo em seguida, com menor importância relativa, mas com evolução crescente, o fumo em folhas, a carne de frango e a castanha-de-caju.

No grupo dos semimanufaturados, lideram as exportações, a pasta química de madeira, representando 40,0% do total exportado, e peles e couros com 20,8%.

As exportações de suco de laranja representam o maior percentual do total de manufaturados exportados (40,0%) e vem ampliando sua participação na pauta, assim como o papel que já responde por 25,0%.

Considerando o total exportado pela agroindústria brasileira, pode-se perceber a presença de produtos com maior grau de industrialização ao lado dos exportáveis tradicionais: farelo de soja (15,5%), café em grão (11,7%), suco

de laranja (11,0%), soja em grãos (7,3%), papel (7,0%) e pasta química de madeira (6,5%).

3. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DA PAUTA DO SETOR AGROEXPORTADOR NO MERCADO INTERNACIONAL

3.1. INTRODUÇÃO

O comércio mundial de produtos agrícolas passou por mudanças significativas nas últimas décadas. Desde os anos 60, impulsionado por preços internacionais estáveis, o intercâmbio comercial agrícola mundial apresentou comportamento de expansão, que permaneceu até os primeiros anos da década de 70. Com a queda no ritmo de crescimento da economia mundial, decorrente da diminuição da demanda, da crise do petróleo, dos preços altos dos alimentos no mercado externo, entre outros, ocorreram senão uma inversão de tendência, pelo menos, um arrefecimento do ritmo de expansão do comércio mundial agrícola e uma situação econômica instável e em processo de mudança.

Ao final dos anos 70 e no início de 80, já se confirmavam plenamente tendências delineadas desde meados da década de 70: os principais países desenvolvidos, antes importadores líquidos de produtos agrícolas, passaram à posição de auto-suficientes e exportadores de excedentes, pelos estímulos à produção e aos investimentos recebidos no setor como parte das políticas adotadas para enfrentarem as adversidades externas.

O efeito dos subsídios concedidos e do protecionismo ao setor agrícola foi de substancial relevância para o crescimento dos estoques finais. Isso, se por um lado, trouxe, de início, queda nos preços e, posteriormente, certa normalização dos fluxos do comércio, por outro estimulou, na década de 80, uma concorrência agressiva entre os grandes países exportadores pela conquista de maiores parcelas do mercado.

Neste capítulo, são analisadas as tendências observadas no mercado externo de produtos agroindustriais, considerando os principais mercados continentais, países e, ou, blocos econômicos¹, importantes para o entendimento da dinâmica do comércio mundial nas últimas décadas.

A análise da estrutura da pauta é feita considerando os agregados básicos, semimanufaturados e manufaturados, à semelhança do procedimento adotado para o Brasil. Pretendeu-se, dessa forma, identificar a ocorrência do redirecionamento da pauta de exportações para um ou outro agregado específico, ou seja, verificar o comportamento da estrutura da pauta de exportação entre os principais exportadores mundiais de produtos da agroindústria. A questão central é fazer uma análise comparativa entre o que está ocorrendo no mundo e o observado no Brasil, com o propósito de caracterizar o fenômeno como uma tendência geral ou um padrão de comportamento específico e localizado.

Dado o grande número de complexos agroindustriais², a análise por produto considera, inicialmente, os agrupamentos: grãos oleaginosos, óleos, farelos/tortas e cereais. O comportamento de cada produto, em especial, dentro desses grupos, é qualificado quando sua importância for determinante na evolução e na tendência do grupo. Os demais, que não se enquadram nessas definições, são analisados separadamente.

Os dados utilizados na análise evolutiva referem-se a quatro períodos representados por médias de três anos: 1973/74/75 (período 1), 1977/78/79 (período 2), 1982/83/84 (período 3), e 1989/90/91 (período 4), deflacionados³ e expressos em dólar de 1992. Os gráficos mostram a evolução das exportações nos principais mercados continentais e, ou, países, de acordo com sua importância no grupo do produto analisado, e também as tendências nos três blocos econômicos: NAFTA (North American Free Trade Agreement), UE (União Européia) e MERCOSUL (Mercado Comum do Cone Sul). As taxas geométricas médias de crescimento complementam a análise, na medida em que quantificam a proporção e o ritmo das mudanças ocorridas.

¹ A relação desses mercados encontra-se no Apêndice 5.

² Os complexos agroindustriais e a relação dos produtos que compõem cada agrupamento constam do Apêndice 6.

³ Foi utilizado como deflator o Índice de Preços no Atacado, nos EUA.

3.2. TENDÊNCIAS DAS EXPORTAÇÕES POR AGREGADOS BÁSICOS, SEMIMANUFATURADOS E MANUFATURADOS

Básicos

Do total comercializado pela agroindústria no mercado mundial, as exportações de produtos básicos representam 45,0%. Considerando as exportações em cada mercado continental, verifica-se que Oceania, África e América Latina são, hoje, os principais exportadores de produtos agroindustriais básicos, sendo os percentuais que estes representam, em relação ao total exportado, em cada caso, 80,7%; 76,7%; e 57,0%, respectivamente (Tabela 5a).

Analisando a evolução desta participação ao longo do tempo, constata-se uma tendência de queda em todos esses mercados, mas, em relação à proporção dos decréscimos, os valores correspondentes à América Latina são significativamente superiores aos dos outros dois. Enquanto na Oceania e África o decréscimo médio, entre os períodos, variou de 3,0% a 6,0%, na América Latina foi em média 12,0% e, no Brasil, 10,0%. Esse resultado está refletindo quedas específicas nas exportações de alguns produtos como açúcar bruto, algodão bruto, cacau em grão, café em grão, que têm pesos relativamente altos na composição das exportações do grupo de básicos.

Entre os blocos econômicos, este fenômeno também se confirmou. A queda ocorrida no MERCOSUL foi bem superior à observada nos demais blocos e se deu ao longo do período, persistindo desde meados da década de 70. Este comportamento, que ocorre também no Brasil, está certamente influenciando a evolução da estrutura da pauta de exportações do MERCOSUL.

Nos demais blocos exportadores, a tendência geral de evolução da proporção de produtos básicos na pauta de exportações é de estabilidade, apesar da ocorrência de decréscimos localizados.

Considerando especificamente, o total de básicos comercializados no mundo (Tabela 6 e Figura 9), as exportações estão concentradas no mercado

Tabela 5 - Exportações mundiais de produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, em 1000 US\$ FOB de 1992, e participação percentual de cada agregado no total exportado pela agroindústria

PRODUTOS BÁSICOS

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%	%
MUNDO	130 711 414	160 025 537	113 818 825	117 700 647	59.59	57.67	55.35	45.04
EUROPA	25 547 605	34 016 004	25 908 608	40 158 637	33.77	34.24	35.15	33.81
ÁSIA	13 713 466	15 576 087	10 684 896	13 043 479	59.46	52.21	47.66	38.08
AMÉRICA LATINA	25 293 124	33 188 726	21 773 444	17 037 925	82.99	74.29	66.86	57.02
ÁFRICA	12 144 415	15 939 120	8 055 163	7 366 728	86.76	85.81	83.36	76.73
OCEANIA	8 204 554	9 272 832	7 037 264	7 980 578	88.25	87.53	83.14	80.74
UE	19 799 181	27 444 094	21 325 169	35 158 907	38.56	38.50	39.41	39.07
NAFTA	43 915 675	49 763 102	39 149 834	31 647 077	68.15	68.14	67.75	53.94
EFTA	2 134 288	2 389 284	1 628 437	2 476 095	12.03	11.80	11.81	10.05
MERCOSUL	11 323 733	13 121 335	9 812 237	7 778 197	75.77	59.30	51.07	41.48
"TIGRES ASIÁTICOS"	1 867 652	2 713 714	1 583 562	1 856 633	25.37	27.46	20.58	15.75
ORIENTE MÉDIO	2 074 139	2 262 800	1 498 716	1 568 166	79.96	78.87	62.62	58.38

(a)

PRODUTOS SEMIMANUFATURADOS

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%	%
MUNDO	27 079 577	40 886 466	31 419 999	46 431 850	12.35	14.73	15.28	17.77
EUROPA	11 590 861	17 014 561	12 421 152	18 062 076	15.32	17.13	16.85	15.21
ÁSIA	1 473 519	5 372 862	3 286 068	7 010 314	6.39	18.01	14.66	20.47
AMÉRICA LATINA	2 259 652	5 998 222	5 473 502	6 725 539	7.41	13.43	16.81	22.51
ÁFRICA	772 238	1 143 291	683 707	929 929	5.52	6.15	7.08	9.69
OCEANIA	179 639	382 927	506 003	527 929	1.93	3.61	5.98	5.34
UE	5 979 693	10 452 090	8 227 980	12 506 159	11.65	14.66	15.21	13.90
NAFTA	10 173 577	11 884 912	9 196 527	13 144 654	15.79	16.27	15.92	22.40
EFTA	4 956 423	5 575 473	2 787 110	5 128 146	27.94	27.53	20.21	20.81
MERCOSUL - TOTAL	1 886 586	5 041 658	4 998 454	6 052 473	12.62	22.78	26.02	32.28
"TIGRES ASIÁTICOS"	539 367	1 721 547	836 090	1 370 791	7.33	17.42	10.87	11.63
ORIENTE MÉDIO	101 459	56 797	56 044	184 453	3.91	1.98	2.34	6.87

(b)

PRODUTOS MANUFATURADOS

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%	%
MUNDO	61 561 367	76 576 072	97 176 869	97 176 869	28.07	27.60	29.37	37.19
EUROPA	38 507 117	48 316 281	60 549 829	60 549 829	50.90	48.63	48.00	50.98
ÁSIA	7 877 658	8 884 487	14 200 086	14 200 086	34.15	29.78	37.69	41.46
AMÉRICA LATINA	2 924 842	5 485 475	6 116 230	6 116 230	9.60	12.28	16.34	20.47
ÁFRICA	1 081 749	1 493 111	1 304 695	1 304 695	7.73	8.04	9.57	13.59
OCEANIA	912 596	938 067	1 375 918	1 375 918	9.82	8.85	10.88	13.92
UE	25 569 470	33 394 003	42 335 166	42 335 166	49.80	46.84	45.39	47.04
NAFTA	10 349 456	11 386 464	13 878 977	13 878 977	16.06	15.59	16.33	23.66
EFTA	10 650 808	12 285 583	9 376 895	17 040 877	60.03	60.67	67.99	69.15
MERCOSUL	1 734 122	3 965 489	4 402 231	4 921 965	11.60	17.92	22.91	26.25
"TIGRES ASIÁTICOS"	4 953 502	5 448 654	5 274 193	8 557 639	67.30	55.13	68.55	72.61
ORIENTE MÉDIO	418 231	549 277	838 573	933 422	16.12	19.15	35.04	34.75

(c)

Fonte: FAO/NAÇÕES UNIDAS.

**Tabela 6 - Exportações mundiais de produtos básicos (1000 US\$ FOB de 1992)
e taxas geométricas médias anuais de crescimento**

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%
	a	b	c	d	b/a	c/b	d/c
MUNDO	130 711 414	160 025 537	113 818 825	117 700 647	5.19	-6.59	0.48
EUROPA	25 547 605	34 016 004	25 908 608	40 156 637	7.42	-5.30	6.46
UE	19 799 181	27 444 094	21 325 169	35 158 907	8.51	-4.92	7.40
NAFTA	43 915 675	49 763 102	39 149 834	31 647 077	3.17	-4.68	-2.99
Estados Unidos	35 441 187	41 056 928	31 186 264	25 036 801	3.75	-5.35	-3.09
AMÉRICA LATINA	25 293 124	33 188 726	21 773 444	17 037 925	7.03	-8.08	-3.44
ÁSIA	13 713 466	15 576 087	10 684 896	13 043 479	3.24	-7.26	2.89
França	6 165 978	7 031 478	6 566 419	10 109 696	3.34	-1.36	6.36
OCEANIA	8 204 554	9 272 832	7 037 264	7 980 578	3.11	-5.37	1.81
MERCOSUL	11 323 733	13 121 335	9 812 237	7 778 197	3.75	-5.65	-3.26
ÁFRICA	12 144 415	15 939 120	8 055 163	7 366 728	7.03	-12.76	-1.27
Canadá	6 847 536	6 878 813	7 194 200	5 874 607	0.11	0.90	-2.85
Holanda	4 337 189	5 517 344	3 283 041	5 537 802	6.20	-9.86	7.75
Austrália	5 998 961	6 554 856	5 087 178	5 383 146	2.24	-4.94	0.81
Alemanha	1 627 552	3 174 704	2 626 492	4 530 947	18.18	-3.72	8.10
Brasil	7 252 675	7 140 854	5 000 470	3 868 528	-0.39	-6.88	-3.60
Dinamarca	2 039 460	3 060 993	2 168 293	3 618 960	10.68	-6.66	7.59
China	2 894 562	1 853 380	1 427 145	2 838 865	-10.55	-5.09	10.32
Argentina	3 644 263	5 368 206	4 153 371	2 747 863	10.17	-5.00	-5.73
Reino Unido	1 002 252	2 214 903	1 946 005	2 665 198	21.93	-2.56	4.60
Bel-Lux	1 513 568	2 264 497	1 814 837	2 602 680	10.60	-4.33	5.29
Tailândia	5 205 712	2 490 782	2 253 547	2 592 903	-16.83	-1.98	2.02
EFTA	2 134 288	2 389 284	1 628 437	2 476 095	2.86	-7.38	6.17
Espanha	1 067 198	1 264 949	823 294	2 274 216	4.34	-8.23	15.62
"TIGRES ASIÁTICOS"	1 867 652	2 713 714	1 583 562	1 856 633	9.79	-10.21	2.30
ORIENTE MÉDIO	2 074 139	2 262 800	1 498 716	1 568 166	2.20	-7.91	0.65
URSS (formal)	3 351 751	3 323 365	1 863 034	1 346 443	-0.21	-10.93	-4.53
Irlanda	972 935	1 531 310	820 905	1 300 672	12.01	-11.72	6.80
Itália	629 041	823 077	743 815	1 135 675	6.95	-2.00	6.23
Grécia	718 228	788 612	571 920	1 091 547	2.36	-6.22	9.67
Noruega	766 851	765 195	404 479	1 040 742	-0.05	-11.97	14.46
Coréia do Sul	709 757	1 402 626	614 014	877 183	18.57	-15.23	5.23
Paraguai	149 470	324 693	257 888	736 880	21.40	-4.50	16.18
México	1 626 949	1 827 361	769 370	735 669	2.95	-15.89	-0.64
Islândia	495 638	642 660	331 506	628 279	6.71	-12.40	9.56
Uruguai	296 504	309 335	412 871	448 227	1.06	5.94	1.18
Áustria	60 418	156 959	240 840	386 937	26.96	8.94	7.01
Hong Kong	243 143	302 437	152 183	365 895	5.61	-12.83	13.35
Japão	657 632	516 588	307 354	310 975	-5.86	-9.86	0.17
Cingapura	257 120	474 407	510 011	302 580	16.55	1.46	-7.19
Suécia	540 361	454 303	423 524	293 680	-4.24	-1.39	-5.10
Portugal	3 815	1 284	20 200	136 450	-23.84	73.53	31.38
Finlândia	44 247	101 562	98 265	82 969	23.09	-0.66	-2.39
Suíça	60 024	60 910	51 097	61 804	0.37	-3.45	2.75

Fonte: FAO.

Obs: Os dados estão ordenados segundos a importância do mercado exportador, com base no período 1989/90/91.

(a)

(b)

Figura 9 - Produtos básicos - evolução das exportações mundiais das principais regiões (a) e blocos econômicos (b)

Europeu (34,1%) com a UE representando 87,5%; no mercado norte-americano (27,0%), com 79,0% provenientes dos EUA, e no mercado latino americano (14,5%), com o Brasil representando 23,0%.

As taxas geométricas de crescimento revelam que a evolução das exportações de básicos no mercado europeu foi crescente entre os períodos analisados, só ocorrendo decréscimo no período recessivo da economia mundial, sendo que o mesmo ocorreu em relação à UE. No mercado norte americano e na América Latina, as taxas geométricas de crescimento tiveram o seguinte comportamento: foram positivas na década de 70, decresceram no período recessivo e mantiveram o decréscimo no último período, embora em menor proporção. Especificamente nos Estados Unidos e nos países da UE, o crescimento das exportações de básicos durante a década de 70 foi determinado principalmente pelas políticas de apoio à produção de grãos.

A diferença de comportamento que se observa nos dados do Brasil são as taxas geométricas de crescimento sempre negativas, desde meados da década de 70, e, basicamente em todos os períodos, superiores aos valores observados nos mercados citados. Isso demonstra que houve perda de espaço dos produtos tradicionalmente exportados, como alguns cereais e oleaginosas, como será visto nas análises específicas. São sintomas de mudança e redirecionamento da pauta de exportações brasileiras, isto é, os produtos básicos foram gradativamente cedendo espaço aos produtos agroprocessados, classificados como semimanufaturados e manufaturados. Ainda que esta não seja uma situação específica do Brasil, mas, também, de outros mercados, os dados revelam um processo que vem ocorrendo com maior intensidade no mercado exportador brasileiro.

Semimanufaturados

Dos três agregados de produtos exportados pela agroindústria, os semimanufaturados representam a menor proporção (17,8%) do total comercializado no mundo. Da participação destes produtos no total exportado em mercados continentais específicos, identificam-se a América Latina (22,5%), o

mercado norte-americano (22,4%), a Ásia (20,5%) e a Europa (15,2%) com as maiores proporções (Tabela 5b).

No Brasil, 15,2% do total exportado pela agroindústria são produtos classificados como semimanufaturados. A análise da evolução das exportações desse agregado revela tendências importantes. Ao longo do período analisado, as exportações de semimanufaturados da América Latina foram sempre crescentes e em grandes proporções, o mesmo ocorrendo no MERCOSUL. Para o Brasil, observou-se uma tendência geral também crescente, que se interrompeu, ou seja, decresceu apenas no período recessivo. O que explica a melhor performance das exportações de semimanufaturados na América Latina é, além da expansão de alguns mercados de tortas e óleos, o extraordinário crescimento das exportações de pasta química de madeira pelo Brasil, o que, certamente, teve peso considerável na evolução das exportações de semimanufaturados no mercado latino-americano e no MERCOSUL.

O mercado asiático apresentou comportamento semelhante, ou seja, tendência de maior dinamismo das exportações de semimanufaturados, exceto no período recessivo. Devem-se destacar como principais produtos desse grupo em expansão, no mercado exportador asiático, alguns tipos de tortas (de algodão e colza) e de peles e couros.

Após o período de crescimento das exportações de semimanufaturados no mercado europeu, durante a década de 70, o percentual de participação desse agregado no total exportado pela agroindústria vem sofrendo gradativos decréscimos.

No mercado norte-americano observou-se uma relativa estagnação, com crescimento das exportações de semimanufaturados apenas do final da década de 80 até o início de 90, quando ampliaram-se as exportações americanas de pasta química de madeira, que têm peso significativo na composição desse agregado, entre as de outros produtos menos importantes. Deve-se considerar, neste período, a desvalorização do dólar, que trouxe como consequência maior competitividade das exportações norte-americanas e, ainda, o fato de que o comportamento crescente das exportações de semimanufaturados, na década de 80, sobretudo a partir de 1985, ocorreu em termos gerais e não só para os produtos agroprocessados, como evidenciado por VEIGA (1991).

Observando a participação das exportações de semimanufaturados de cada mercado exportador nas exportações mundiais totais desse agregado (Tabela 7 e Figura 10), constata-se que a Europa detém uma parcela de 38,6%, que representa basicamente as exportações da UE (69,2%) e do EFTA (European Free Trade Arrangement) (28,4%). O mercado norte-americano participa com 28,3% dessas exportações, que se concentram nos EUA (52,7%) e Canadá (46,6%). Os dois outros mercados que se destacam nas exportações de semimanufaturados são os formados pelos países asiáticos (15,1%) e pelos países latino-americanos (11,8%). Dentre esses últimos, sobressaem as exportações do MERCOSUL, sendo o Brasil e a Argentina os principais exportadores deste bloco econômico, com as respectivas participações de 54,4% e 36,6%.

As taxas geométricas de crescimento calculadas para os vários períodos estudados não acrescentam novos elementos à análise, mas definem uma evolução muito semelhante entre os principais exportadores, isto é, valores relativamente altos de meados da década de 70 a início dos anos 80, seguidos de valores negativos correspondentes à queda generalizada das exportações no início dos anos 80, e posterior retomada do crescimento de meados de 80 até o final da década e início dos anos 90. As diferenças surgem na proporção que ocorre essa retomada, que é mais acentuada nos países asiáticos, vindo, em seguida, o mercado europeu e o norte-americano. Na América Latina, embora em proporção menor, a queda registrada no período recessivo foi também menos acentuada. O Brasil, após apresentar uma expressiva taxa de crescimento de meados de 70 a início de 80, passou por um período de relativa estabilização. Ainda no mercado latino-americano é importante destacar as exportações argentinas de semimanufaturados, que, embora tenham uma participação proporcionalmente menor que as do Brasil, apresentaram evolução crescente em todo o período analisado.

Manufaturados

Os produtos classificados como manufaturados respondem por 37,2% do total mundial exportado pela agroindústria (Tabela 5c). Considerando

**Tabela 7 - Exportações mundiais de produtos semimanufaturados (1000 US\$ FOB de 1992)
e taxas geométricas médias anuais de crescimento entre os períodos**

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%
	a	b	c	d	b/a	c/b	d/c
MUNDO	27 079 577	40 886 466	31 419 999	46 431 850	10.85	-5.13	5.74
EUROPA	11 590 861	17 014 561	12 421 152	18 062 076	10.07	-6.10	5.49
NAFTA	10 173 577	11 884 912	9 196 527	13 144 654	3.96	-5.00	5.24
UE	5 979 693	10 452 090	8 227 980	12 506 159	14.98	-4.67	6.16
ÁSIA	1 473 519	5 372 862	3 286 068	7 010 314	38.19	-9.37	11.43
Estados Unidos	5 580 139	6 993 662	5 348 369	6 928 170	5.81	-5.22	3.77
AMÉRICA LATINA	2 259 652	5 998 222	5 473 502	6 725 539	27.64	-1.81	2.99
Canadá	4 568 460	4 800 267	3 758 361	6 121 704	1.25	-4.78	7.22
MERCOSUL	1 886 586	5 041 658	4 998 454	6 052 473	27.86	-0.17	2.77
EFTA	4 956 423	5 575 473	2 787 110	5 128 146	2.99	-12.95	9.10
Brasil	1 440 886	3 830 927	3 500 717	3 321 550	27.69	-1.79	-0.75
Alemanha	1 540 333	2 543 695	1 943 592	2 714 748	13.36	-5.24	4.89
Argentina	376 041	1 090 368	1 368 690	2 212 941	30.49	4.65	7.10
Itália	456 377	1 164 897	975 079	2 192 769	26.40	-3.49	12.27
Suécia	3 051 180	2 619 035	1 550 375	2 152 314	-3.75	-9.96	4.80
Holanda	1 657 827	2 466 214	1 951 424	2 101 255	10.44	-4.57	1.06
Finlândia	858 147	1 626 122	1 087 210	1 613 367	17.33	-7.74	5.80
França	1 007 556	1 693 987	969 336	1 492 442	13.87	-10.56	6.36
Bel-Lux	512 972	1 192 751	990 553	1 393 138	23.48	-3.65	4.99
"TIGRES ASIÁTICOS"	539 357	1 721 547	836 090	1 370 791	33.66	-13.45	7.32
ÁFRICA	772 238	1 143 291	683 707	929 929	10.31	-9.77	4.49
Portugal	240 252	239 885	392 656	863 924	-0.04	10.36	11.92
Espanha	277 888	667 755	778 116	838 243	24.50	3.11	1.07
Áustria	165 600	466 313	322 099	674 454	29.54	-7.13	11.14
Hong Kong	36 570	96 278	120 958	637 332	27.38	4.67	26.80
Reino Unido	414 100	669 026	377 121	623 898	12.74	-10.83	7.46
China	24 103	32 209	231 416	579 290	7.52	48.35	14.01
OCEANIA	179 639	382 927	506 003	527 929	20.83	5.73	0.61
Noruega	586 645	440 620	302 149	478 047	-6.91	-7.27	6.77
Japão	473 568	655 552	424 965	320 682	8.47	-8.30	-3.94
Coréia do Sul	225	859 816	169 335	236 180	686.28	-27.74	4.87
Suíça	56 193	197 994	115 128	208 737	37.01	-10.28	8.87
ORIENTE MÉDIO	101 459	56 797	56 044	184 453	-13.50	-0.27	18.55
Dinamarca	193 524	214 963	122 432	184 230	2.66	-10.65	6.01
Cingapura	29 219	109 902	120 832	176 596	39.26	1.91	5.57
Austrália	21 127	75 377	65 131	150 169	37.44	-2.88	12.68
Uruguai	49 608	73 155	84 373	112 459	10.20	2.89	4.19
Tailândia	17 287	64 572	46 481	107 317	39.02	-6.36	12.70
México	24 979	90 982	89 798	94 780	38.15	-0.26	0.77
URSS (formal)	638 380	249 551	97 674	92 863	-20.93	-17.11	-0.72
Grécia	34 381	78 024	60 215	66 544	22.74	-5.05	1.44
Paraguai	20 053	47 210	44 675	61 434	23.87	-1.10	4.66
Irlanda	68 025	78 796	27 537	34 641	3.74	-18.96	3.33

Fonte: FAO.

Obs: Os dados estão ordenados segundo a importância do mercado exportador, com base no período de 1989/90/91.

(a)

(b)

Figura 10 - Produtos semimanufaturados - evolução das exportações mundiais das principais regiões (a) e blocos exportadores (b)

esse total por mercado, observa-se que 51,0% das exportações agroindustriais da Europa, concentradas na UE, são de produtos manufaturados. Os países asiáticos também mantêm uma proporção alta de manufaturados (41,5%) na sua pauta de exportações. Nos mercados norte-americano e da América Latina, a participação de manufaturados ocorre em proporção semelhante à de semimanufaturados, ou seja, de respectivamente 23,7% e 20,5%. Tratando-se de evolução, a tendência da participação de manufaturados nas exportações agroindustriais europeias foi de estabilidade ao longo do período analisado. O mercado norte-americano apresentou também uma certa constância no nível de participação de produtos manufaturados na pauta de exportações, embora tenha registrado acréscimo significativo de meados da década de 80 a início dos anos 90. Esse resultado expressa a influência do crescimento das exportações de alguns produtos que compõem esse agregado, como papel e suco de laranja, e ainda a melhoria da competitividade das exportações americanas. Entre os países asiáticos observa-se uma tendência de participação crescente de manufaturados na pauta de exportações, destacando-se o incremento, nos últimos anos, das exportações de tecidos, fios de algodão e açúcar refinado.

A tendência de mudança estrutural na pauta agroexportadora para maior incremento de manufaturados começa a ser percebida também quando se analisam os dados da América Latina, do MERCOSUL e do Brasil, cujas participações vêm aumentando rapidamente desde meados da década de 70. Como as exportações brasileiras de manufaturados representam um percentual significativo nas exportações desse agregado na América Latina (67,6%) e no MERCOSUL (84,0%), pode-se verificar o peso desta ocorrência específica em relação às tendências observadas no mercado latino-americano. Como o suco de laranja e o papel são os produtos agroprocessados que se destacam entre os manufaturados, a evolução crescente das exportações brasileiras destes produtos teve influência marcante no comportamento geral. Deve-se ressaltar, no entanto, que, em relação ao total específico de manufaturados exportados pela agroindústria (Tabela 8 e Figura 11), a América Latina representa apenas 6,3% e o Brasil 4,2%. O principal mercado exportador é o europeu, tendo os países da UE (70,0%) e do EFTA (28,0%) importância maior. Os mercados asiático e norte-americano têm participações semelhantes: 14,6% e 14,3%, respectivamente. As taxas geométricas de crescimento confirmam situações já observadas. Ocorre um

**Tabela 8 - Exportações mundiais de produtos manufaturados (1000 US\$ FOB de 1992)
e taxas geométricas médias anuais de crescimento entre os períodos**

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%
	a	b	c	d	b/a	c/b	d/c
MUNDO	61 561 367	76 576 072	60 394 357	97 176 869	5.61	-4.64	7.03
EUROPA	38 507 117	48 316 281	35 374 637	60 549 829	5.84	-6.05	7.98
UE	25 569 470	33 394 003	24 559 065	42 335 166	6.90	-5.96	8.09
EFTA	10 650 808	12 285 583	9 376 895	17 040 877	3.63	-5.26	8.91
ÁSIA	7 877 658	8 884 487	8 449 668	14 200 086	3.05	-1.00	7.70
NAFTA	10 349 456	11 386 464	9 436 743	13 878 977	2.42	-3.69	5.67
Alemanha	6 393 595	8 448 989	6 645 324	12 191 553	7.22	-4.69	9.06
"TIGRES ASIÁTICOS"	4 953 502	5 448 664	5 274 193	8 557 639	2.41	-0.65	7.16
Canadá	5 223 726	5 977 347	5 251 801	7 546 536	3.43	-2.55	5.32
França	4 858 240	6 387 073	4 494 034	7 513 802	7.08	-6.79	7.62
Finlândia	3 476 268	3 815 187	3 280 285	6 116 811	2.35	-2.98	9.31
AMÉRICA LATINA	2 924 842	5 485 475	5 320 355	6 116 230	17.02	-0.61	2.01
Estados Unidos	4 839 426	5 220 366	3 990 400	5 859 836	1.91	-5.23	5.64
Suécia	3 425 959	3 950 508	2 890 105	5 495 121	3.63	-6.06	9.61
Holanda	3 844 363	4 954 969	3 232 262	5 421 703	6.55	-8.19	7.67
MERCOSUL	1 734 122	3 965 489	4 402 231	4 921 965	22.97	2.11	1.61
Itália	2 289 828	3 475 637	2 769 930	4 716 234	11.00	-4.44	7.90
Brasil	1 122 816	3 112 301	3 889 929	4 136 474	29.03	4.56	0.88
Bel-Lux	2 804 880	3 532 169	2 358 745	3 909 025	5.93	-7.76	7.48
Reino Unido	2 676 660	3 210 662	2 046 952	3 849 137	4.65	-8.61	9.44
Hong Kong	1 015 551	1 189 345	1 359 289	3 487 212	4.03	2.71	14.41
Japão	3 084 850	3 101 638	2 895 131	3 271 288	0.14	-1.37	1.76
Áustria	1 663 125	1 510 723	1 170 434	2 595 584	-2.37	-4.98	12.05
Suíça	1 177 824	1 623 125	1 190 192	1 863 917	8.35	-6.02	6.62
Dinamarca	2 046 257	2 241 376	1 621 060	1 842 223	2.30	-6.27	1.84
Coréia do Sul	707 124	979 508	903 231	1 557 900	8.49	-1.61	8.10
OCEANIA	912 596	938 067	920 952	1 375 918	0.69	-0.37	5.90
ÁFRICA	1 081 749	1 493 111	924 809	1 304 695	8.39	-9.14	5.04
Espanha	442 984	762 500	674 921	1 222 179	14.54	-2.41	8.85
Noruega	876 031	864 416	596 871	966 239	-0.33	-7.14	7.12
ORIENTE MÉDIO	418 231	549 277	838 573	933 422	7.05	8.83	1.54
Irlanda	604 293	830 023	540 580	773 213	8.26	-8.22	5.25
Argentina	546 883	766 953	383 276	709 759	8.82	-12.95	9.20
Tailândia	107 150	214 861	425 938	595 832	19.00	14.67	4.91
China	335 857	248 588	192 868	488 637	-7.25	-4.95	14.20
México	286 306	188 748	194 539	472 605	-9.89	0.61	13.52
Portugal	425 243	411 486	318 229	468 506	-0.82	-5.01	5.68
Austrália	377 542	394 372	411 713	452 617	1.10	0.86	1.36
Grécia	317 893	583 413	448 713	427 584	16.39	-5.11	-0.69
Cingapura	145 979	178 176	116 543	241 241	5.11	-8.14	10.95
URSS (formal)	120 191	153 063	123 291	120 363	6.23	-4.23	-0.34
Uruguai	14 566	62 716	128 976	75 212	44.05	15.51	-7.42

Fonte: FAO.

Obs: Os dados estão ordenados segundo a importância do mercado exportador, com base no período 1989/90/91.

(a)

(b)

Figura 11 - Produtos manufaturados - evolução das exportações mundiais das principais regiões (a) e blocos econômicos (b)

comportamento evolutivo similar nas exportações de manufaturados ao longo do período analisado, nos principais mercados exportadores: Europa (UE e EFTA), NAFTA e Ásia, a tendência é de aumento das exportações de manufaturados, que sofrem uma queda apenas do final de 70 a início de 80. Na América Latina, embora comportamento semelhante seja também observado, o maior impulso nas exportações de manufaturados ocorreu na década de 70, quando a taxa de crescimento apresentou valor significativamente alto. A partir daí observa-se uma certa estabilidade das exportações de manufaturados, que só voltaram a crescer no final de 80 e início dos anos 90, embora em proporção menor. Ao se analisar especificamente o caso do Brasil, os dados revelam situação distinta em que as taxas geométricas de crescimento são positivas, inclusive no período recessivo, com valores superiores às demais, ainda que no início dos anos 90 a tendência tenha sido de maior estabilidade. Tais evidências empíricas estão a favor da hipótese do crescimento gradativo da participação de produtos agroindustriais manufaturados na pauta de exportações brasileiras, nas últimas décadas, em detrimento dos mercados de produtos básicos tradicionais.

3.3. TENDÊNCIAS DAS EXPORTAÇÕES POR AGRUPAMENTO DE PRODUTOS

Cereais

Este grupo representa a soma dos valores exportados de trigo, milho, arroz, cevada, aveia e centeio. Das exportações totais de cereais em nível mundial, trigo, milho e arroz são os produtos mais importantes com participações respectivas de 45,0%, 28,0% e 13,0%. A cevada também detém uma parcela relativamente significativa do mercado exportador (9,0%) e os demais, centeio e aveia não chegam a ter 1,0% de participação.

Quanto aos mercados continentais, o principal exportador de cereais é o mercado norte-americano (45,5% do total), basicamente concentrado nos EUA, que representa 78,2% das exportações (Tabela 9 e Figura 12). Apesar dessa liderança, as taxas geométricas de crescimento têm registrado decréscimos

Tabela 9 - Exportações mundiais de cereais (trigo, milho, arroz, cevada, aveia e centeio), (1000 US\$ FOB de 1992) e taxas geométricas médias anuais de crescimento entre os períodos

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%
	a	b	c	d	b/a	c/b	d/c
MUNDO	48 143 818	47 195 188	40 758 229	33 954 903	-0.50	-3.60	-4.46
NAFTA	26 988 772	25 321 754	22 299 849	15 466 158	-1.58	-2.51	-5.09
Estados Unidos	22 122 188	21 129 285	17 158 460	12 101 926	-1.14	-4.08	-4.87
EUROPA	8 938 604	9 985 046	8 493 917	10 696 087	2.81	-3.18	3.35
UE	7 392 767	8 537 838	7 241 621	9 767 604	3.67	-3.24	4.37
França	4 392 062	4 747 860	4 085 448	5 345 609	1.97	-2.96	3.92
ÁSIA	4 137 290	4 395 789	3 569 630	3 673 287	1.53	-4.08	0.41
Canadá	4 849 977	4 169 944	5 139 416	3 352 540	-3.71	4.27	-5.92
OCEANIA	2 527 566	2 618 155	2 531 386	2 069 020	0.88	-0.67	-2.84
Austrália	2 523 314	2 597 300	2 515 204	2 061 611	0.73	-0.64	-2.80
Tailândia	1 282 533	1 662 207	1 632 805	1 496 148	6.70	-0.36	-1.24
AMÉRICA LATINA	2 972 037	3 216 944	2 985 456	1 447 381	2.00	-1.48	-9.83
MERCOSUL	2 779 413	3 010 064	2 880 041	1 326 705	2.01	-0.88	-10.48
Argentina	2 452 089	2 736 305	2 687 796	1 157 482	2.78	-0.36	-11.34
Reino Unido	202 011	487 125	989 941	1 042 757	24.61	15.24	0.75
China	1 601 187	784 968	378 997	777 040	-16.32	-13.55	10.80
Grécia	242 857	271 902	252 018	568 943	2.86	-1.51	12.34
Alemanha	360 347	422 943	261 283	553 602	4.09	-9.18	11.32
ÁFRICA	1 177 427	854 161	460 136	448 509	-7.71	-11.64	-0.36
Dinamarca	228 062	314 614	199 677	448 278	8.38	-8.69	12.25
Itália	309 149	398 595	353 421	446 305	6.56	-2.38	3.39
Espanha	67 478	47 436	46 095	439 876	-8.43	-0.57	38.02
ORIENTE MÉDIO	87 470	367 099	239 756	438 951	43.13	-8.17	9.02
Holanda	1 137 482	925 127	214 815	424 281	-5.03	-25.33	10.21
Bel-Lux	434 772	848 702	801 893	399 083	18.20	-1.13	-9.49
EFTA	323 812	313 470	318 648	284 237	-0.81	0.33	-1.62
URSS (formal)	1 418 730	825 864	419 829	166 154	-12.65	-12.66	-12.40
Uruguai	69 604	96 548	121 773	132 571	8.52	4.75	1.22
Áustria	2 174	48 213	119 780	117 441	117.01	19.96	-0.28
Suécia	291 190	202 905	152 441	107 673	-8.64	-5.56	-4.85
Irlanda	16 688	73 471	36 480	84 774	44.85	-13.07	12.80
Finlândia	21 933	55 907	45 162	58 404	26.36	-4.18	3.74
"TIGRES ASIÁTICOS"	224 858	214 748	345 211	40 816	-1.14	9.96	-26.29
Paraguai	1 410	202	1 507	34 465	-38.48	49.47	56.38
Cingapura	69 993	72 062	226 167	22 934	0.73	25.70	-27.89
Hong Kong	23 474	2 802	5 212	16 385	-41.22	13.22	17.78
Portugal	1 858	64	549	14 096	-56.96	53.83	58.98
México	16 607	22 524	1 973	11 692	7.92	-38.55	28.94
Brasil	256 310	177 009	68 965	2 187	-8.84	-17.18	-38.92
Coreia do Sul	7 309	20 122	13 200	1 363	28.81	-8.09	-27.70
Suíça	737	774	382	539	1.24	-13.17	5.04
Noruega	7 779	5 670	882	180	-7.60	-31.07	-20.31
Japão	124 081	119 762	100 633	134	-0.88	-3.42	-61.15

Fonte: FAO.

Obs: Os dados estão ordenados segundo a importância do mercado exportador, com base no período de 1989/90/91.

(a)

(b)

**Figura 12 - Cereais - exportações mundiais das principais regiões
(a) e blocos econômicos (b)**

no valor exportado, nos períodos analisados, embora em proporções mais acentuadas nos últimos períodos, o que estaria refletindo a queda de preços reais dos cereais em função do desequilíbrio entre oferta e demanda, causado em parte pela apreciação do dólar frente às moedas européias, durante a primeira metade da década de 80, tomando as exportações menos competitivas. A Europa posiciona-se como o segundo maior exportador de cereais do mundo (31,5%), classificação que, na verdade é devido às exportações da UE, bloco econômico que concentra 91,3% do total. Mesmo com preços internacionais abaixo das médias já alcançadas em períodos anteriores, a UE manteve em alta suas exportações de cereais, como refletem as taxas de crescimento positivas, exceto as do final da década de 70 para o início dos anos 80, período em que a recessão mundial foi intensa e a queda do valor exportado, uma ocorrência generalizada. As políticas agrícolas adotadas pelos países desenvolvidos (particularmente da UE e EUA) foram, como já mencionado, fundamentais para a formação e colocação dos excedentes exportáveis no mercado externo.

A perda da dinâmica das exportações de cereais da América Latina do final da década de 70 até o início dos anos 90 refletiu-se nas taxas geométricas de crescimento, que passam a valores negativos nos últimos períodos analisados (-1,5% e -9,8%). Em relação ao comércio mundial, essa região passou de uma participação de 6,2% em 1973/74/75 para a de 4,3% em 1989/90/91.

A Argentina situa-se como o principal país exportador de cereais da América Latina com uma participação de 80,0%. Referindo-se à perda de volume exportado, a Argentina seguiu a mesma tendência do mercado latino-americano, apresentando taxas geométricas de crescimento negativas de -0,4% e -11,3% nos últimos períodos analisados.

O Brasil é um país inexpressivo no comércio mundial de cereais, tendo se caracterizado desde a década de 70 como um importador líquido. As taxas de crescimento de suas exportações de cereais, -8,8%, -17,2% e -38,9%, nos quatros períodos analisados, revelam a brutal perda de espaço e a reversão da situação de décadas passadas. Esses resultados confirmam a crescente participação do Brasil não só nas importações mundiais de produtos tradicionalmente importados, como trigo e cevada mas também de arroz e milho, especialmente nos momentos de crise de oferta e, ou, demanda, como observado

em recente análise feita por JANK (1994). Em síntese, o que os dados analisados confirmam é a manutenção da liderança dos EUA e da UE no comércio mundial de cereais desde meados de 70, mesmo com os decréscimos observados no final desta década e no início dos anos 80 que na verdade, significam uma desaceleração de exportações, dada a queda da demanda mundial e não perda da hegemonia do comércio.

A análise desagregada revela que o mercado norte-americano tem maior importância nas exportações de milho (62,7%), trigo (46,0%) e outros cereais (71,1%). Analisando os dados por país, os EUA dominam esse mercado exportador com participações respectivas de 99,3% , 61,0% e 96,0%. O mercado europeu (basicamente a UE) tem participação menos expressiva nas exportações desses produtos, com 21,8% (milho), 35,2% (trigo) e 6,7% (outros cereais). Para os três outros produtos considerados, centeio, cevada e aveia, a situação se inverte, já que o mercado europeu domina as exportações com participações de, respectivamente, 68,0%, 68,5% e 54,0%, sendo a UE o principal exportador. As exportações norte-americanas são menos expressivas, representando uma parcela de 30,0% (centeio), 20,5% (cevada) e 30,0% (aveia), sendo o Canadá o principal país exportador.

Finalmente, quanto às exportações de arroz, são basicamente originadas da Ásia (54,7% das exportações mundiais), com 55,2% provenientes só da Tailândia. Os EUA e a UE representam, respectivamente, 19,0% e 18,0% do comércio mundial exportador deste produto.

Grãos Oleaginosos

Dos grãos que compõem este grupo (soja, algodão, girassol e colza), permanece como líder no comércio mundial o grão de soja, cujas exportações chegaram a representar 87,0% do total em meados da década de 70. Este percentual, no início dos anos 90, caiu para 70,0%. A comercialização mundial de semente de colza seguiu trajetória inversa, evoluindo de uma participação de 9,0% do valor das exportações mundiais de grãos oleaginosos para 18,3% no mesmo período. As exportações de semente de girassol representaram uma parcela menor do mercado (11,3%), mas vêm mantendo taxas

de crescimento positivas nos períodos analisados. As exportações de algodão em semente são inexpressivas (0,7% do total exportado).

A Tabela 10 e Figura 13 mostram que, em termos totais, também o mercado norte-americano domina o comércio mundial de grãos oleaginosos, com uma participação de 52,3%, tendo os EUA como principal exportador responsável por 87,0% do total exportado. O mercado europeu fica em segundo lugar (22,2%), com as exportações da UE detendo 88,0% do total.

Com relação à evolução das exportações no período analisado, ocorre no caso dos grãos oleaginosos fenômeno semelhante ao observado com o grupo dos cereais. Apesar da posição de liderança ocupada pelos EUA, as taxas geométricas de crescimento foram negativas no período de 1977/78/79 para 1982/83/84 (-6,7%), e deste período para 1989/90/91 (-7,60%), enquanto as exportações originadas da UE, embora em menor proporção, mantiveram taxas de crescimento positivas e relativamente altas em todos os períodos (4,6%; 17,8% e 11,3%, respectivamente).

A soja destaca-se como principal grão oleaginoso exportado pelos EUA, com uma participação de 63,7% das exportações desse grupo, mas vem apresentando taxas de crescimento negativas nos períodos mais recentes. A América Latina é o segundo mercado exportador de soja em grão, participando com 28,0% do total de grãos comercializados. Embora tenha ocorrido decréscimo em suas exportações do final de 70 para início dos anos 80, estas voltaram a crescer e recuperaram os níveis atingidos na década de 70.

Em relação a bloco econômico, o MERCOSUL é um exportador importante (27,5% do total mundial), liderado pelas exportações do Brasil e Argentina, que representam, respectivamente, 50,3% e 33,3% do total exportado de grãos oleaginosos.

As exportações de colza em grão tem como mercado mais importante a Europa (65,0% do total mundial), principalmente em razão das exportações da UE, que representam 83,2%, sendo a França o principal exportador (52,0%). A julgar pelas altas taxas geométricas de crescimento, mantidas desde o final da década de 70, é um mercado em expansão e de grande concorrência com a soja, principalmente para produção de óleo comestível. O

Tabela 10 - Exportações mundiais de grãos oleaginosos (soja, colza, girassol e algodão), (1000 US\$ FO de 1992) e taxas geométricas médias anuais de crescimento entre os períodos

REGIAO/PAIS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%
	a	b	c	d	b/a	c/b	d/c
MUNDO	9712865	13434511	9986814	8559833	8.45	-5.76	-2.18
NAFTA	7571173	11056900	7790074	4478430	9.93	-6.76	-7.60
Estados Unidos	7014966	10232645	7251294	3886440	9.90	-6.66	-8.53
EUROPA	453208	507772	891647	1900746	2.88	11.92	11.42
AMÉRICA LATINA	1365571	1665401	1092808	1728081	5.09	-8.08	6.77
MERCOSUL	1356024	1657435	1092116	1706640	5.15	-8.00	6.59
UE	292239	349711	793085	1676061	4.59	17.79	11.28
França	121077	78450	498489	1126235	-10.28	44.75	12.35
Brasil	1323710	668378	343180	827376	-15.70	-12.48	13.40
Argentina	206	875835	639871	609097	707.29	-6.09	-0.70
Canadá	556093	824191	538721	592903	10.34	-8.15	1.38
ASIA	205958	135451	194326	360542	-9.95	7.49	9.23
China	183305	110968	168346	317790	-11.79	8.69	9.50
Paraguai	32108	110685	105640	264772	36.26	-0.93	14.03
Alemanha	48242	51541	49755	174488	1.67	-0.70	19.63
Dinamarca	67315	78773	129656	145910	4.01	10.48	1.70
Holanda	40612	127784	52734	86216	33.19	-16.22	7.28
Reino Unido	2970	3961	48636	74177	7.47	65.13	6.22
OCEANIA	12545	8925	4963	33238	-8.16	-11.07	31.22
Austrália	12545	8873	4727	32036	-8.29	-11.83	31.44
Espanha	414	2216	693	30692	52.11	-20.74	71.86
EFTA	80273	40475	31904	26516	-15.73	-4.65	-2.61
AFRICA	56978	43422	13051	22266	-6.57	-21.37	7.93
Austria	2855	3432	2714	15604	4.71	-4.59	28.39
Bel-Lux	3236	5525	6631	12986	14.31	3.72	10.08
Itália	423	906	368	12169	20.99	-16.48	64.82
"TIGRES ASIATICOS"	3962	13019	11553	11983	34.64	-2.36	0.52
Suécia	77321	36857	28879	10429	-16.91	-4.76	-13.54
Irlanda	61	74	2293	6665	5.23	98.47	16.46
Cingapura	2834	9773	8032	6609	36.27	-3.85	-2.75
Hong Kong	1083	3054	3386	5153	29.59	2.09	6.18
Grécia	53	101	20	4482	17.35	-27.88	117.12
ORIENTE MÉDIO	2894	698	229	1112	-29.92	-20.00	25.34
Tailândia	11720	9909	4707	701	-4.11	-13.83	-23.82

Fonte: FAO.

Obs: Os dados estão ordenados segundo a importância do mercado exportador, com base no período de 1989/90/91.

(a)

(b)

Figura 13 - Grãos oleaginosos - evolução das exportações mundiais das principais regiões (a) e blocos econômicos (b)

mercado norte-americano tem também posição de destaque nas exportações de colza em grão (34,0% do total mundial), com 99,0% provenientes do Canadá.

Do total exportado de grãos oleaginosos, o girassol representa 11,3% e tem 75,0% de suas exportações concentradas na UE, sendo a França o principal país exportador (93,0%). Apesar de ser um produto de menor importância relativa, o girassol vem apresentando, no mercado europeu, taxas de crescimento significativamente altas, desde o início do período analisado, revelando assim um dinamismo exportador que merece atenção. Os EUA participam de uma parcela pequena deste mercado (6,7%) e apresentam perda de dinamismo desde o início dos anos 80, mais acentuada nos anos recentes, expressa pelas taxas de crescimento negativas de suas exportações. A América Latina detém um percentual semelhante ao dos EUA (6,5%), basicamente pelas exportações da Argentina (98,4%), cuja taxa de crescimento apresentou valor alto e positivo no último período analisado (6,8%).

É praticamente desprezível, em termos relativos, o valor total exportado de algodão em semente (0,7% do total mundial), proveniente da Austrália (32,0%), da África (28,4%) e dos EUA (22,5%).

Óleos Vegetais

Neste grupo incluem-se os óleos de soja, algodão, colza, girassol e milho. É um mercado exportador de grande concorrência, mais forte entre os óleos de soja, colza e girassol. Atualmente, a Europa é o maior exportador mundial de óleos, participando com 44,8% do total exportado, e 90,4% deste total é proveniente da UE. O mercado norte-americano representa uma parcela bem inferior (16,0%), basicamente originada dos EUA (84,0%). Observa-se, pela análise das taxas geométricas de crescimento, que as exportações de óleo nestes mercados vêm sofrendo pequenos decréscimos desde o final da década de 70, um pouco mais acentuados no mercado norte-americano (Tabela 11 e Figura 14).

A América Latina é um importante mercado exportador de óleos, ocupando o segundo lugar, com uma participação de 30,0% em relação ao total

Tabela 11 - Exportações mundiais de óleos vegetais (soja, girassol, colza, algodão e milho), (1000 US\$ FOB de 1992) e taxas geométricas médias anuais de crescimento entre os períodos

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%
	a	b	c	d	b/a	c/b	d/c
MUNDO	3 903 356	5 532 850	4 668 053	4 430 078	9.11	-3.34	-0.74
EUROPA	1 853 765	2 538 480	2 064 781	1 982 888	8.18	-4.05	-0.58
UE	1 437 185	2 057 556	1 752 904	1 792 580	9.39	-3.15	0.32
AMÉRICA LATINA	228 055	926 659	1 206 932	1 331 160	41.98	5.43	1.41
MERCOSUL	208 173	913 362	1 205 021	1 310 808	44.73	5.70	1.21
Argentina	59 543	301 794	557 865	949 506	50.04	13.07	7.89
NAFTA	1 135 792	1 706 778	1 125 642	701 488	10.72	-7.99	-6.53
Estados Unidos	1 099 285	1 586 572	1 017 696	589 776	9.61	-8.50	-7.50
Alemanha	493 682	613 946	418 236	438 901	5.60	-7.39	0.69
Holanda	319 736	421 383	402 078	410 206	7.14	-0.93	0.29
Brasil	146 290	606 784	641 654	344 859	42.71	1.12	-8.49
ÁSIA	54 473	77 819	177 083	332 923	9.33	17.87	9.44
Bel-Lux	155 505	196 832	220 204	308 458	6.07	2.27	4.93
França	299 560	390 906	251 222	276 512	6.88	-8.46	1.38
Espanha	74 036	283 326	302 604	147 419	39.87	1.33	-9.76
ORIENTE MÉDIO	2 555	1 849	16 017	133 082	-7.77	54.00	35.32
"TIGRES ASIÁTICOS"	20 109	44 632	66 382	107 392	22.06	8.26	7.11
Itália	41 980	38 711	36 691	104 492	-2.01	-1.07	16.13
Canadá	36 507	120 206	107 946	102 602	34.71	-2.13	-0.72
Cingapura	10 426	27 301	51 214	75 089	27.21	13.41	5.62
URSS (formal)	595 547	209 962	67 559	64 870	-22.94	-20.29	-0.58
EFTA	69 014	80 876	62 409	58 994	4.04	-5.05	-0.80
Suécia	50 599	61 369	41 803	37 570	4.94	-7.39	-1.51
China	18 367	16 393	59 926	36 828	-2.80	29.60	-6.72
Dinamarca	47 018	33 539	7 052	32 152	-8.10	-26.79	24.20
Reino Unido	3 176	59 651	19 420	31 441	108.19	-20.10	7.13
Hong Kong	2 800	5 344	8 170	30 412	17.54	8.86	20.66
Portugal	160	10 207	73 081	27 742	182.74	48.25	-12.92
ÁFRICA	35 722	72 996	23 622	22 152	19.56	-20.20	-0.91
Paraguai	2 340	3 434	5 317	15 231	10.06	9.14	16.22
Grécia	1 585	7 621	21 615	14 759	48.07	23.18	-5.30
Finlândia	2 671	4 423	8 030	8 917	13.44	12.67	1.51
Suíça	319	4 529	5 507	8 825	94.17	3.99	6.97
OCEANIA	1	157	2 440	3 707	219.62	73.21	6.16
Noruega	15 412	10 526	6 582	2 413	-9.09	-8.96	-13.36
Japão	6 883	5 862	4 542	1 718	-3.94	-4.97	-12.97
Áustria	13	30	486	1 269	21.76	74.92	14.71

Fonte: FAO.

Obs: Os dados estão ordenados segundo a importância do mercado exportador, com base no período 1989/90/91.

(a)

(b)

Figura 14 - Óleos vegetais - evolução das exportações mundiais das principais regiões (a) e blocos econômicos (b)

mundial exportado. Essa posição de destaque é basicamente devida às exportações de óleo de soja. No total mundial, a América Latina ocupa uma parcela de 43,8%, sendo a Argentina (57,0%) e o Brasil (40,2%) os principais exportadores. No entanto, nos anos mais recentes, as exportações de óleo de soja da América Latina estão estagnadas, o que, parcialmente, reflete o comportamento das exportações brasileiras, que passam por uma fase de decréscimo.

As exportações de óleo de girassol e de algodão são menos importantes, com relação ao valor, no grupo dos óleos, participando com 29,0% e 3,2%, respectivamente, enquanto só o óleo de soja representa 40,0% do total exportado. A América Latina ocupa também a segunda posição, com uma participação de 39,0% das exportações de óleo de girassol, sendo a Argentina o principal país exportador (97,9%). No caso do óleo de algodão, a participação desta região é de 42,9%, sendo o Brasil, principal exportador (55,1%) seguido pela Argentina (36,7%).

O mercado exportador europeu tem grande importância nas exportações de óleo de soja, 34,1%, dos quais a UE detém uma parcela de 96,7%. No entanto, em termos de dinâmica ao longo do tempo, observa-se uma gradativa perda de espaço, revelada pelos valores negativos das taxas geométricas de crescimento, nos últimos períodos analisados.

Nas exportações de óleo de girassol e de colza, a Europa também é principal mercado exportador, representando 41,7% e 80,5% do total exportado no mundo, respectivamente. As taxas geométricas de crescimento revelaram uma dinâmica diferente na evolução das exportações européias desses dois produtos agroindustriais. Enquanto para o óleo de colza observou-se um significativo crescimento médio anual, de meados da década de 80 para o início dos anos 90 (7,4%), as exportações de óleo de girassol neste mercado permaneceram praticamente estagnadas. Esse quadro evolutivo é percebido também na medida em que se verifica que a participação das exportações de óleo de colza nas exportações totais de óleo no mercado europeu passou, no referido período, de 23,0% para 38,0%. Para o óleo de girassol, os respectivos percentuais foram de 24,5% e 26,0%, ou seja, o ritmo de crescimento das exportações de óleo de colza tem sido bem superior ao de girassol.

As exportações de óleo de algodão e de milho estão basicamente concentradas nos EUA, cuja parcela de mercado é respectivamente 50,7% e 40,0% do total exportado. Em termos de participação no comércio externo total de óleos, no entanto, esses produtos têm participações relativamente inexpressivas, ou seja, de 3,2% e 7,5%, respectivamente. O mercado europeu é o segundo exportador de óleo de milho com 30,0% do total, montante basicamente proveniente da UE (97,2%).

Farelos e Tortas

Apesar de este grupo ser composto por quatro subprodutos, o farelo de soja é o principal componente representando 88,2% do total exportado, ficando os demais, torta de colza (5,7%), de girassol (3,7%) e de algodão (2,3%), com percentuais de participação relativamente inexpressivos.

O principal exportador mundial deste grupo de produtos é a América Latina (47,4%), devido às exportações do MERCOSUL (98,9%), cujos principais países são Brasil (59,1%) e Argentina (28,2%) (Tabela 12 e Figura 15). A posição de liderança da América Latina dá-se basicamente pelas exportações de farelo de soja (50,4%), sendo o Brasil responsável por uma parcela de 62,1% do total exportado por este mercado, seguindo-se a Argentina, com participação bem menor (24,0%). No entanto, as exportações brasileiras de farelo de soja, que tiveram seu auge na década de 70 com a instalação do parque moageiro, vêm decrescendo gradativamente desde o final dessa década e o início dos anos 80. O contrário está ocorrendo na Argentina, onde as taxas geométricas anuais de crescimento das exportações de farelo de soja têm apresentado valores crescentes e relativamente altos.

Também nas exportações de torta de girassol, a América Latina ocupa a primeira posição, com um percentual de 63,5%, parcela que, na verdade, representa as exportações da Argentina (99,3%), onde as taxas de crescimento sinalizam um mercado em expansão.

As exportações de torta de colza, ainda que com participação pequena no grupo, merecem menção pelas taxas de crescimento altas e positivas

Tabela 12 - Exportações mundiais de farelos e tortas (soja, colza, girassol e algodão), 1000US\$ FOB de 1992) e taxas geométricas médias anuais de crescimento entre os produtos

REGIÃO/PAÍS	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91	%	%	%
	a	b	c	d	b/a	c/b	d/c
MUNDO	4 371 616	6 381 968	5 818 258	6 182 859	9.92	-1.83	0.87
AMÉRICA LATINA	1 077 919	2 452 272	2 439 623	2 932 074	22.81	-0.10	2.66
MERCOSUL	1 031 449	2 415 775	2 426 052	2 900 716	23.71	0.08	2.59
Brasil	912 655	2 115 547	1 911 175	1 715 935	23.39	-2.01	-1.53
EUROPA	1 069 082	1 323 605	1 480 314	1 247 738	5.48	2.26	-2.41
UE	996 780	1 262 268	1 424 802	1 157 661	6.08	2.45	-2.92
NAFTA	1 940 650	2 354 944	1 589 024	1 144 117	4.96	-7.57	-4.58
Estados Unidos	1 897 177	2 297 433	1 545 594	1 072 191	4.90	-7.62	-5.09
ÁSIA	198 841	189 585	282 058	832 310	-1.18	8.27	16.72
Argentina	102 727	284 122	501 592	818 917	28.96	12.04	7.25
China	4 949	7 258	157 502	526 355	10.05	85.05	18.81
Holanda	266 131	521 918	495 959	513 026	18.34	-1.02	0.48
Alemanha	476 162	373 247	362 590	304 567	-5.91	-0.58	-2.46
Bel-Lux	92 706	220 626	313 201	242 726	24.20	7.26	-3.58
Canadá	43 442	57 511	43 430	71 924	7.27	-5.46	7.47
EFTA	64 288	52 994	42 967	31 152	-4.72	-4.11	-4.49
Noruega	64 022	52 054	40 768	30 706	-5.04	-4.77	-3.97
França	40 940	53 316	29 470	25 081	6.83	-11.18	-2.28
Portugal	1 251	4 340	29 312	24 439	36.46	46.53	-2.56
ÁFRICA	78 399	59 490	23 876	23 905	-6.67	-16.69	0.02
Itália	30 003	6 915	34 920	20 537	-30.71	38.25	-7.30
Paraguai	14 356	10 733	12 547	19 431	-7.01	3.17	6.45
Reino Unido	21 674	28 363	5 832	13 750	6.96	-27.12	13.04
Grécia	19 911	21 216	8 902	7 327	1.60	-15.94	-2.74
"TIGRES ASIÁTICOS"	13 182	55 660	12 903	6 628	43.35	-25.35	-9.08
Cingapura	3 959	54 547	11 933	6 066	92.66	-26.21	-9.21
ORIENTE MÉDIO	92 732	19 447	2 874	3 642	-32.33	-31.78	3.44
Espanha	67	127	142 687	2 849	17.24	307.18	-42.83
Uruguai	1 711	5 373	738	2 344	33.11	-32.77	17.95
URSS (formal)	6 764	2 032	3 168	2 085	-25.96	9.29	-5.80
Dinamarca	47 422	31 205	1 264	1 946	-9.93	-47.33	6.35
Irlanda	511	995	666	1 413	18.11	-7.73	11.35
Japão	9 223	381	970	209	-54.91	20.54	-19.72
Tailândia	4 122	2 463	2 048	20	-12.08	-3.62	-48.26

Fonte: FAO.

Obs: Os dados estão ordenados segundo a importância do mercado exportador, com base no período 1989/90/91.

(a)

(b)

Figura 15 - Farelos e tortas - evolução das exportações mundiais das principais regiões (a) e blocos econômicos (b)

alcançadas nos últimos períodos analisados. O mercado europeu concentra 52,4% das exportações mundiais, com 77,3% provenientes da UE. Os países asiáticos, embora com participação menor nas exportações de torta de colza (27,0%), ganham importância em termos evolutivos também pelas altas taxas de crescimento de suas exportações desde meados da década de 70.

Resultado importante a ser ressaltado, ainda com relação ao mercado asiático, é sua posição de liderança nas exportações de torta de algodão (51,6%). Isso significa uma recuperação de espaço no mercado internacional, uma vez que este produto apresentou, de meados da década de 80 para o início dos anos 90, taxa de crescimento positiva e relativamente alta, ao contrário de períodos anteriores em que a queda dessas exportações foi bastante significativa.

Demais Produtos

Os produtos e subprodutos comercializados no mercado internacional que não se enquadram nos quatro grupos anteriores são analisados neste item e compõem os seguintes complexos agroindustriais: carne, leite, café, açúcar, cacau, algodão, madeira, laranja, fumo, pimenta e peixe.

O mercado europeu, com a quase totalidade das exportações concentradas na UE, é o principal exportador mundial de leite e todos os seus derivados. Não só os percentuais de participação deste mercado nas exportações mundiais de leite fresco (94,2%), em pó (75,7%) e concentrado (90,3%), mas também as taxas geométricas de crescimento positivas nos períodos analisados revelam o completo domínio e a expansão do mercado europeu nas exportações deste complexo agroindustrial.

No mercado exportador de carnes, a situação é semelhante, uma vez que também o mercado europeu detém, respectivamente, 60,5%, 92,5%, 68,7% e 51,9% das exportações mundiais de carne fresca, seca, preparada e de peles e couros, sendo também um mercado em expansão. No caso da carne preparada (industrializada), a América Latina representa uma parcela de 13,2% devido às exportações do MERCOSUL (98,9%), mais especificamente da Argentina (59,7%) e Brasil (34,5%). Situação semelhante ocorre no mercado

exportador de peles e couros, no qual a América Latina detém 11,2%, sendo 89,6% correspondentes ao MERCOSUL, onde destacam a Argentina (48,4%) e o Brasil (35,7%). No entanto, a irregularidade das taxas geométricas de crescimento correspondentes aos períodos analisados dificulta o delineamento de uma tendência nestes mercados secundários. É importante mencionar a participação das exportações de peles e couros no mercado asiático (24,2%) e as altas taxas de crescimento apresentadas nos períodos regulares analisados, excetuando o período recessivo mundial.

Na análise dos complexos café, açúcar, cacau e algodão, os resultados revelaram um aspecto interessante, ainda que apenas confirmador de tendências já observadas no comércio mundial dos países industrializados. As exportações dos subprodutos desses complexos de maior agregação de valor estão concentradas no mercado europeu: café solúvel (56,1%), açúcar refinado (70,3%), cacau em pó (67,1%), pasta de cacau (42,9%), manteiga de cacau (53,1%), fios de algodão (58,6%), e tecidos (52,0%). Vale destacar também as exportações de fios de algodão e tecidos dos países asiáticos, pelas significativas participações nas exportações mundiais: respectivamente 28,0% e 39,2%. Ademais, são importantes as taxas de crescimento positivas alcançadas, especialmente nos últimos períodos analisados.

Dos complexos citados, as exportações de produtos brutos ou com menor grau de elaboração são provenientes de países e, ou, regiões menos desenvolvidos. Por exemplo, as exportações de café em grão e açúcar bruto estão concentradas na América Latina (57,0% e 65,1%, respectivamente) e de cacau em grão em países africanos (67,1%). Mas essas exportações apresentaram tendências declinantes no mercado mundial em todo o período analisado. O algodão bruto tem suas exportações menos concentradas quanto ao mercado de origem: EUA (30,0%), Ásia (20,4%) e África (16,2%).

Apesar de os dados analisados para o Brasil revelarem uma tendência de participação cada vez maior das exportações brasileiras de produtos com maior valor adicionado, tal não ocorre no caso desses três complexos agroindustriais específicos, cujas taxas de crescimento são sempre negativas para todos os produtos e subprodutos. Preços internacionais desestimuladores, não-incorporação de mudanças tecnológicas na produção e no processamento de

produtos, entre outros fatores, resultaram em perda de competitividade brasileira, e por consequência, de parcelas de mercado.

O mercado norte-americano tem uma participação significativa nas exportações de pasta química de madeira (55,0%), provenientes basicamente do Canadá (57,6%) e dos EUA (42,2%). Trata-se de um mercado disputado também pela Europa, que detém uma parcela de 35,0% do total mundial, sendo a Suécia o principal exportador da UE. O Brasil, embora ocupe uma posição pouco expressiva neste comércio mundial (3,6%), apresentou, em todos os períodos analisados, taxas geométricas de crescimento extremamente altas, enquanto os demais mercados tiveram seus valores exportados decrescentes, só entrando em processo de recuperação, com taxas de crescimento positivas, de meados de 1980 ao início dos anos 90.

Com um percentual de participação também pouco expressivo em relação ao comercializado no mundo, estão as exportações brasileiras de papel (1,5%), mas, à semelhança do que vem ocorrendo com as exportações de pasta química, é um mercado em expansão, a julgar pelas altas taxas de crescimento observadas desde meados da década de 70. Os demais mercados exportadores, Europa (67,2%) e o norte-americano (24,2%), à exceção do período de recessão mundial, apresentaram taxas de crescimento positivas, porém bem inferiores às atingidas pelo Brasil.

Outro mercado em expansão no Brasil, desde meados da década de 70, é o de suco de laranja concentrado congelado, cujas taxas anuais de crescimento foram de 14,3%, de meados de 1970 para 1980, e de 2,2% deste período até o início dos anos 90. Quanto à participação, o Brasil ocupa a primeira posição do mercado internacional, tendo conquistado uma parcela de 57,5% do total comercializado no mundo. Com percentual bem inferior, concorrem a UE (17,7%) e os Estados Unidos (9,0%). Na verdade, as exportações de suco de laranja pelos Estados Unidos apresentam-se em posição inferior em relação à UE devido às reexportações deste mercado.

É principalmente nesses produtos específicos, como pasta química de madeira, papel e suco de laranja, que o País tem conseguido maior dinamismo via processo de inovação tecnológica que impulsionou alguns setores da agroindústria, ganhando competitividade internacional e conseqüentemente, maior

espaço no mercado externo. Tal tendência já foi identificada na análise específica sobre as exportações brasileiras.

As exportações de fumo estão relativamente distribuídas entre os mercados norte-americano (30,3%), basicamente EUA (93,8%); na Europa (20,8%), com 70,0% provenientes da UE; na Ásia (19,0%) e na América Latina (17,0%). O que se observa de importante nessa análise é que, excetuando a UE, os demais mercados exportadores de fumo apresentaram taxas de crescimento negativas nos últimos períodos. O Brasil, ao contrário, com a participação de 11,8% do total mundial nas exportações de fumo, é um mercado com certo dinamismo, revelado pelas taxas geométricas de crescimento positivas em todos os períodos analisados. Com relação às exportações de pimenta, o Brasil tem uma participação no mercado mundial em nível semelhante à do fumo, de 11,1%, mas vem perdendo sistematicamente parcela de mercado, que já chegou a 21,0% em meados da década de 80. O mercado externo de pimenta é dominado pelas exportações dos países asiáticos, que detêm 74,7% do comercializado em nível mundial.

Finalmente, as exportações mundiais de peixes frescos e congelados estão relativamente concentradas na Europa (45,3%), sendo 60,0% a participação dos países da UE e 40,0% a do EFTA. O mercado norte-americano representa 23,5%, com 56,6% das exportações provenientes dos EUA e 41,0% do Canadá. A Ásia aparece como terceiro mercado continental exportador, com uma participação de 16,6% do comércio internacional. Em termos evolutivos, todos os mercados citados apresentam taxas de crescimento positivas (exceto no período recessivo) e relativamente altas, revelando assim uma tendência geral expansionista.

Em síntese, essa análise revela que o mercado europeu e o norte-americano, mais especificamente a UE e os EUA, são os principais atores do comércio mundial de produtos da agroindústria.

A despeito da guerra comercial que se vem travando, nas últimas décadas, pela conquista de parcelas de mercado, os dados confirmam o domínio dessas regiões em distintos setores do comércio mundial.

Para os cereais e grãos oleaginosos, principais agrupamentos de produtos agrícolas e de importância estratégica, o mercado norte-americano é o principal exportador, além de dominar o mercado externo de outros produtos, como da pasta química de madeira e do fumo.

No entanto, a relativa queda das exportações americanas nos anos mais recentes é um sintoma da gradativa diminuição do domínio dos excedentes exportáveis agroindustriais pelos EUA.

Em contrapartida, é notável a crescente participação da UE nas exportações mundiais da agroindústria. É o principal bloco exportador de óleos vegetais, mantendo também o domínio do comércio mundial de leite, carnes e seus derivados. Os subprodutos com maior grau de industrialização dos complexos café, açúcar, cacau, algodão e madeira vêm ocupando também posição de destaque, com tendência de crescimento.

As políticas de subsídio à produção e de incentivo às exportações, além da variação do dólar na primeira metade dos anos 80, que possibilitaram uma atuação mais competitiva das exportações européias em relação às americanas são fatores explicativos desse novo cenário do mercado mundial.

A queda das exportações de produtos brutos da América Latina e o incremento relativo dessa região no comércio mundial de produtos mais elaborados são também tendências mais recentes. Nesse contexto, destaca-se a posição do Brasil pela predominância do mesmo fenômeno, que, ocorre, entretanto, de forma mais acentuada. A pasta química de madeira, o papel, o suco de laranja, e alguns tipos de óleo são os produtos que estão liderando esse processo de transformação na economia brasileira.

4. FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA

4.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, discute-se o referencial teórico que permite a determinação dos fatores que tiveram influência no desempenho das exportações dos produtos da agroindústria brasileira ao longo das últimas décadas.

Tomou-se como referência o modelo de Constant-Market-Share (CMS), aplicado a várias análises do comportamento das exportações, como em STERN (1967); BROWN (1969); LEAMER & STERN (1970) e TYLER (1976). No Brasil, HORTA (1983); GONÇALVES (1987); HORTA et alii (1993); ALMEIDA (1993), entre outros, utilizaram o CMS em estudos sobre o comportamento das exportações de produtos manufaturados.

Em linhas gerais, o método atribui o crescimento favorável ou desfavorável do setor exportador tanto à estrutura das exportações do país quanto à sua competitividade. A pressuposição do modelo é de que o país em questão mantém constante sua parcela de mercado no comércio mundial, sendo a diferença do crescimento das exportações implícita no modelo e sua efetiva performance atribuída ao efeito competitividade.

Assim, a taxa de crescimento das exportações é decomposta em quatro efeitos:

- crescimento do comércio mundial;
- composição da pauta de exportações;

- destino das exportações; e
- competitividade.

A análise com base no modelo CMS tem sua importância e interesse na medida em que determina o peso de cada efeito nas exportações do país em questão e mostra a extensão para a qual estas se direcionam para mercadorias e, ou, mercados com maior potencial de expansão. Nesse sentido, os resultados poderiam indicar alternativas de atuação e sinalizar caminhos de distribuição das exportações, de forma a se perseguirem "market-shares" de maior dinamismo. Embora o método tenha um caráter retrospectivo, há possibilidades de se fazerem inferências sobre o direcionamento do setor exportador, para mercados mais favoráveis, e sobre a concentração em mercadorias com perspectivas mais dinâmicas, sob a pressuposição de continuidade das tendências observadas nesses mercados.

O MODELO CMS

A forma mais simples do modelo CMS define a parcela de mercado (S) de um país A como função de sua competitividade relativa¹:

$$S \equiv \frac{q}{Q} = f\left(\frac{c}{C}\right) \quad f'(\cdot) > 0 \quad (1)$$

em que:

q , Q = quantidades exportadas totais do país A e do mundo, respectivamente;

c , C = competitividade do país A e do mundo, respectivamente.

¹ O desenvolvimento do modelo está baseado em RICHARDSON, J.D. (1970) e LEAMER & STERN (1970).

Rearranjando os termos e derivando em relação ao tempo, tem-se:

$$\frac{dq}{dt} \equiv S \frac{dQ}{dt} + Q \frac{dS}{dt}$$

$$\dot{q} \equiv S \dot{Q} + Q \dot{S}$$

$$\dot{q} \equiv S \dot{Q} + Q f' \left(\frac{d(\frac{c}{C})}{dt} \right)$$

$$\dot{q} \equiv S \dot{Q} + Q f' \left(\frac{\dot{c}}{C} \right) \quad (2)$$

A variação total na quantidade exportada pelo país A ($\dot{q}$) é explicada por um efeito crescimento das exportações mundiais ($S \dot{Q}$) e um efeito competitividade ($\dot{S} Q$). O primeiro representa a variação ocorrida desde que mantida constante a parcela de mercado, e o segundo, o crescimento adicional causado pelas mudanças na competitividade relativa.

Um modelo CMS mais complexo leva em consideração a estrutura das exportações do país, que, mesmo na ausência de mudanças na competitividade relativa, pode estar afetando o comportamento das exportações ao longo dos anos. As exportações podem estar concentradas em mercadorias cuja demanda está crescendo mais rapidamente ou destinando-se prioritariamente a regiões de crescimento mais dinâmico e vice-versa.

Dessa forma, a identidade (1) ficaria:

$$S_{ij} \equiv \frac{q_{ij}}{Q_{ij}} = f_{ij} \left(\frac{c_{ij}}{C_{ij}} \right), \quad f'_{ij} > 0,$$

sendo:

i = mercadoria;

j = mercado de destino

O crescimento total das exportações passa a ser dado pela expressão:

$$\dot{q} \equiv \sum_i \sum_j S_{ij} \dot{Q}_{ij} + \sum_i \sum_j Q_{ij} \dot{S}_{ij}$$

que, expandindo, toma-se:

$$\dot{q} \equiv \underbrace{S \dot{Q}}_{(a)} + \underbrace{\left[\sum_i S_i \dot{Q}_i - S \dot{Q} \right]}_{(b)} + \underbrace{\left[\sum_i \sum_j S_{ij} \dot{Q}_{ij} - \sum_i S_i \dot{Q}_i \right]}_{(c)} + \underbrace{\sum_i \sum_j Q_{ij} \dot{S}_{ij}}_{(d)} \quad (3)$$

Os termos (b) e (c) representam, respectivamente, o efeito mercadoria e o efeito mercado. Esses efeitos são discutidos, a seguir, na formulação específica do modelo CMS, usada neste trabalho, que considera como variável básica o valor das exportações e as estimativas referem-se a pontos discretos no tempo.

Partindo do modelo básico, com exportações não-diferenciadas por mercadorias e regiões, tem-se a identidade:

$$V^*.. - V.. \equiv \underbrace{rV..}_{(a)} + \underbrace{(V^*.. - V.. - rV..)}_{(b)} \quad (4)$$

em que:

$V_{..}$ = valor total das exportações do país A, período 1;

$V^*_{..}$ = valor total das exportações do país A, período 2;

r = incremento das exportações mundiais do período 1 para o período 2.

A variação das exportações do país A de um período a outro, está associada à variação das exportações mundiais (a) e a um efeito residual atribuído à competitividade (b).

Como as exportações compõem-se de um conjunto diverso de mercadorias tem-se para a i -ésima mercadoria uma expressão análoga à (4):

$$V^*_{i.} - V_{i.} \equiv r_i V_{i.} + (V^*_{i.} - V_{i.} - r_i V_{i.})$$

em que:

$V_{i.}$ = valor das exportações da mercadoria i do país A, período 1;

$V^*_{i.}$ = valor das exportações da mercadoria i do país A, período 2;

r_i = incremento percentual das exportações mundiais da mercadoria i do período 1 para o período 2.

Esta expressão pode ser agrupada em:

$$\begin{aligned} V^*_{..} - V_{..} &\equiv \sum_i r_i V_{i.} + \sum_i (V^*_{i.} - V_{i.} - r_i V_{i.}) \\ &\equiv (rV_{..}) + \sum_i (r_i - r) V_{i.} + \sum_i (V^*_{i.} - V_{i.} - r_i V_{i.}) \end{aligned} \quad (5)$$

Finalmente, considerando a diferenciação das exportações também por destino, chega-se à equação de CMS para um tipo particular de mercadoria e uma região particular de destino:

$$V^*_{ij} - V_{ij} \equiv r_{ij} V_{ij} + (V^*_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij})$$

em que:

V_{ij} = valor das exportações da mercadoria i do país A para o país j , período1;

V^*_{ij} = valor das exportações da mercadoria i do país A para o país j , período2;

r_{ij} = incremento percentual das exportações mundiais da mercadoria i para o país j do período 1 para o período 2.

Da mesma forma, esta equação pode ser agrupada em:

$$\begin{aligned}
 V^*_{..} - V_{..} &\equiv \sum_i \sum_j r_{ij} V_{ij} + \sum_i \sum_j (V^*_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \\
 &\equiv r V_{..} + \sum_i (r_i - r) V_{i.} + \sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i) V_{ij} + \sum_i \sum_j (V^*_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \quad (6)
 \end{aligned}$$

(a)
(b)
(c)
(d)

Essa identidade permite decompor a taxa de crescimento das exportações do país A em quatro efeitos. Os dois primeiros estão relacionados com fatores externos e os dois últimos refletem a influência de fatores internos:

- (a). efeito crescimento do comércio mundial: incremento observado se as exportações do país A tiverem crescido à mesma taxa de crescimento do comércio mundial;
- (b). efeito composição da pauta: mudanças na estrutura da pauta com concentração em mercadorias com crescimento de demanda mais ou menos acelerado;
- (c). efeito destino das exportações: mudanças decorrentes das exportações de mercadorias para mercados de crescimento mais ou menos dinâmicos; e
- (d). efeito residual, representando competitividade.

Os efeitos composição da pauta (b) e destino das exportações (c) requerem uma interpretação adicional.

Para o efeito composição da pauta:

$$\sum_i (r_i - r) V_i.$$

se as exportações mundiais da mercadoria i aumentarem mais que a média mundial para todas as mercadorias exportadas, $(r_i - r)$ é positiva e tomará forte esse efeito se V_i for relativamente grande, ou seja, o efeito composição da pauta será positivo se as exportações do país A estiverem concentradas em mercadorias de maior expansão ou quando a taxa de crescimento for superior à média mundial.

De forma análoga, o efeito destino das exportações:

$$\sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i) V_{ij}$$

será positivo se o país A tiver concentrado suas exportações em mercados que experimentaram maior dinamismo no período analisado e negativo se concentrado em regiões mais estagnadas.

O EFEITO COMPETITIVIDADE

A diferença entre o crescimento das exportações na formulação do modelo CMS e o crescimento efetivo das exportações é atribuída ao efeito competitividade. A medida deste efeito residual está, na prática, relacionada com mudanças nos preços relativos, ou seja, os importadores tendem a substituir o consumo dos bens cujos preços se elevaram pelo consumo daqueles com preços menores em termos relativos. Assim, quando um país deixa de manter sua parcela no mercado mundial, o termo competitividade é negativo e indica preços aumentando para o país em questão, em proporção maior que os preços de seus competidores.

Se os preços relativos são tomados como medida de competitividade relativa, a relação básica inicial (1) fica associada à elasticidade de substituição, que, num enfoque de comércio internacional, capta a capacidade de uma mercadoria exportada por determinado país substituir uma mercadoria similar exportada pelo país concorrente na curva de indiferença do país importador.

Quando se definem “market-shares” como valor exportado, um efeito competitivo tanto positivo quanto negativo pode ser consistente com a queda dos preços relativos, dependendo do valor absoluto da elasticidade de substituição.

Isso pode ser percebido claramente, a partir da definição empírica da elasticidade de substituição no ponto de maximização da utilidade com restrição orçamentária:

$$\sigma = \frac{d(q_1 / q_2)}{d(p_1 / p_2)} \cdot \frac{p_1 / p_2}{q_1 / q_2} = \frac{d \log(q_1 / q_2)}{d \log(p_1 / p_2)}$$

em que:

σ = elasticidade de substituição;

q_1/q_2 = relação de quantidades exportadas e

p_1/p_2 = relação de preços.

Com base nessa definição, um país ampliaria sua parcela de mercado na medida em que a queda do preço relativo fosse proporcionalmente menor do que o aumento da quantidade relativa comercializada.

Assim, um efeito competitivo positivo consistente com queda de preços relativos requer a pressuposição adicional de que a elasticidade de substituição exceda um em valor absoluto. Para essa categoria de dados, resultados de estimativas de elasticidade de substituição em mercados de exportação têm apresentado, quase sempre, valores consistentes com essa hipótese. Ver por exemplo FONTES & BARBOSA (1991); SILVA (1992) e MEDEIROS & TEIXEIRA (1994).

LEAMER & STERN (1970) apontam uma distorção na interpretação do termo competitividade. No contexto deste modelo, um país seria rotulado de “não competitivo” se reduzisse sua participação no comércio mundial. Na verdade, um país pequeno pode não ter capacidade doméstica de manter sua parcela de mercado em situação de crescimento rápido da demanda do importador e ser classificado como menos competitivo do que outro país que mantém constante sua parcela de mercado por estar exportando para regiões relativamente estagnadas.

Outra questão relacionada com a competitividade abordada por RICHARDSON (1971) é o fato de este componente residual estar refletindo o efeito de outros fatores que afetam a capacidade de venda de um país para mercados estrangeiros, como melhoria de qualidade, acordos financeiros, mudanças na política de comércio, padrões de demanda, costumes e preferências. LEAMER & STERN (1970) adicionam ainda a influência de taxas diferenciais de inflação dos preços de exportação e eficiência de marketing sobre o desempenho das exportações de um país.

Há, também, a possibilidade de mudanças nos padrões de vantagens comparativas para maior sofisticação na produção de mercadorias exportadas. Nesse caso, alterações na competitividade relativa poderiam estar relacionadas com vantagens específicas ou com fatores locais das indústrias processadoras de produtos exportados.

O efeito competitividade envolve, portanto, a interação de diferentes fatores que estão por trás do conceito e sobre o qual não existe, na literatura, um consenso mais rigoroso em termos de definição. HORTA et alii (1993) apresentam três linhas conceituais relacionadas com a competitividade internacional (CI) e discutem as dificuldades envolvidas na escolha de um ou outro indicador. O conceito desempenho associa a competitividade do país diretamente a seu desempenho no mercado internacional; o conceito macro considera variáveis relacionadas com decisões políticas, como subsídios e taxa de câmbio, e o conceito eficiência reflete características estruturais da economia (aumentos de produtividade).

Dentre os principais problemas relacionados com esses indicadores de competitividade, estão a impossibilidade de explicitar os fatores explicativos da competitividade (conceito desempenho), a ambigüidade dos resultados obtidos a partir de séries longas de tempo (conceito macro), e a dificuldade de construção de indicadores apropriados (conceito eficiência).

À semelhança das demais análises sobre o comportamento das exportações a partir do modelo CMS, este trabalho considera o conceito desempenho na análise da competitividade internacional, ou seja, o efeito competitividade é quantificado sem envolver a identificação dos fatores explicativos desse indicador. Isto é feito, na discussão dos resultados a partir da identificação da ocorrência de fatores econômicos internos e externos que se relacionam ao ganho e, ou, perda de competitividade do país no mercado internacional, no período analisado.

ESCOLHA DOS PADRÕES DE ANÁLISE

A aplicação do modelo CMS requer a definição de alguns padrões que servem de base para a análise do desempenho e da estrutura das exportações do país considerado.

Mercado de Destino

Em geral, os estudos nesta área têm considerado o mercado mundial como mercado de destino ou algum subconjunto que represente mais apropriadamente a competição enfrentada pelo país.

A especificação de um padrão de análise mais representativo da realidade é fundamental na medida em que os resultados são muito sensíveis a esta escolha, podendo ocorrer variações de acordo com uma ou outra definição. RICHARDSON (1971) chega a sugerir a definição de um mercado de destino para cada mercadoria, de acordo com a identidade dos competidores.

As exportações brasileiras vêm destinando-se, historicamente, para regiões diversificadas, ou seja, o país é considerado um “global trader” por comerciar com todas as grandes regiões do mundo, ainda que com relativa concentração em algumas áreas¹. Optou-se, então, por considerar os principais mercados continentais, blocos econômicos e, ou, países importadores dos produtos brasileiros, cuja relação consta do Apêndice 5.

Mercadoria

As mercadorias selecionadas para análise, outro ponto importante na operacionalização do modelo CMS, foram as mesmas analisadas no Capítulo 2, ou seja, os 13 complexos agroindustriais que representam a quase totalidade das exportações brasileiras: soja, café, madeira, laranja, carne bovina, cacau, açúcar, fumo, algodão, castanha-de-caju, pimenta, frango e pesca.

A decomposição dos principais fatores explicativos do comportamento das exportações é feita numa primeira fase, considerando todos os complexos agroindustriais. Posteriormente, o modelo CMS é aplicado a partir da classificação de cada produto nos grupos dos agregados básicos, semimanufaturados e manufaturados. Assim é possível determinar diferenças entre os fatores explicativos do comportamento das exportações, ao longo dos anos, entre os complexos agroindustriais e entre os agregados, identificando aspectos relacionados com mudanças de tendência na pauta.

¹ A distribuição geográfica das exportações brasileiras está em torno de 30% para a UE, 20% para EUA, 15% para a Ásia Oriental e 15 a 20% para a América Latina.

Período de Análise

Finalmente, há a necessidade de se fixarem períodos de análise, uma vez que a aplicação do modelo CMS é realizada entre pontos discretos no tempo. Considerando que a estrutura das exportações mundiais e de um país em particular sofrem mudanças ao longo do tempo, a divisão em subperíodos mais curtos permite identificar, com maior precisão, as mudanças que ocorreram entre o início e o fim da série temporal, especialmente quando a economia passa por freqüentes mudanças que podem afetar de forma diferenciada as exportações.

Neste estudo são considerados quatro subperíodos, cada um representando média de três anos, selecionados de forma a representar alguns momentos importantes para a economia brasileira do início dos anos 70 até os primeiros anos da década de 90.

Assim, tem-se:

- a) 1973/74/75 - período inicial, representando a estrutura das exportações brasileiras nos primeiros anos da década de 70;
- b) 1977/78/79 - segundo período, representando a situação anterior à crise econômica do início dos anos 80;
- c) 1982/83/84 - terceiro período, representando o desempenho das exportações durante a crise; e
- d) 1989/90/91/92¹ - último período, representando a situação mais recente em que as mudanças na estrutura da pauta de exportações brasileiras tornaram-se mais evidentes.

¹ Dada a disponibilidade de dados, neste último período, considerou-se média de 4 anos.

INDICADOR DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA

A partir da caracterização do setor agroindustrial brasileiro em que emerge um padrão de inserção no comércio internacional, visando maior diversificação de sua pauta de exportações, torna-se importante verificar como se caracteriza essa nova estrutura, ou seja, em que padrão de especialização internacional está baseada, quanto ao tipo de produto exportado.

Com esse objetivo, procede-se ao cálculo do Indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) das exportações $(I_{(x)} P_i)$, definido da seguinte forma¹:

$$(I_{(x)} P_i) = \frac{x_i^P}{x_m^P} \bigg/ \frac{x_i^w}{x_m^w}$$

em que:

$\frac{x_i^P}{x_m^P}$ é a parcela das exportações do produto i (x_i) nas exportações totais

da agroindústria (x_m) do país considerado (P); e

$\frac{x_i^w}{x_m^w}$ é a parcela das exportações mundiais do produto i (x_i^w) nas

exportações mundiais de produtos da agroindústria (x_m^w).

O país tem vantagem comparativa com determinado produto, quando $(I_{(x)} P_i)$ for superior à unidade.

Este indicador é calculado para cada produto e subperíodo de forma a se caracterizar, além do padrão atual de vantagem comparativa do país, a sua evolução ao longo do tempo.

¹ Essa formulação é a mesma usada por VEIGA (1991).

4.2 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

Fontes de crescimento das exportações

A partir dos resultados do modelo CMS, podem-se analisar a decomposição dos efeitos e a contribuição de cada um no desempenho das exportações agroindustriais brasileiras, nos quatro períodos considerados.

A Tabela 13 apresenta os resultados quando as estimativas levou em consideração cada produto exportado. Inicialmente, observa-se que a taxa de crescimento das exportações brasileiras só foi positiva no primeiro período, ou seja, do início ao final da década de 70. A partir daí, as taxas foram negativas, refletindo os decréscimos ocorridos no valor das exportações da agroindústria brasileira desde o final dos anos 70.

Tabela 13 - Taxas de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras e mundiais, por produto, e fontes de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras, em %.

	Períodos		
	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84
	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91/92
1. Taxas de crescimento			
• Exportações brasileiras	22,75	-7,68	-31,28
• Exportações mundiais	27,67	-28,06	34,92
2. Fontes de crescimento			
• Crescimento do comércio mundial	281,76	-368,80	73,63
• Composição da pauta de exportações	-39,77	-51,65	-57,54
• Destino das exportações	-68,67	-19,80	6,16
• Competitividade	-73,31	340,24	-122,25

O comportamento das exportações mundiais segue um ritmo de crescimento semelhante ao observado para o Brasil na década de 70, mas sofre uma queda bem mais acentuada no início dos anos 80. Desse período ao início dos anos 90, a retomada do crescimento das exportações mundiais revela-se significativa à taxa de crescimento de 35,0%, enquanto as exportações brasileiras permanecem com tendência decrescente e mais acentuada.

A decomposição do crescimento das exportações constitui fonte de subsídios importantes para a análise dessas tendências ao longo do tempo.

Primeiro Período: 1973/74/75 a 1977/78/79

Neste período, caracterizado por maior dinamismo das exportações agroindustriais brasileiras, o efeito crescimento do comércio mundial foi o principal fator explicativo da taxa de crescimento positiva das exportações. O incremento observado ocorreu por força de um fator externo, uma substancial expansão do comércio mundial, resultado de políticas agrícolas adotadas, desde meados dos anos 70, pelos principais países desenvolvidos. MANOEL & BARROS (1987) mencionam, em estudo sobre as transformações da agricultura brasileira, uma taxa de crescimento anual de 7,1% atingida pelo comércio internacional na década de 70, e uma estimativa de apenas 1,8% para os anos 80.

O ressurgimento das estratégias protecionistas na década de 70, entre os países industrializados (principalmente EUA e países da UE), o aumento da produtividade e o crescimento populacional inferior à evolução da produção são apontados como alguns fatores que geraram, em nível mundial, um excesso de estoques de produtos agrícolas, que iriam provocar, nos anos 80, grave crise de excedentes e acirrada disputa por parcelas de mercado. A expansão do produto e os incentivos à exportação, combinados com preços internacionais remuneradores, foram a base do dinamismo do mercado internacional agroexportador na década de 70.

O desempenho das exportações brasileiras esteve, nesse período, extremamente associado a esse dinamismo do comércio internacional, efeito que

superou a influência dos demais (composição da pauta, destino das exportações e competitividade), cujas contribuições foram negativas, atuando em sentido contrário ao crescimento das exportações.

A competitividade, que estaria refletindo o efeito de um conjunto de fatores, como aumento de produtividade, ajuste da política cambial, incentivos à exportação, entre outros, apresentou o mais forte efeito negativo, significando que, mantida constante a parcela das exportações brasileiras no mercado internacional, a taxa de crescimento teria sido superior na ausência do efeito competitividade. Questões econômicas internas, discutidas a seguir, afetaram o setor agroexportador neste período e estão associadas a essa influência inversa da competitividade.

A economia brasileira passou, na década de 70, por um de seus mais importantes ciclos de crescimento. Políticas expansionistas de gastos do governo, facilidades de crédito ao consumidor, e incentivos fiscais à exportação de produtos manufaturados deram um novo impulso ao setor industrial. Os estímulos ao setor exportador, a política de desvalorização cambial e o comportamento crescente dos preços das principais “commodities” no mercado internacional estimularam o crescimento das exportações totais brasileiras na década de 70.

Nesse contexto, o setor agrícola também passou por um processo de modernização que privilegiou, de certa forma, os produtos destinados à exportação e aqueles utilizados como matéria-prima industrial. A principal força indutora desse crescimento foi o crédito rural, que, além da expansão da oferta, operou com taxas de juros reais negativas.

Nesse período, a agricultura abriu-se significativamente ao exterior. A proporção da safra exportada de 10% no início dos anos 60 passou para mais de 20% na segunda metade dos anos 70 (DIAS, 1983), embora, poucos produtos tenham assumido a liderança nesse processo. A expansão do complexo soja figura como o exemplo mais evidente.

A apropriação dos incentivos e a transformação capitalista da agricultura com elevação da produtividade ocorreram em setores específicos que experimentaram grande impulso na década de 70. No entanto, a pauta de exportações desta década permaneceu dominada por produtos tradicionais cuja

capacidade competitiva não foi significativamente afetada e, portanto, insuficiente para provocar um salto qualitativo e atuar como fator explicativo da evolução da taxa de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras.

Na verdade, considerando o grupo dos exportáveis como um todo, durante os anos 70, a disponibilidade de crédito rural contribuiu mais para a incorporação de novas áreas ao processo produtivo do que para a elevação da produtividade (SAYAD, 1984). Analisando a agricultura de mercado interno e a agricultura de exportação de 1947 a 1985, BENEVENUTO (1989) mostra que, só a partir de 1979, a produtividade passou a dar contribuição maior ao aumento da produção que à expansão da área plantada, tanto para produtos exportáveis quanto para os de mercado interno. O rendimento médio por hectare dos exportáveis cresceu de 1978/80 a 1983/85, à uma taxa anual média de 4,9%, contra uma evolução da área colhida de 1,9%, enquanto, no período anterior a 1978/80, esses percentuais foram de 0,05% e 3,6%, respectivamente.

Além dessas questões, considera-se ainda, nesse período, o crescimento do imposto implícito ao setor primário, representado principalmente por tarifas alfandegárias e restrições quantitativas, que acabou impondo limites à capacidade competitiva da agricultura brasileira de exportação. Os resultados da análise da incidência da taxação implícita sobre a agricultura de exportação, apresentados por OLIVEIRA (1984), acrescentam que, a partir dos anos 70, os aumentos de preços internacionais não foram repassados à exportação agrícola e que uma política altamente discriminatória de subsídios às exportações tendeu a sobrevalorizar a taxa de câmbio de mercado recebida pelos exportadores agrícolas. Este autor conclui, ainda, que a agricultura de exportação tradicional (café, cacau, algodão, fumo) foi a mais penalizada.

Em síntese, apesar de o setor agroexportador ter conseguido avanços importantes relacionados com a capacitação tecnológica, estes foram de caráter localizado, não representando um novo patamar competitivo do setor como um todo. É pela expansão do comércio mundial que se pode explicar o expressivo crescimento das vendas externas dos produtos da agroindústria brasileira na década de 70, mostrando ser este um condicionante fundamental na evolução do setor agroexportador.

Segundo Período: 1977/78/79 a 1982/83/84

Em relação ao anterior, este período representa um ponto de inflexão no comércio internacional. A perda de dinâmica das exportações mundiais expressa-se na queda da demanda externa, dados os problemas de endividamento e escassez de divisas, além da auto-suficiência atingida pelos grandes países importadores, resultante das políticas protecionistas postas em prática nos anos anteriores. A interação desses fatores desencadeou uma tendência de queda nos preços das principais "commodities" agrícolas no mercado internacional. O segundo choque do petróleo (1979) e a elevação das taxas de juros internacionais acentuaram o quadro depressivo do mercado externo do início dos anos 80.

Internamente, diante da nova situação mundial, dos agravantes advindos da paralisação dos fluxos de poupança externa e do aumento do desequilíbrio do balanço de pagamentos, estratégias restritivas foram adotadas pelo Brasil para enfrentar a crise. Como consequência, a economia brasileira entra num profundo processo recessivo e o ajustamento externo acaba criando as condições para o direcionamento da produção para o mercado interno.

Os resultados da decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras expressam essa mudança de tendência na medida em que se inverte o padrão de contribuição dos efeitos no desempenho das exportações neste período. O desaquecimento do comércio mundial refletindo a retração da demanda externa passa a ser o fator mais fortemente desfavorável ao crescimento das exportações, revelando o processo recessivo da economia mundial.

A competitividade, ao contrário, é o fator de maior contribuição para explicar o crescimento das exportações deste período, superada, no entanto, pelos efeitos negativos combinados do comércio mundial principalmente, da composição da pauta e do destino das exportações.

Algumas alternativas podem ser levantadas como fatores explicativos para o forte efeito competitividade desse período.

Ao final da década de 70 e início de 80, a política comercial brasileira passou por grandes mudanças. Observa-se uma expressiva redução dos

subsídios à exportação (direcionados ao setor exportador de manufaturas) por força dos ajustes fiscais e monetários requeridos para reequilibrar as contas externas e atender a pressões dos organismos internacionais GATT (General Agreement on Tariffs and Trade) e FMI (Fundo Monetário Internacional).

Por outro lado, após um período de prefixação cambial com desvalorizações baseadas na previsão da inflação interna, uma política cambial mais agressiva, adotada como compensação, incluiu duas maxidesvalorizações de 30% da moeda brasileira em relação ao dólar, em dezembro de 1979 e em fevereiro de 1983. Essa medida não causou, no entanto, grande impacto ao setor agroexportador, tanto pelo seu efeito rápido em razão do acelerado processo inflacionário, quanto pela deterioração do quadro externo do momento.

Devem ser mencionadas, ainda, neste período, as restrições às exportações representadas pelos impostos aplicados sobre os bens agrícolas com o propósito de evitar escassez e desabastecimento interno.

Ademais, é necessário considerar a queda dos preços das principais “commodities” brasileiras, principalmente dos produtos da agroindústria, nos três primeiros anos da década de 80, como reflexo dos juros altos e da retração da economia mundial. Essa queda, que ocorreu em setores constituídos de produtos relativamente homogêneos, não se traduziu em ganhos de competitividade, mas em perda de rentabilidade (PINHEIRO & HORTA, 1993).

O fato marcante na evolução da competitividade foi o salto tecnológico de exportáveis agroindustriais específicos, como os setores de pasta química de madeira, papel, soja e suco de laranja. O País conseguiu ampliar espaços no mercado internacional para estes produtos, como se poderá confirmar pelos resultados dos indicadores de vantagem comparativa analisados na próxima seção.

Essa expansão da capacidade produtiva tem sua origem em decisões passadas, mais especificamente nos investimentos realizados pelo II PND (1974/78), que privilegiavam a implantação de indústrias de bens de capital e produtos intermediários, substitutivos de importações.

Segundo CASTRO & SOUZA (1985), os grandes programas setoriais desenvolvidos na estratégia de 1974 tiveram a função de aliviar o

estrangulamento externo no momento do colapso da capacidade de importar, ocorrido de 1979 a 1982, esta considerada uma crise mais aguda que a de 1973/74, que teria inspirado as propostas do II PND.

Fatalmente, o primeiro choque do petróleo, ocorrido em 1973, atingiu a economia brasileira em pleno período do “milagre econômico” (1968/73) quando a taxa de crescimento do PIB alcançou o recorde de 10% a. a. Nesse momento, a política econômica interna, ao contrário da adotada por outros países não-produtores de petróleo, optou pela continuidade do crescimento econômico, no caso pela implementação dos projetos constantes do II PND, por meio do endividamento externo que financiaria também as importações de petróleo.

A estratégia adotada foi a de uma economia em desenvolvimento, que decidiu não provocar uma recessão como meio de lidar com a adversidade externa (BACHA, 1984), ou seja, a decisão foi a de isolar o País da crise energética mundial, mantendo a proposta de constituição de uma moderna economia industrial. Como consequência, o endividamento externo aumentou mais de 150% no período de 1974/78 (PFEIFER, 1990).

Políticas restritivas só iriam ser adotadas a partir do final de 1979 e início de 80, com a segunda crise do petróleo, e incluíram, além de outras medidas, corte de investimentos e elevação da taxa de juros interna.

Fenômenos ocorridos na economia brasileira em 1983/84 como eliminação do déficit em transações correntes, reconstituição das reservas externas e arrefecimento do galopante crescimento da dívida, foram para CASTRO & SOUZA (1984) resultados da maturação dos investimentos do II PND, que possibilitaram a constituição de um parque industrial competitivo, visando a conquista de novos espaços no mercado externo. O valor das exportações passou então a representar quase o dobro do valor das importações. No caso da agroindústria, os complexos soja (farelo), citrus (suco de laranja), e madeira (pasta química e papel). É importante observar que esses produtos, que permitiram a geração de excedentes exportáveis são de origem manufaturada, ou seja, incorporam algum grau de industrialização. Por certo, este fato está associado ao processo de mudança que vem ocorrendo na estrutura da pauta de exportações da agroindústria brasileira.

Os relatórios do Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira¹ comprovam as intensas transformações ocorridas no setor produtivo agroindustrial. O apoio institucional do Estado à indústria de papel e celulose, nos anos 70 (JORGE, 1993), oferecendo diferentes tipos de subsídios (incentivos fiscais, importação de equipamentos, empréstimos a juros subsidiados e apoio à pesquisa científica e tecnológica), constituiu forte estímulo à execução de projetos de expansão e melhoria de eficiência das unidades produtivas, com forte orientação exportadora.

Esse relatório apresenta também uma análise do desempenho da indústria de suco de laranja concentrado no Brasil (LIFSCHITZ, J. A., 1993) e mostra sua estreita associação com a dinâmica exportadora com crescimento exponencial, após a primeira crise do petróleo. A intervenção do Estado, nesse período, por meio de políticas de preço e estocagem, consolidação de uma rede pública de pesquisas voltadas para o setor, e incentivos financeiros à produção e industrialização, foi fator determinante para a elevação da competitividade da indústria brasileira de suco de laranja concentrado.

Quanto ao complexo soja, a política dos anos 70 foi de estimular a expansão da indústria doméstica de esmagamento e promover a exportação dos derivados em detrimento do grão, que seria retido como matéria-prima para a indústria (SANTANA, 1984).

De maneira geral, a proteção industrial aumentou a industrialização de bens agrícolas. Reduziram-se as exportações de matérias-primas, cedendo espaço para os agroprocessados como café industrializado, farelo e óleo de soja, manteiga de cacau e pó-de-cacau, entre outros (CARVALHO, 1989).

Essas evidências ajudam a explicar a alta participação do efeito competitividade como fonte de crescimento das exportações brasileiras neste período recessivo. Apesar do decréscimo do valor exportado pela agroindústria brasileira (-7,7%), a queda foi bem inferior à registrada em nível mundial (-28,0%) e teria sido mais acentuada na ausência do efeito competitividade. Isso porque, como pode-se observar, o efeito crescimento do comércio mundial foi

¹ Documentos elaborados por IE/UNICAMP - IEI/UFRJ - FDC - FUNCEX.

extremamente negativo, assim como os efeitos composição da pauta e destino das exportações, estes dois últimos, de menor magnitude.

Com relação ao destino das exportações, embora com sinal inverso, dá-se com peso menor do que no período anterior, indicando um certo sentido de direcionamento das exportações agroindustriais para mercados mais dinâmicos.

Terceiro Período: 1982/83/84 a 1989/90/91/92

Nesse último período, a principal fonte de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras volta a ser o crescimento do comércio mundial, o que reflete a reversão da situação depressiva mundial e a recuperação do comércio internacional, que se manifesta desde 1984 e está expressa na evolução da taxa de crescimento das exportações que passa de -28,0% em 1982/83/84 para 34,9% em 1989/90/91/92.

Esse expressivo crescimento está efetivamente relacionado às políticas adotadas nos anos 80 pelos principais países desenvolvidos. A grande formação de estoques agrícolas, principalmente pelos EUA e UE, foi uma decorrência das políticas de proteção ao setor e das rápidas mudanças tecnológicas que provocaram aumento de produtividade e conseqüentemente de excedentes de produção. Segundo a OCDE (1987, 1988), citada por JANK (1990), entre os períodos de 1979/81 e 1984/86, o custo das políticas agrícolas aumentou em média 119% no Canadá, 174% nos EUA e 40% na UE. Na década de 80, vários programas de incentivos diretos às exportações foram criados por estes países para escoar os excedentes de produção no mercado externo. As despesas governamentais da UE e dos EUA para garantirem os mercados agrícolas estão em torno de 50 bilhões de dólares por ano.

Goldin & Knudsen, citados por HOMEM DE MELO (1993), apresentaram evidências empíricas indicando que o conjunto das políticas intervencionistas da UE, EUA e Japão provocaram um rebaixamento artificial nos preços dos produtos agrícolas no mercado internacional.

Vários estudos desenvolvidos no início da década de 90 estimaram os efeitos da liberalização comercial nos países desenvolvidos. BRANDÃO & MARTIM (1993) fizeram uma análise comparativa dos resultados desses estudos e concluíram que, mesmo havendo variações consideráveis entre eles, observam-se alguns padrões consistentes. Eliminada a proteção à agricultura, a oferta dos países desenvolvidos cai e a previsão é de aumento dos preços mundiais de várias “commodities”, em diferentes graus.

Em síntese, há evidências claras mostrando a relação entre a intervenção governamental nos fluxos de comércio dos países desenvolvidos e as altas taxas de crescimento das exportações mundiais nesse período.

Outra questão a ser considerada, na análise dos resultados, é que a economia mundial, apesar de ter-se expandido sensivelmente no período que se seguiu à recessão, chegando a crescer mais de 4% em 1988, passa por outro surto recessivo a partir de 1989, de natureza diferente, mas que implica, da mesma forma numa queda de demanda pelos produtos de exportação (NONNEMBERG et alii, 1994). Políticas monetárias mais rígidas foram adotadas nas principais economias do mundo dada a retomada da inflação, o que trouxe como consequência uma desaceleração da atividade econômica. A taxa de crescimento do produto real dos países da OCDE caiu de 4,2% em 1988 para 2,3% em 1990 (BRANCO et alii, 1992).

Assim, o efeito do comércio mundial sobre as exportações brasileiras, apesar de significativo, é de magnitude inferior à observada no primeiro período analisado, em função desses reveses ocorridos em determinados anos do período.

A economia brasileira, na primeira metade dos anos 80, sofreu os impactos do setor externo e os decorrentes da recessão interna. Na segunda metade, observou-se um expressivo aumento dos gastos públicos e da inflação e uma redução da capacidade arrecadadora do Estado. Os vários planos econômicos, em prática desde 1986, não conseguiram atingir a meta de estabilização de preços. O programa básico de reformas estruturais de 1990 que consistia de liberalização gradual do comércio exterior, retomada das relações com a comunidade financeira internacional, privatização de empresas públicas, desregulamentação da economia, liberalização dos preços e programas de

qualidade e produtividade (OLIVEIRA & SILVA, et alii), obteve êxitos parciais, porém insuficientes para se alcançar a almejada estabilidade econômica.

Enfim, a crise macroeconômica brasileira, que perdurou (com raras exceções) durante toda a década de 80 e início dos anos 90, criou restrições ao aproveitamento das oportunidades abertas no mercado internacional no momento em que a economia mundial voltava a crescer e oferecia perspectivas de crescimento ao setor exportador brasileiro. Embora os efeitos crescimento do comércio mundial e destino das exportações tenham sido positivos (o último relativamente menor), a taxa de crescimento das exportações brasileiras, ao contrário da mundial, permaneceu negativa e de valor absoluto maior que o do período anterior (-31,3%).

O principal fator desacelerador do desempenho das exportações foi a competitividade, ou seja, mantida a participação no mercado internacional, a taxa de crescimento das exportações brasileiras teria sido crescente ou decrescente em menor proporção, se tivessem existido condições de competitividade.

Por ser um indicador que reflete a interação de diferentes fatores, alguns aspectos são analisados e associados ao seu comportamento neste período.

Observou-se, na economia brasileira, após a interrupção do fluxo de poupança externa no início dos anos 80, uma inversão em termos de transferências líquidas ao exterior, e o País passou à condição de exportador líquido de capitais. Como consequência, houve queda de investimentos que, combinada com a plena utilização da capacidade instalada atingida em 1986 (PFIFER 1990), impôs uma restrição ao crescimento da produtividade e por consequência da competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional. Ganhos de produtividade foram registrados, mas em setores específicos, ou seja, não se caracterizaram como um fenômeno geral. Acrescenta-se, ainda, o fato de que entre os principais países exportadores ocorreram significativos ganhos de produtividade em função do modelo de forte uso de capital intensivo que fundamentou os programas de incentivo à produção.

A discussão da competitividade do setor agroindustrial remete, novamente, à questão da taxação implícita já abordada na análise do primeiro período. Evidências empíricas mais recentes (PINHEIRO & ALMEIDA, 1993) reafirmam a histórica proteção do setor industrial, acrescentando que, em nenhuma das reformas tarifárias implementadas (1967, 1988 e 1990/93), houve significativa ruptura deste padrão. Segundo esses autores “os setores *mais modernos*, ou de maior intensidade tecnológica, conquistaram, progressivamente, espaço entre os mais protegidos, particularmente, a partir de 1988 e 1990”.

A discriminação tarifária entre as atividades agrícola e industrial é também destacada nos resultados do trabalho de KUME (1993). Argumenta-se que as tarifas aduaneiras incidentes sobre os produtos agrícolas são insuficientes para compensar os subsídios à agricultura fornecidos pelos EUA e pela UE, ou seja, o setor agrícola recebe um nível de proteção inadequado frente aos produtos externos apoiados pelos governos locais.

As barreiras não tarifárias (qualidade, sanidade, entre outras) dos produtos exportados pela agroindústria vão se tomando também cada dia mais rigorosas influenciando a competitividade externa do setor.

O contexto de preços internos mais atraentes que o vigente no mercado internacional foi outro fenômeno relacionado ao comportamento do setor agrícola nos anos 80, de retomada de crescimento da produção de bens de consumo doméstico. A relativa recuperação dos salários e contração dos preços públicos no período de 1985 a 1988 tiveram também influência na demanda por estes bens. Somando-se ainda a elevação dos termos de troca na agricultura, a consequência foi o redirecionamento da produção para o mercado interno em detrimento das exportações.

A menor competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional é ainda um reflexo do comportamento da taxa de câmbio real, de meados da década de 80 a início da de 90, como já mostrado no capítulo introdutório. Em linhas gerais, este se caracterizou pela instabilidade, com tendência clara de defasagem cambial, ocorrendo períodos de acentuada sobrevalorização, que afetou sensivelmente a competitividade das exportações brasileiras. HOMEM DE MELO (1993), comparando as taxas médias de câmbio real de 1985 com as de março de 1990 concluiu que a moeda brasileira teve uma

valorização de 56,3% frente ao dólar norte-americano e de 45,1% frente a cesta de moedas dos principais parceiros comerciais do Brasil.

Na verdade, o valor real das exportações totais brasileiras apresentou, neste último período, comportamento estável, com ligeira tendência de crescimento (Apêndice 7). O valor real exportado pela agroindústria, entretanto, foi sempre decrescente como mostram os dados analisados no Capítulo 2. Esses resultados dão indicações de que o setor industrial teve condições de suportar melhor a sobrevalorização que o agroindustrial. Características específicas de diferenciação de produtos, segmentação de mercados, entre outras, conferem ao setor industrial uma maior margem de competitividade e uma maior capacidade de absorver e internalizar as variações de preços resultantes da defasagem cambial.

De importância nos resultados desse último período, destaca-se o fato de ter sido a competitividade, um fator relacionando às políticas internas, o principal responsável pela queda das exportações. Isto abre possibilidades de atuação na conquista de maiores parcelas de mercado num contexto de crescimento do comércio mundial, recuperando a importância do setor agroexportador como elemento-chave para políticas de desenvolvimento e equilíbrio das contas externas.

O efeito composição da pauta apresentou, nos três períodos analisados, resultados semelhantes em magnitude e sempre negativos, ou seja, contribuiu para desacelerar o crescimento das exportações brasileiras, revelando que a pauta de exportações permaneceu concentrada em produtos de crescimento mais lento, em relação ao mercado mundial. Embora venham ocorrendo mudanças na estrutura da pauta, com tendência clara de maior participação de produtos com mais alto grau de transformação industrial, estas não se consolidaram definitivamente e, em termos de peso relativo, revelaram-se insuficientes para explicar o diferencial de variação na taxa de crescimento das exportações, nos períodos analisados, mantendo, no agregado, uma contribuição negativa e estável quando se procede à decomposição dos efeitos.

Os resultados referentes às fontes de crescimento das exportações, quando os produtos são agregados em básicos, semimanufaturados e manufaturados (Tabela 14), não apresentam variações quanto ao padrão dos resultados obtidos na estimativa por produto. As diferenças ocorrem quanto à

magnitude de alguns coeficientes, sendo as mais acentuadas correspondentes aos efeitos crescimento do comércio mundial e competitividade. Por exemplo, no primeiro período, o efeito crescimento do comércio mundial permanece positivo e forte, porém mais reduzido quando a análise é feita por agregado e o efeito competitividade permanece negativo, mas, também, menos acentuado, ou seja, tem uma contribuição relativamente menor para reduzir as exportações.

Tabela 14 - Taxas de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras e mundiais, por agregado, e fontes de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras, em %

	Períodos		
	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84
	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91/92
1. Taxas de crescimento			
• Exportações brasileiras	22,75	-7,68	- 31,28
• Exportações mundiais	27,67	-28,06	34,92
2. Fontes de crescimento			
• Crescimento do comércio mundial	120,12	-352,12	115,60
• Composição da pauta de exportações	32,24	-32,98	-19,20
• Destino das exportações	-33,69	-27,10	7,00
• Competitividade	-18,67	312,19	-203,40

No segundo período, os resultados relativos aos três agregados não apresentaram diferenças significativas em relação aos estimados por produto.

E, no último período, ocorre o inverso observado para o primeiro. O efeito crescimento do comércio mundial permanece positivo, mas magnificado, ou seja, tem uma contribuição maior no sentido de aumentar a taxa de crescimento das exportações. O efeito competitividade é também superior em termos absolutos e permanece negativo, contribuindo mais fortemente para o sentido inverso, ou seja, para o decréscimo das exportações.

Quanto ao efeito comércio mundial, as diferenças ocorrem em razão de variabilidade nas estimativas do coeficiente “ r ”, que representa a variação média das exportações mundiais dentro de cada período. No primeiro, o valor desse coeficiente por produto apresentou maior amplitude de variação e a média resultante foi superior à estimada para os agregados cujos índices individuais foram menores, mais estáveis e resultaram em média inferior. Assim, o efeito comércio mundial é um pouco mais acentuado quando se considera cada produto exportado. No terceiro período, ocorre o inverso e o peso deste efeito é atenuado nas estimativas por produto.

O efeito competitividade apresentou peso relativo menor no sentido inverso ao crescimento das exportações quando as estimativas foram feitas por agregado no primeiro período e, mais acentuado, no terceiro. Essas diferenças são devidas às variações de ganhos e perdas de competitividade, que vão ocorrendo ao longo do tempo e que não são homogêneas nem generalizadas. Quando se considera uma pauta de produtos muito diversificada em um período de tempo mais longo, como neste estudo, há maior probabilidade de ocorrerem diferenças entre as estimativas quando estas se referem a cada produto, mas podem ser atenuadas ou acentuadas na medida em que se procede à agregação.

Na verdade, o mais relevante e fundamental nesta análise é a permanência do mesmo padrão dos resultados na explicação do comportamento das exportações brasileiras nos dois procedimentos alternativos.

Em síntese, da análise dos resultados das fontes de crescimento das exportações brasileiras da agroindústria fica clara a importância relativa de dois fenômenos: um de natureza exógena, que é o comportamento da demanda externa (efeito crescimento do comércio mundial), e outro, que representa a interação de um conjunto de fatores internos, que é a competitividade relativa. Neste aspecto o país tem conseguido avanços significativos em determinados setores, que têm-se tornado mais competitivos internacionalmente.

Os resultados dos indicadores de Vantagem Comparativa Revelada, discutidos a seguir, mostram esse fenômeno: a evolução do desempenho das exportações brasileiras por produto da agroindústria, em relação à evolução ocorrida em nível mundial.

Indicadores de Vantagem Comparativa Revelada

Os resultados, apresentados na Tabela 15, quantificam o peso relativo das exportações de cada produto na pauta de exportações da agroindústria brasileira, em relação à situação ocorrida em nível mundial. Pode-se observar também o quadro evolutivo da vantagem comparativa desses produtos ao longo do período analisado.

Dos 20 produtos incluídos, os índices referentes ao último período (1989/90/91/92) são superiores à unidade - o que indica vantagem comparativa internacional - em nove casos: suco de laranja, farelo de soja, óleo de soja, cacau em pasta, café em grão, café solúvel, soja em grão, fumo e manteiga de cacau. Os maiores valores referem-se ao suco de laranja (11,5) e ao farelo de soja (6,5). Os produtos cacau bruto e açúcar bruto apresentam indicadores de vantagem comparativa iguais à unidade. Esses resultados revelam que, apesar da tendência de diversificação da composição da pauta de exportações da agroindústria brasileira, o País permanece com um padrão de especialização com certa dominância de produtos tradicionalmente exportados.

A análise evolutiva, no entanto, confirma aspectos importantes: os complexos cacau e café (produtos e subprodutos), exportáveis tradicionais, apesar de não apresentarem índices inferiores à unidade, sofreram redução ou mantiveram estabilidade nos últimos períodos considerados. Isso confirma a perda de vantagem comparativa no mercado internacional, fato já verificado nos resultados do Capítulo 2.

Farelo de soja e soja em grão apresentaram tendência irregular no comportamento dos indicadores de vantagem comparativa, mas na última década, estes foram crescentes.

Merece atenção a evolução positiva dos índices estimados para suco de laranja nos quatro períodos, reafirmando a significativa expansão de suas exportações, de forma mais acentuada a partir de final da década de 70. Considerando cada produto individualmente, o suco de laranja oscila atualmente entre o segundo e terceiro lugares na pauta de exportações da agroindústria brasileira.

Tabela 15 - Indicadores de Vantagem Comparativa Revelada por produto da agroindústria brasileira.

PRODUTO	Períodos			
	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1990/91/92
Suco de laranja	2.182	7.233	9.132	11.464
Farelo de soja	3.796	6.031	4.899	6.532
Oleo de soja	0.742	3.172	3.111	3.718
Cacau em pasta	2.663	6.190	7.730	3.714
Café em grão	4.381	2.878	3.106	3.256
Café solúvel	4.860	6.475	4.540	3.037
Soja em grão	2.644	0.838	0.633	2.974
Fumo	0.623	1.130	1.496	2.284
Cacau (manteiga)	2.433	1.829	1.934	2.282
Cacau (bruto)	1.627	2.083	1.177	1.029
Acúcar (bruto)	2.265	0.678	0.472	1.002
Pasta química de madeira	0.007	0.174	0.516	0.792
Peles e couros	0.105	0.113	0.297	0.776
Açúcar refinado	0.292	0.880	0.893	0.775
Carne bovina industrializada	0.394	0.135	1.023	0.769
Algodão bruto	0.748	0.108	0.253	0.345
Tecidos	0.176	0.198	0.273	0.327
Carne bovina fresca cong./resfriada	0.214	0.031	0.170	0.159
Papel	0.012	0.044	0.121	0.159
Algodão em fios	0.080	0.151	0.162	0.125

Resultado semelhante observa-se para o fumo, cujos indicadores são sempre crescentes, embora em menor magnitude.

Entre os produtos da agroindústria brasileira, cujos indicadores de vantagem comparativa são inferiores à unidade, é importante destacar alguns aspectos. Para um grupo deles, além dos indicadores estimados terem atingido, no último período, valores próximos de um, o que pode ser considerada uma situação de “quase especialização”, apresentaram, ao longo do período, uma excepcional evolução crescente. É o caso de pasta química de madeira, peles e couros, açúcar refinado e carne bovina industrializada. Também com comportamento ascendente em todo o período analisado, mas com valores bem inferiores à unidade, observam-se os índices referentes a papel e tecidos.

Tais resultados, além de indicarem espaços potenciais de crescimento das exportações brasileiras, confirmam a tendência de mudanças na estrutura da pauta, para maior sofisticação tecnológica, e a participação crescente de produtos com mais elevado grau de transformação industrial.

Esse fenômeno fica também evidenciado, com clareza, na análise da evolução dos indicadores de vantagem comparativa quando os produtos são classificados em básicos, semimanufaturados e manufaturados (Tabela 16). Observa-se a tendência de redução dos índices referentes aos produtos básicos nos vários períodos, que, no entanto, permanecem superiores à unidade, ou seja, com peso na pauta de exportações brasileiras superior ao observado na pauta mundial, reforçando a permanência do padrão de especialização da agroindústria brasileira.

Trajetória inversa ocorre com os semimanufaturados e manufaturados cujos valores são crescentes ao longo do tempo. Alteração mais significativa é observada para os semimanufaturados cujos indicadores passaram a valores superiores à unidade desde o final da década de 70, indicando ganho de vantagem comparativa. No caso dos manufaturados, a tendência é crescente, porém menos acentuada, e o valor do coeficiente permanece inferior à unidade, o que indica o sentido da evolução, mas não chega a caracterizar uma situação de vantagem comparativa internacional.

Os produtos que tiveram maior influência no crescimento dos indicadores relativos aos produtos semimanufaturados foram, sem dúvida, a pasta química de madeira e os subprodutos peles e couros cujos coeficientes apresentaram maior crescimento, como mencionado anteriormente.

Tabela 16 - Indicadores de vantagem comparativa revelada, por agregado da agroindústria brasileira

Agregados	Períodos			
	1973/74/75	1977/78/79	1982/83/84	1989/90/91/92
Básicos	1,831	1,181	1,034	1,161
Semimanufaturados	0,663	1,516	1,626	1,760
Manufaturados	0,233	0,464	0,626	0,552

Dos produtos classificados como manufaturados, o suco de laranja apresentou aumento expressivo nos indicadores de vantagem comparativa ao longo do tempo, o mesmo acontecendo com tecidos e papel, em proporções inferiores. Mas, ao mesmo tempo, outros produtos deste grupo apresentaram redução dos coeficientes ou estes permaneceram estáveis, o que teve influência no sentido de atenuar a intensidade de crescimento do indicador de vantagem comparativa dos manufaturados.

Esses resultados, da mesma forma que os obtidos por produto, são reveladores da mudança por que vem passando a estrutura da pauta agroexportadora brasileira na direção de um maior crescimento da participação de produtos industrializados (semimanufaturados e manufaturados). Essas mudanças, embora sinalizem uma nova natureza de inserção comercial do Brasil na economia mundial, caracterizam um processo que está em curso e não um padrão consolidado de desenvolvimento da agroindústria brasileira.

5. CONCLUSÕES

A economia brasileira passou, nos anos 70, por um intenso processo de industrialização, parte da estratégia de complementação do modelo de substituição de importações.

A política de endividamento externo foi adotada para manter o nível da atividade econômica e isolar a economia dos efeitos negativos da crise internacional, provocada por dois choques energéticos consecutivos e seus desdobramentos.

O forte impacto sobre o balanço de pagamentos brasileiro da elevação das taxas de juros internacionais agravado pela interrupção dos fluxos de poupança externa criou as condições para imposição de políticas econômicas restritivas no início da década de 80, direcionadas ao ajuste do desequilíbrio das contas externas.

Apesar de a política de ajustamento externo ter priorizado a contenção das importações e o estímulo às exportações, o setor exportador agrícola começou a perder dinamismo, reflexo da queda da demanda externa, dadas a situação depressiva da economia mundial e a evolução desfavorável dos preços das principais "commodities" no mercado internacional, além da auto-suficiência adquirida pelos países importadores de produtos da agroindústria brasileira.

Dentre as políticas setoriais internas, a reforma do sistema de financiamentos rurais, combinada com a conjuntura recessiva da economia, contrariou as expectativas de crise na agricultura brasileira. Durante a década de 80, a melhoria dos termos de troca domésticos, a política cambial que, apesar das desvalorizações, manteve tendência de defasagem, e o contexto de preços

internacionais desfavoráveis levaram ao direcionamento da produção agrícola para o mercado interno. Em estudo detalhado sobre política agrícola e agricultura na década de 80, REZENDE (1988) concluiu que o processo de ajustamento externo criou as condições favoráveis à agricultura de mercado interno, a qual passou de retardatária, na década de 70, a motor do crescimento agrícola na de 80.

— Nesse contexto, o setor agrícola exportador teve participação limitada no esforço de geração de divisas. O menor dinamismo das exportações agrícolas brasileiras foi acompanhado de mudança na composição da pauta, em termos de uma tendência crescente de participação de produtos com maior grau de transformação industrial, ou seja, de relativa “modernização” de sua estrutura.

Nesse sentido, os dados empíricos mostraram o crescimento acelerado do valor das exportações da agroindústria na década de 70, a expressiva queda ocorrida no início da década de 80, e uma fase de relativa estabilidade que se seguiu, com novos decréscimos registrados no início da década de 90.

Entre os agregados básicos, semimanufaturados e manufaturados, o comportamento das exportações, embora semelhante ao ocorrido no total, apresentou, ao final da década de 80 e nos primeiros anos de 90, uma dinâmica claramente diferenciada: o valor exportado dos produtos básicos decresceu acentuadamente; com os semimanufaturados e manufaturados ocorreu o inverso, ou seja, uma tendência favorável na evolução das exportações.

O índice de preços dos exportáveis mostrou-se um importante fator explicativo desse comportamento.

A hipótese de ocorrência de alterações na estrutura da pauta evidenciou-se também nos resultados de participação de cada agregado no valor total exportado. Ao longo do período analisado, a trajetória foi de decréscimo do peso dos básicos e de aumento gradativo da participação dos semimanufaturados e manufaturados.

No comércio internacional, a análise da evolução da estrutura do setor exportador agroindustrial revelou não ser este um fenômeno específico do Brasil, uma vez que vem ocorrendo em outros países, especialmente da América

Latina. É, no entanto, um processo muito mais intenso e persistente no mercado agroexportador brasileiro.

Vistos de uma perspectiva desagregada, os resultados mostraram a expressiva perda de peso dos exportáveis tradicionais - café em grãos, açúcar bruto, algodão bruto e cacau cru - enquanto farelo de soja, pasta química de madeira, papel e suco de laranja começaram a sobressair como pólos mais dinâmicos, liderando esse processo de transformação.

A evolução dos indicadores de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) são confirmadores desse quadro geral. Os complexos cacau e café (produtos e subprodutos) - exportáveis tradicionais - perderam vantagem comparativa no mercado internacional, embora tenham permanecido com índices superiores à unidade. Os maiores valores referiram-se a suco de laranja e farelo de soja. Pasta química de madeira, peles e couros, carne bovina industrializada, papel e tecidos apresentaram, ao longo do período, índices evolutivos também crescentes.

Entre os agregados, a evolução do indicador de VCR dos produtos básicos foi decrescente, mas o valor permaneceu superior à unidade. Ao contrário, os índices referentes aos semimanufaturados e manufaturados tiveram comportamento crescente, os primeiros atingindo valores superiores à unidade desde o final da década de 70.

Apesar dessas evidências caracterizarem uma nova natureza de inserção comercial do setor agroexportador no mercado mundial, não permitem conclusão definitiva sobre a consolidação de um novo padrão de especialização, senão a caracterização de um fenômeno que está em curso, dada a permanência, com relativa importância na pauta, de produtos básicos tradicionalmente exportados. São, no entanto, resultados que sinalizam a linha de tendência do fluxo do comércio agroexportador brasileiro e que revelam os espaços potenciais para o crescimento do capital agroindustrial no mercado externo.

A análise das fontes de crescimento das exportações mostrou a importância do crescimento do comércio mundial e da competitividade no desempenho das exportações agroindustriais brasileiras. A contribuição dessas variáveis ocorreu, no entanto, em todos os períodos analisados, em sentidos

opostos, ou seja, quando o principal fator explicativo do crescimento das exportações foi o melhor desempenho do mercado mundial, o efeito da competitividade atuou em sentido inverso, e vice-versa.

No primeiro período (1973/74/75 a 1977/78/79), quando o comércio mundial passava por uma fase de dinamismo, à qual esteve associado o também favorável desempenho exportador brasileiro, a competitividade apresentou o mais forte efeito negativo, ou seja, não atuou no sentido de ampliar os espaços no mercado internacional.

No período seguinte (de 1977/78/79 a 1982/83/84), quando ocorreu a expansão da capacidade produtiva nacional, fruto principalmente da maturação dos investimentos realizados pelo II PND, prevaleceu o efeito competitividade como fator explicativo do desempenho das exportações. Nesse período, no entanto, a situação da economia mundial era depressiva e exerceu impacto altamente negativo sobre as exportações brasileiras, atuando para neutralizar o efeito positivo da competitividade, que, no entanto, impediu que a queda das exportações brasileiras fosse mais acentuada que no comércio internacional.

No período em que o comércio mundial recuperou seu ritmo de crescimento (de 1982/83/84 a 1989/90/91/92) e passou a ser o principal fator explicativo do comportamento das exportações agroindustriais brasileiras, a competitividade voltou a exercer forte efeito negativo sobre o setor. Diversos fatores, como queda de investimentos, preços internos mais atrativos e comportamento instável do câmbio, impuseram restrições à conquista de maiores parcelas de mercado. A estabilização econômica que os vários planos de governo não conseguiram atingir acabou criando as restrições a um maior dinamismo do setor exportador brasileiro no momento em que o cenário externo era altamente favorável à expansão da capacidade brasileira de exportar.

Das evidências empíricas obtidas, algumas questões merecem ser destacadas como fundamentais no processo de ampliação das possibilidades de crescimento do setor agroexportador brasileiro.

A dinâmica do comércio mundial é um determinante essencial do desempenho do comércio externo do País. A economia brasileira, no entanto, não tem conseguido aproveitar as fases de dinamismo das economias mais avançadas

para ampliar sua participação no comércio mundial. A principal limitação a uma inserção internacional mais agressiva tem sido a permanência de fenômenos conjunturais, associados à instabilidade macroeconômica, que determinam a imposição de políticas restritivas ao crescimento dos investimentos, do produto e dos fluxos de comércio. A conquista de melhor posição no mercado internacional tem como pré-condição a consolidação de um ambiente macroeconômico estável, fundamental também para a maior competitividade das exportações brasileiras. É importante e estratégico o fato de ser a competitividade um fator interno, assim como é o destino das exportações, o que reforça a eficácia de uma política comercial ativa para o setor exportador. Esse último efeito, ainda que com importância relativa bem menor, apresentou comportamento crescente ao longo do período, indicando o direcionamento das vendas externas para mercados mais dinâmicos.

O efeito composição da pauta não foi, em nenhum período, favorável ao crescimento das exportações, apesar das mudanças estruturais ocorridas, que, pelo caráter localizado e específico em determinados sub-setores, revelaram-se de pequeno impacto global.

A expansão da capacidade tecnológica aparece como o caminho mais viável para a consolidação de vantagens comparativas já adquiridas em setores tradicionais, na sua ampliação em setores que sinalizam espaços potenciais e na exploração de novas vantagens comparativas em nichos de mais alta tecnologia.

Assim, o estímulo ao setor agroexportador não é só resultado direto do dinamismo do comércio internacional, mas também do esforço de desenvolvimento de estratégias que permitam conquistar maior participação nesse comércio.

Nesse sentido, além da pressuposta obtenção de um quadro de estabilidade macroeconômica que permita a atuação em ambiente de maior previsibilidade, é fundamental levar em conta a necessária reestruturação do setor produtivo nacional. Numa economia diversificada como a brasileira, em que não existe uma divisão rigorosa entre bens domésticos e exportáveis, já que estes são amplamente consumidos no mercado interno, há a possibilidade de direcionar a produção para atendimento do consumo doméstico, com orientação exportadora,

de forma a aproveitar as oportunidades abertas para a maior integração do capital agroindustrial aos fluxos mundiais de mercadorias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G. B Indicadores de competitividade para a indústria brasileira no período 1974/91. In: *Perspectiva da economia brasileira* . Rio de Janeiro, IPEA, 1993. Vol. 1, cap. 18, p 359 - 96.

BENEVENUTO, A. Agricultura de mercado interno versus agricultura de exportação: caracterização e tendências. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 22, Piracicaba, SP, 24 a 28 de julho de 1989. *Anais do XXI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. Piracicaba, 1989, p. 610 - 34.

BRANCO, F. de C. et alii. O ambiente econômico internacional e suas perspectivas. In: *Perspectiva da economia brasileira*. Rio de Janeiro, IPEA, 1992. p. 177 - 206.

Brandão, A. S. P. & Martin, W. J. Implications of agricultural trade liberalization for the developing countries. *Agricultural Economics*, Amsterdam, 8(1): 313-43, June 1993.

BROWN, H.J. Shift and share projections of regional economic growth: an empirical test. *Journal of Regional Science*, 9: 1-17, 1969.

CARVALHO, J. L. Choques externos e a resposta interna: "Semeando vento e colhendo tempestade" na agricultura brasileira. *Revista Brasileira de Economia*, 43 (2): abr./jun. 1989. p. 139 - 75.

DIAS, G.L.S. O papel da agricultura no processo de ajustamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 27, Piracicaba, julho 1989. *Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. Piracicaba, 1989. p. 310 - 17. (Nota adicional).

DIAS, G.L.S. & BARROS, J.R.M. Fundamentos para uma nova política agrícola, *Coleção Análise e Pesquisa*, 26: 39, novembro 1983.

FONTES, R.M.O. & BARBOSA, M.L. Efeitos da integração econômica do Mercosul e da Europa na competitividade das exportações brasileiras de soja. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 29 (4): 335 - 51, out./nov./1991.

GOLDIN, I & RESENDE, G.C. *A agricultura brasileira na década de 80: crescimento numa economia em crise*. Rio de Janeiro, IPEA, 1993. 119p. (Série IPEA, 138).

GONÇALVES, R. Competitividade internacional, vantagem comparativa e empresas multinacionais: o caso das exportações brasileiras de manufaturados. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 17 (2): 411 - 36, ago. 1987.

HOMEM DE MELO, F.B. A política econômica e o setor agrícola no período pós-guerra. *Revista Brasileira de Economia*, 33 (1): 25 - 63, jan./mar. 1979.

_____. Análise das principais variáveis econômicas. In: *A Agropecuária paulista, a liberalização comercial e o Mercosul*. São Paulo, SEPLAU - SP/FIPE, 1993. p.3 - 35.

HORTA, M.H.T. Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 70. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 13 (2): 507 - 42, ago. 1983.

HORTA, M.H.T.; WADDINGTON, S.; SOUZA, C. F. de, Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 80. In: *Perspectiva da economia brasileira*. Rio de Janeiro, IPEA, 1993. Vol. 1, cap. 12, p. 231 - 46.

IGLESIAS, R.M. A crise do comércio agrícola mundial. *Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior*, maio 1990. (Texto para discussão interna, 31).

JANK, M.S. Mudanças no padrão de crescimento e dinâmica de ajuste externo do setor agroindustrial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 28, Florianópolis, julho 1990. *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. Florianópolis, 1990. p.297 - 307.

——— As safras agrícolas e o risco das importações de grãos. *Preços Agrícolas*, (93): 4-6, jul. 1994.

——— Mudanças no padrão de crescimento e dinâmica de ajuste externo do setor agroindustrial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 28, Florianópolis, julho 1990. *Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. Florianópolis, 1990. P.297 - 303.

JORGE, M. M. Estudo da competitividade da indústria brasileira. Campinas, MCT/FINEP/PADCT, 1993. (Nota técnica setorial do complexo "Papel e Gráfica - Celulose).

JORGE, M. M. et alii. Estudo da competitividade da indústria brasileira. Campinas, MCT/FINEP/PADCT, 1993. (Nota técnica setorial do complexo Papel e Gráfica - Papel)

KUME, H. A Liberalização das Importações de Produtos Agrícolas: A Experiência dos Anos 90. In: Teixeira, E. C. & Aguiar, D.R.D, (ed.). *Comércio Internacional e Comercialização Agrícola*. Viçosa, UFV, Impr. Univ., 1995, cap. 8, p. 177 - 97.

LEAMER, E.E. & STERN, R.M., Quantitative international economics. *Allyn and Bacon*, Boston, Massachusetts, Ch. 7. p.171-183, 1970.

LOPES, M.R. As políticas macroeconômicas e o setor agrícola. In: SEMINÁRIO SOBRE PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA BRASILEIRA, Piracicaba, 1987. ESALQ/FEALQ, Piracicaba, São Paulo, p.66 - 78.

———. O poder das coalisões políticas de grupos de interesse de bloquear o desenvolvimento agrícola. In: SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA NA DÉCADA DE 90. Viçosa, MG, UFV, 1992. 27p.

LIFSCHITZ, J. A. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. Campinas, MCT/FINEP/PADCT. 1993. 66p (Competitividade da indústria de suco de frutas).

MAINON, D. et alii. Agricultura e ajustamento externo: o papel das culturas de substituição de importação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 29, Campinas, agosto, 1991. *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. Campinas, 1991, p. 60 - 82

MANOEL, A. & BARROS, J.R.M. Agricultura brasileira: transformação e perspectiva na década de 80. Salvador. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 15, dezembro de 1987.

MEDEIRO, V.X. & TEIXEIRA, E.C. Competitividade das exportações de carnes bovina, suína e de frango do países do Mercosul no mercado internacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 32, Brasília, julho 1994. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. Brasília, 1994, p.545 - 63.

NONNEMBERG, M. J. B. et alii. O cenário econômico internacional e as perspectivas da economia brasileira. In: *Perspectivas da economia brasileira*. Rio de Janeiro, IPEA. 1994. V. 1, p. 173 - 96.

OLIVEIRA, J. C. Incidência da taxao implcita sobre produtos agrcolas no Brasil: 1950/74. *Pesquisa e Planejamento Econmico*, 14 (2): 399 - 452, ago. 1984.

OLIVEIRA E SILVA, A. B. et alii. Retrospectiva da economia brasileira. In: *Perspectivas da economia brasileira*. Rio de Janeiro, IPEA, 1993, p. 13 - 41.

PAULA, N. de. O mercado internacional e os desafios para a agricultura brasileira. *Economia*, (17): 39 - 48, 1993. *ESALQ*

PFEIFER FILHO, A. Agricultura e o ajuste do setor externo: Brasil - dcadas de 70 e 80. Piracicaba, ESALQ/USP, 1990. 116p. (Tese MS).

PINHEIRO, A. C. & ALMEIDA, G. B. Padres setoriais da proteo na economia brasileira. In: TEIXEIRA, E. C. & AGUIAR, D.R.D. (ed.). *Comrcio Internacional e Comercializao Agrcola*. Viosa, UFV, Impr. Univ., 1995, cap. 9, p. 199 - 239.

RESENDE, G.C. Ajuste externo e agricultura no Brasil, 1981-86. *Revista Brasileira de Economia*, 42 (2): 101 - 37, abr/jun. 1988.

——— Poltica econmica e agricultura na dcada de oitenta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 27, Piracicaba, 1989. *Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*, Piracicaba, 1989, p. 284 - 309.

RICHARDSON, J.D. Constant-Market-Shares analysis of export growth. *Journal of International Economics*, 1:227-39, 1971.

SANTANA, C. A. M. The impact of economic policies on the soybean sector of Brazil: an effective protection analyses. University de Minnesota, dezembro 1984. 291p. (Tese PhD.)

SAYAD, J. *Crédito rural no Brasil*. São Paulo, FIPE/PIONEIRA, 1984. 125p.

SILVA, O.M. Elasticidade de substituição para o suco de laranja no mercado internacional. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 30, (2): 136 - 47, abr./jun. 1992.

STERN, R.M. *Foreign trade and economic growth in Italy*. New York, Frederic A. Praeger, New York, 1967. Ch. 2.

SZMRECSANYI, T. *Pequena história da agricultura no Brasil*. São Paulo, Contexto Editora, 1990. 120 p.

TYLER, W.C. *Manufactured export and industrialization in Brazil*. Tübingen, J. C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1976.

VEIGA, P. M. *Exportações brasileiras: desempenho, especialização internacional e mudança estrutural*. Rio de Janeiro, FUNCEX, junho 1991. 76 p. (Texto para discussão, 56).

ZINI, JR., A.A. As minidesvalorizações brasileiras: política adequada com choques de oferta? *Estudos Econômicos*, 18(1):51-91, jan./abr. 1989.

APÊNDICE 1

CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTOS DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA POR AGREGADO

1. PRODUTOS BÁSICOS

- Açúcar demerara
- Algodão bruto
- Cacau cru
- Café (grão)
- Camarão congelado
- Carne bovina fresca/refrigerada/congelada
- Carne de frango congelada
- Castanha-de-caju
- Farelo de polpa cítrica
- Farelo de soja
- Fumo em folhas
- Peixe congelado
- Pimenta
- Soja (grão)

2. PRODUTOS SEMIMANUFATURADOS

- Açúcar cristal
- Madeira serrada
- Manteiga de cacau
- Óleo bruto de soja
- Liquor/pasta de cacau
- Pasta química de madeira
- Peles e couros

3. PRODUTOS MANUFATURADOS

- Açúcar refinado
- Café industrializado (solúvel)
- Carne bovina industrializada
- Fios de algodão
- Madeira ent/apl/plac/contraplacada
- Óleo refinado de soja
- Papel e suas manufaturas
- Suco de laranja concentrado/congelado
- Tecidos de algodão

APÊNDICE 2

RELAÇÃO DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS BRASILEIROS EXPORTADOS

1. SOJA

- Farelo
- Grão
- Óleo bruto
- Óleo refinado

2. CAFÉ

- Grão
- Industrializado (solúvel)

3. MADEIRA

- Serrada
- Ent/apl/plac/contraplacada
- Pasta química
- Papel e suas manufaturas

4. LARANJA

- Suco concentrado
- Farelo de polpa

5. CARNE BOVINA

- Fresca/refrigerada/congelada
- Industrializada
- Peles e couros

6. CACAU

- Cru
- Manteiga
- Liquor/pasta

7. AÇÚCAR

- Demerara
- Cristal
- Refinado

8. FUMO**9. ALGODÃO**

- Bruto
- Fios
- Tecidos

10. CASTANHA-DE-CAJU**11. PIMENTA****12. FRANGO****13. PESCA**

- Camarão congelado
- Peixe congelado

APÊNDICE 3

**SÉRIE DE DADOS DAS EXPORTAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA
DOS PRODUTOS BÁSICOS , SEMIMANUFATURADOS E MANUFATURADOS**

Tabela 3.1 - PRODUTOS BÁSICOS - EXPORTAÇÕES AGROINDUSTRIAS BRASILEIRAS - em 1000US\$ FOB de 1992
E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL EM RELAÇÃO AO TOTAL, período de 1971 a 1992

ANO	S1	%	S2	%	C1	%	L2	%	P1	%	FUMO	%	CA1	%	A1	%	AG1
1971	246331	5.85	73444	1.75	2333873	55.47	0	0.00	298218	7.09	110458	2.63	186355	4.43	442780	10.52	415975
1972	450896	7.29	378451	6.12	2926440	47.32	0	0.00	500565	8.09	138077	2.23	175009	2.83	929352	15.03	558184
1973	1103709	13.34	1290478	15.59	3249409	39.26	0	0.00	387930	4.69	152663	1.84	231149	2.79	1187872	14.35	568483
1974	667167	9.42	1290705	18.22	1902829	26.86	0	0.00	65018	0.92	217797	3.07	482341	6.53	2153777	30.40	200196
1975	938195	14.07	1379517	20.68	1721147	25.81	0	0.00	17181	0.26	285913	4.29	443864	6.66	1550725	23.25	196975
1976	1530720	18.04	1518270	17.90	4183343	49.31	0	0.00	30849	0.36	310373	3.66	421200	4.96	293575	3.46	13395
1977	2087177	21.82	1287720	13.46	4171882	43.61	0	0.00	17918	0.75	338053	3.53	790217	8.26	501782	5.25	74210
1978	1766956	24.33	285912	3.94	3275903	45.10	0	0.00	28871	0.40	402115	5.54	763750	10.52	329741	4.54	88791
1979	2583112	24.90	407838	3.93	4356828	42.00	130451	1.26	18269	0.18	645995	6.23	1106175	10.66	561193	5.41	1134
1980	1900784	23.98	516749	6.52	3261153	41.14	94515	1.19	24004	0.30	372891	4.70	382630	4.83	819206	10.34	14726
1981	2667932	35.24	485261	6.66	1823185	25.02	93721	1.29	148543	2.04	428538	5.88	290410	3.99	695939	9.55	49884
1982	1908050	30.52	145485	2.33	2188952	35.01	82160	1.31	223060	3.57	545347	8.72	254512	4.07	305731	4.89	72790
1983	2087189	28.89	359156	4.97	2439055	33.76	105153	1.46	244796	3.39	532894	7.38	330293	4.57	387554	5.36	219473
1984	1658763	23.03	515876	7.16	2912858	40.45	73453	1.02	243002	3.37	509861	7.08	282723	3.93	370398	5.14	47208
1985	1334638	18.86	866408	12.24	2691386	38.03	78758	1.11	298408	4.22	496917	7.02	409658	5.79	188899	2.67	87193
1986	1466434	24.71	283002	4.77	2346761	39.54	52127	0.88	192744	3.25	461560	7.78	319767	5.39	165043	2.78	19602
1987	1652118	25.03	672572	10.19	2232344	33.82	85724	1.30	236617	3.59	462031	7.00	302615	4.59	153137	2.32	182511
1988	2216040	30.39	797890	10.94	2200734	30.18	90254	1.24	410048	5.62	559974	7.68	236088	3.24	182404	2.50	34285
1989	2230618	33.05	1204608	17.85	1629232	24.14	91684	1.36	143669	2.13	531083	7.87	140250	2.08	118557	1.76	164700
1990	1623311	28.49	917283	16.66	1114609	20.25	103068	1.87	101054	1.84	556679	10.09	128805	2.34	209980	5.29	128960
1991	1376886	26.48	450548	8.67	1399455	26.82	91738	1.76	179386	3.45	623910	12.00	88922	1.71	209929	4.04	149884
1992	1595372	28.63	812425	14.58	970491	17.42	105429	1.89	284835	5.11	803601	14.42	83513	1.50	168055	3.02	30352
TOTAL	34991998	22.73	15939596	10.36	55331867	35.95	1278234	0.83	4148986	2.70	9458930	6.16	7830226	5.09	12006628		3319952

Legenda:

S1 = Farello de soja
S2 = Soja (grao)
C1 = Café (grao)
L2 = Farello de polpa cítrica
P1 = Carne bovina fresca/refrig/congelac
CA1 = Cacau bruto
A1 = Açúcar demerara
AG1 = Algodão bruto
PE1 = Camarão congelado
PE2 = Peixe congelado

ANO	%	CASTANI-	%	PIMENT	%	FRANG	%	PE1	%	PE2	%	TOTAL
1971	9.89	15369	0.37	45147	1.07	0	0.00	33566	0.80	6272	0.15	4207789
1972	9.03	26190	0.42	37595	0.61	0	0.00	53114	0.86	10422	0.17	6184094
1973	6.88	25736	0.31	44278	0.53	81	0.00	20892	0.25	12603	0.15	8276282
1974	2.83	33074	0.47	57516	0.81	119	0.00	18980	0.27	15660	0.22	7085177
1975	2.95	36962	0.55	58804	0.88	6848	0.10	12575	0.19	20641	0.31	6669347
1976	0.16	33674	0.40	63422	0.75	37669	0.44	21967	0.26	25418	0.30	8483873
1977	0.78	43103	0.45	71637	0.75	57294	0.60	31730	0.33	39275	0.41	9565996
1978	1.22	56728	0.78	100592	1.38	78884	1.09	43759	0.60	41217	0.57	7263220
1979	0.01	87024	0.84	107963	1.04	186427	1.80	125855	1.21	56239	0.54	10374504
1980	0.19	90744	1.14	71783	0.91	271131	3.42	58974	0.74	46912	0.59	7926201
1981	0.68	94360	1.29	70332	0.97	425899	5.84	62082	0.85	50902	0.70	7286988
1982	1.16	79215	1.27	59411	0.95	265809	4.25	85158	1.36	36660	0.59	6252339
1983	3.04	80323	1.11	40435	0.56	281919	3.90	79692	1.10	36336	0.50	7224309
1984	0.66	75090	1.04	83693	1.16	299373	4.16	104254	1.45	24997	0.35	7201548
1985	1.23	117502	1.66	89041	1.26	275903	3.90	112314	1.59	29676	0.42	7076698
1986	0.33	126536	2.13	108043	1.82	262453	4.42	105110	1.77	26430	0.45	5935613
1987	2.77	100031	1.52	146424	2.22	246011	3.73	95450	1.48	32460	0.49	6600044
1988	0.47	122056	1.67	54905	0.75	257466	4.05	100552	1.38	30133	0.41	7292809
1989	2.44	112040	1.66	51308	0.76	273218	4.05	57653	0.85	0	0.00	6748621
1990	2.34	102045	1.85	42094	0.76	326355	5.93	49543	0.90	21158	0.38	5504943
1991	2.89	111273	2.14	50267	0.97	390998	7.52	47401	0.91	28022	0.54	5198520
1992	0.54	149249	2.68	23088	0.41	455594	8.18	57150	1.03	32946	0.59	5572100
TOTAL	2.16	1718323	1.12	147778	0.96	4399450	2.86	137770	0.90	624378	0.41	1.54E+08

Tabela 3.2 - PRODUTOS SEMIMANUFATURADOS - EXPORTAÇÕES AGROINDUSTRIAS BRASILEIRAS EM 1000US\$ FOB DE 1982
E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL EM RELAÇÃO AO TOTAL, período de 1971 a 1972

ANO	S3	%	M1	%	M2	%	P4	%	CA2	%	CA3	%	A2	%	TOTAL
1971	82	0.02	248047	60.20	13982	3.39	42340	10.27	73523	17.84	14771	3.58	19327	4.69	412072
1972	473	0.06	214775	28.39	39334	5.20	120342	15.91	98021	12.96	19049	2.52	264478	34.96	756472
1973	62172	7.22	235034	27.30	61579	7.15	104593	12.15	124453	14.46	17578	2.04	255529	29.68	860939
1974	4159	0.34	188673	15.38	80920	6.60	83296	6.79	220135	17.95	25470	2.08	623765	50.86	1226418
1975	307044	27.46	156099	13.96	61578	5.51	96985	8.67	121111	10.83	24059	2.15	351157	31.41	1118033
1976	336260	36.09	98197	10.54	51330	5.51	170360	18.28	134818	14.47	39799	4.27	100931	10.83	931683
1977	497619	36.20	99808	7.26	30471	2.22	168317	12.24	175704	12.78	301336	21.92	101509	7.38	1374763
1978	476541	35.65	75733	5.67	95303	7.13	167118	12.50	139731	10.45	327143	24.47	55141	4.13	1336710
1979	742485	28.72	120416	4.66	407722	15.77	376332	14.56	271081	10.49	615042	23.79	52192	2.02	2585270
1980	539286	24.83	111501	5.13	475786	21.91	133786	6.16	207515	9.55	287613	13.24	416356	19.17	2171843
1981	654988	36.31	73329	4.06	436583	24.20	126113	6.99	174187	9.66	234320	12.99	104439	5.79	1803969
1982	262045	23.36	56564	5.04	342863	30.56	134175	11.96	141862	12.64	93857	8.37	90634	8.08	1122000
1983	180476	16.80	52377	4.88	359623	33.48	163784	15.25	149576	13.92	138080	12.85	30253	2.82	1074169
1984	632954	36.35	41960	2.41	446842	25.66	154861	8.89	190638	10.95	219816	12.62	54178	3.11	1741249
1985	376462	27.70	53400	3.93	311120	22.89	143703	10.57	231051	17.00	205409	15.11	37966	2.79	1359112
1986	83859	7.55	80945	7.29	373742	33.67	128953	11.62	231344	20.84	152447	13.73	58830	5.30	1110120
1987	196368	14.61	133470	9.93	448372	33.35	208966	15.54	209746	15.60	112757	8.39	34847	2.59	1344527
1988	49459	3.14	141718	9.00	677197	43.01	396601	25.19	187533	11.91	104374	6.63	17787	1.13	1574670
1989	315539	19.81	102979	6.47	705176	44.28	252595	15.86	104886	6.59	76397	4.80	34909	2.19	1592481
1990	323934	20.83	116697	7.51	596780	38.38	293016	18.85	136869	8.80	50531	3.25	36994	2.38	1554822
1991	209880	14.44	139883	9.63	581436	40.02	309617	21.31	126635	8.72	38296	2.64	47265	3.25	1453011
1992	264871	14.16	161559	8.64	740030	39.56	389779	20.84	118857	6.35	33785	1.81	161628	8.64	1870509
TOTAL	6516968	21.46	2703166	8.90	7337770	24.16	4165631	13.71	3569279	11.75	3131928	10.31	2950114	9.71	30374855

FONTE: DECEX e FUNCEX.

Legenda:

S3 = Oleo bruto de soja
M1 = Madeira serrada
M2 = Pasta química de madeira
P4 = Peles e couros
CA2 = Manteiga de cacau
CA3 = Pasta de cacau
A2 = Açúcar cristal

Tabela 3.3 - PRODUTOS MANUFATURADOS - EXPORTAÇÕES AGROINDUSTRIAS BRASILEIRAS - EM 1000US\$ FOB DE 1992.
E PARTICIPAÇÃO EM RELAÇÃO AO TOTAL, período de 1971 a 1992.

ANO	%	C2	%	M3	%	M4	%	L1	%	P2	%	A3	%
1971	1.36	160260	30.51	19300	3.92	0	0.00	108340	22.00	153928	31.25	0	0.00
1972	6.25	201004	29.29	26075	3.80	0	0.00	122768	17.89	149422	21.77	367	0.05
1973	2.33	261061	26.61	78006	7.95	0	0.00	166148	16.94	182201	18.58	16606	1.59
1974	0.00	255347	23.57	109646	10.12	0	0.00	130266	12.02	178277	16.46	132758	12.26
1975	0.23	160712	16.16	34457	3.46	0	0.00	165592	16.65	142097	14.28	252839	25.42
1976	3.04	434258	31.45	58333	4.22	0	0.00	194276	14.07	218746	16.84	195712	14.17
1977	0.88	591596	32.91	73980	4.11	0	0.00	321274	17.87	216633	11.99	236342	13.15
1978	1.00	586013	29.54	140255	7.07	0	0.00	559817	28.21	164030	8.27	203793	10.27
1979	0.50	928244	28.92	311964	9.72	209024	6.51	639469	19.92	288226	8.98	213186	6.64
1980	1.25	376303	15.57	220570	9.13	204637	8.47	444318	18.38	305072	12.62	454342	18.80
1981	4.40	293273	10.11	234375	8.08	264466	9.12	792607	27.33	363092	12.17	476949	16.41
1982	7.74	301225	12.62	146005	6.12	193261	8.10	677560	28.40	294008	12.32	287129	12.03
1983	13.05	292838	10.73	184368	6.76	240934	8.83	707592	25.93	356557	13.06	195358	7.16
1984	2.88	331629	8.92	201488	5.42	391920	10.55	1608872	43.24	348431	9.38	241462	6.50
1985	11.26	299101	10.93	158126	5.78	298768	10.92	850779	31.09	295741	10.81	191132	6.99
1986	3.14	399628	15.25	136617	5.21	437553	16.70	793308	30.28	258684	9.87	222334	8.49
1987	5.40	267593	9.26	161612	5.81	415636	14.94	946289	34.01	264217	9.14	181886	6.64
1988	7.64	233251	6.53	229185	6.42	749415	20.99	1253579	35.11	284105	7.96	177837	4.98
1989	2.06	230733	8.24	157947	5.64	635636	22.69	1063674	37.97	196211	7.01	165519	5.91
1990	0.41	148492	4.86	127321	4.17	697393	22.84	1480222	48.49	134478	4.41	187986	6.16
1991	0.18	97816	4.01	110530	4.53	660962	27.09	904734	37.08	220357	9.03	143006	5.86
1992	0.88	142171	4.76	150639	5.04	722930	24.20	1052776	36.24	333338	11.16	211441	7.08
TOTAL	3.80	6972348	14.02	3070797	6.17	6122536	12.31	14982148	30.12	5328851	10.71	4385975	8.92

Legenda:

S4 = Oleo refinado de soja
C2 = Café solúvel
M3 = Madeira ent/plac/contraplacada
M4 = Papel e suas manufaturas
L1 = Suco de laranja concentrado/congelado
P2 = Carne bovina industrializada
A3 = Açúcar refinado
AG2 = Fios de algodão
AG3 = Tecidos de algodão

ANO	AG2	%	AG3	%	TOTAL
1971	20584	4.18	33391	6.78	492504
1972	67397	9.82	76369	11.13	686286
1973	117590	11.99	137419	14.01	980890
1974	146192	13.50	130796	12.07	1083301
1975	136229	13.69	100542	10.11	994777
1976	156439	11.33	81035	5.87	1380737
1977	218241	12.14	125029	6.95	1797880
1978	197063	9.93	113364	6.71	1984119
1979	352726	10.99	250493	7.80	3209468
1980	237648	9.83	143911	5.95	2416941
1981	221039	7.62	137952	4.76	2900335
1982	188715	7.91	113429	4.75	2385942
1983	228919	8.39	166639	6.11	279253
1984	266195	7.16	221536	5.96	3716401
1985	177551	6.49	157009	5.74	2736203
1986	135288	6.16	164617	6.90	2620276
1987	242990	8.73	171755	6.17	2782324
1988	207031	5.80	163412	4.68	3670680
1989	143655	5.13	149931	5.35	2800786
1990	138938	4.55	125329	4.11	3052805
1991	141641	5.81	156511	6.41	2439921
1992	132740	4.44	214837	7.19	2987220
TOTAL	3874812	7.79	3125307	6.28	49749049

FONTE: DECEX e FUNCEX

APÊNDICE 4

TAXAS GEOMÉTRICAS MÉDIAS DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA, POR PRODUTO

Tabela 4.1 - Taxa Geométrica Média de Crescimento do Valor das Exportações Brasileiras por Produto, em %

PRODUTOS	Período Total		Subperíodos		
	1971/92	1971/81	1982/92	1982/87	1988/92
1. Soja total	3.80 **	19.28 **	-0.05 ns	-2.83 ns	-9.94 ns
farelo	5.19 **	23.00 **	-1.07 ns	-5.54 *	-10.77 *
grãos	1.36 ns	3.84 **	12.47 **	23.75 **	-9.04 **
óleo bruto	20.23 **	127.69 ns	-2.00 ns	-11.46 ns	34.29 ns
óleo refinado	13.37 *	29.00 ns	-27.84 **	-11.71 ns	-51.59 *
2. Café total	-3.54 **	2.88 ns	-8.96 **	-0.18 ns	-16.32 **
grãos	-3.65 **	1.88 ns	-8.88 **	-0.27 ns	-16.38 **
solúvel	-2.28 ns	1215 **	-10.01 **	0.13 ns	-16.87 *
3. Madeira total	10.77 **	13.58 **	9.16 **	7.69 *	-0.95 ns
madeira serrada	1.10 **	-5.39 **	12.80 **	12.30 **	5.69 ns
madeira ent/pl/cont	7.22*	27.17*	-2.47 ns	-1.79 ns	-11.27 ns
pasta química	17.84 **	34.33 **	8.39 **	3.17 ns	-0.15 ns
papel	12.18 **	12.48 ns	13.99 **	16.50 **	-0.32 ns
4. Laranja total	13.44 **	25.06 **	3.36 ns	3.06 ns	-4.32 ns
suco	12.90 **	22.93 **	3.55 ns	4.01 ns	-4.98 ns
farelo de polpa	-0.48 ns	-15.23 ns	2.36 ns	-5.07 ns	3.16 ns
5. Carne bovina total	2.96 **	-0.03 ns	0.94 ns	-1.36 ns	0.22 ns
fresca/refrig./congelada	4.48 **	-20.32 **	-3.00 ns	-0.61 ns	-4.94 ns
industrializada	2.14 **	8.16 **	-4.33 *	-5.15 *	4.45 ns
peles e couros	6.53 **	11.18 **	11.57 **	4.15 ns	1.70 ns
6. Cacau total	-2.01 ns	15.62 **	-10.16 **	5.28 ns	-16.85 **
cru	-4.91 **	11.14 *	-13.24 **	3.30 ns	-22.38 **
manteiga	1.08 ns	8.63 **	-3.84 *	10.37 **	-6.98 ns
liquor/pasta	5.30 *	30.30 *	-4.39 *	1.90 **	-25.30 *
7. Açúcar total	-5.96 **	15.00 *	-3.87 *	12.03 **	9.90 ns
demerara	-9.15 **	-4.76 ns	-6.16 *	-17.40 **	4.16 ns
cristal	-7.07 **	-0.55 ns	1.99 ns	-8.58 ns	60.26 **
refinado	10.84 **	72.56 **	-3.60 **	-5.86 *	2.01 ns
8. Fumo	7.20 **	16.15 **	2.90 **	-3.60 **	9.23 *
9. Algodão total	-1.08 ns	-3.84 ns	1.54 ns	0.08 ns	-1.58 ns
bruto	-4.79 ns	-34.41 **	0.94 ns	-5.65 ns	-3.31 ns
fios	3.41 *	21.33 **	-4.98 ns	-2.03 ns	-8.63 *
tecidos	4.12 **	10.87 **	1.09 ns	4.39 ns	6.07 **
10. Castanha	9.33 **	18.78 **	4.89 **	8.80 *	4.03 ns
11. Pimenta	-0.17 ns	8.32 **	-6.75 *	23.97 **	-16.07 *
12. Frango	36.48**	194.54 **	3.91 **	-1.93 ns	16.18 **
13. Pesca total	4.45 **	14.49**	-6.03 **	2.06 ns	4.64 ns
peixe congelado	5.88 **	10.99 *	-6.74 **	4.30 ns	-12.41 ns
camarão congelado	4.12 **	23.87 **	-1.83 ns	-3.89 ns	2.19 ns

FONTE: Cálculos do autor

* significativo a 5%; ** significativo de 5 a 15%; e ns não-significativo

APÊNDICE 5

RELAÇÃO DAS REGIÕES, DOS BLOCOS ECONÔMICOS E DOS PAÍSES CONSIDERADOS NA ANÁLISE

MUNDO**EUROPA****UE**

Alemanha
França
Reino Unido
Irlanda
Bélgica /Luxemburgo
Holanda
Itália
Espanha
Portugal
Grécia
Dinamarca

EFTA

Áustria
Suíça
Noruega
Suécia
Finlândia
Islândia

NAFTA

Estados Unidos
Canadá
México

AMÉRICA LATINA**MERCOSUL**

Brasil
Argentina
Paraguai
Uruguai

ÁSIA**ORIENTE MÉDIO****“TIGRES ASIÁTICOS”**

Coréia do Sul
Hong Kong
Cingapura

Japão

Tailândia

China

URSS**ÁFRICA****OCEANIA**

Austrália

APÊNDICE 6

RELAÇÃO DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS EXPORTADOS NO MUNDO E DOS AGRUPAMENTOS DE PRODUTOS

COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS EXPORTADOS NO MUNDO

1. Açúcar	- bruto - refinado	12. Girassol	- semente - óleo - torta
2. Carne	- fresca - preparada - seca - peles e couros	13. Milho	- grão - óleo
3. Algodão	- bruto - semente - óleo - torta - fios - tecidos	14. Arroz	
4. Cacau	- grão - pasta - pó - manteiga	15. Trigo	
5. Fumo		16. Cevada	
6. Pimenta		17. Centeio	
7. Laranja	- fruta - suco	18. Aveia	
8. Café	- grão - solúvel	19. Outros cereais	
9. Leite	- fresco - pó - concentrado	20. Madeira	- ent/plac/contraplacada - pasta química - papel
10. Soja	- grão - óleo - farelo - torta	21. Peixe	- fresco - refrig./congelado
11. Colza	- grão - óleo - torta		

AGRUPAMENTOS DE PRODUTOS:

- 1. Grãos oleaginosos**
 - Girassol semente
 - Colza grão
 - Soja grão
 - Algodão semente

- 2. Óleos**
 - Algodão
 - Soja
 - Colza
 - Girassol
 - Milho

- 3. Farelos/Tortas**
 - Algodão
 - Soja
 - Colza
 - Girassol

- 4. Cereais**
 - Milho
 - Arroz
 - Trigo
 - Cevada
 - Centeio
 - Aveia
 - Outros cereais

APÊNDICE 7

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES TOTAIS BRASILEIRAS E SALDO DA BALANÇA COMERCIAL

Tabela 7.1 - Exportações totais brasileiras, importações totais brasileiras e saldo da balança comercial, em milhões de dólares de 1992. Período 1982 - 92 (média móvel de 3 anos)

ANOS	SALDO	EXPORTAÇÕES	IMPORTAÇÕES
1982	-446	26037	26486
1983	3297	25730	22436
1984	7773	26808	19028
1985	12195	28434	16238
1986	12924	28653	15729
1987	12210	28386	16176
1988	14487	31014	16528
1989	16858	34264	17407
1990	16228	34859	18631
1991	12768	33117	20341
1992	12261	33105	20836

Fonte: FGV.

Obs: Dados corrigidos pelo índice de preços no atacado dos Estados Unidos.

Figura 7.1 - Balanço comercial brasileiro, 1992 milhões de US\$ de 1992